



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Maria Goreth Santos

**“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”:
representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos**

Rio de Janeiro

2008

Maria Goreth Santos

**“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”:
representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profª Drª Cecília Loreto Mariz

Rio de Janeiro

2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/ CCS/A

S237

Santos, Maria Goreth.

“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”:
representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos/ Maria
Goreth Santos. - 2008.

150 f.

Orientadora: Cecília Loreto Mariz.

Tese (doutorado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Bibliografia

1. Protestantismo - Teses. 2. Sexualidade - Teses I. Mariz,
Cecília Loreto. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 283/289

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

Assinatura

Data

Maria Goreth Santos

**“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”:
representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em: 09 de outubro de 2008.

Banca Examinadora:

Profª Drª Cecília Loreto Mariz (Orientadora)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Profº Dr Amir Geiger
Centro de Ciências Humanas da UNIRIO

Profª Drª Fabíola Rohden
Instituto de Medicina Social da UERJ

Profª Drª Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UERJ

Profª Drª Maria das Dores Campo Machado
Escola de Serviço Social da UFRJ

Rio de Janeiro

2008

DEDICATÓRIA

À Bruna, minha afilhada do coração.
Que ela tenha sempre prazer pelo conhecimento, e que isso a leve longe!

AGRADECIMENTOS

A Deus, toda honra, toda glória, todo louvor!

À minha mãe e à dona Marília duas pessoas que irei amar e respeitar sempre! Sem elas, boa parte dessa conquista não seria possível.

Ao William Pujol, meu grande companheiro, cujo apoio e incentivo têm sido decisivos para as minhas conquistas.

À professora Cecília Loreto Mariz que dedicou durante estes anos, não só preciosos momentos de seu tempo a me orientar em meus estudos acadêmicos, como também sua amizade.

Aos professores Amir Geiger, Fabíola Rohden, Maria das Dores Machado e Marcia Contins, por fazerem parte de minha banca examinadora e contribuírem com suas sugestões para o meu aprimoramento intelectual.

À FAPERJ, por ter me possibilitado investir em meu saber nos dois primeiros anos dessa jornada.

A todos os meus informantes que me dedicaram parte do seu tempo para me conceder não somente as entrevistas, mas suas experiências de fé e dedicação religiosa.

Aos colegas, professores e secretaria do PPCIS, por todos esses anos de trocas e amizade.

A todos os amigos e colegas de trabalho (nomeá-los seria impossível) que estiveram ao meu lado durante esse tempo. Além de darem preciosas contribuições, ouviram durante muito tempo as minhas lamentações nos momentos de desânimo, e até transcreveram fitas (Obrigada Márcia!), tudo para que eu não desistisse. Eles foram fundamentais para que eu chegasse até aqui.

Um agradecimento especial para Isabel Mendes, Luiz Antônio Oliveira e Cláudio Crespo, chefes e colegas, que permitiram que eu deixasse o trabalho um pouquinho de lado para finalizar essa tese.

RESUMO

SANTOS, Maria Goreth. **“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas me convêm”**: representações sobre sexualidade entre solteiros evangélicos. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

O estudo de uma comunidade de um *site* de relacionamento virtual (o *Orkut*) formada por solteiros evangélicos com o propósito de se conhecerem e trocarem opiniões a respeito de sexualidade, casamento e relacionamentos dentro dos preceitos cristãos evangélicos, foi ponto de partida para a análise das representações e valores sobre sexualidade e relação sexual pré-nupcial de jovens adultos vinculados a igrejas evangélicas no Rio de Janeiro. O objetivo dessa pesquisa era refletir sobre os discursos desses jovens, tanto no que diz respeito ao seu comportamento sexual, quanto ao que pensam sobre as proibições de suas lideranças religiosas às práticas da vida sexual em geral e em especial à prática pré-nupcial. Foram observadas discordâncias e autonomia por parte desses jovens em relação à autoridade da instituição religiosa. No entanto, apesar dessa autonomia frente ao cumprimento das doutrinas da moral sexual, e também apesar da atribuição de novos significados ao discurso religioso evangélico dominante, observa-se que jovens solteiros evangélicos permanecem ligados a valores sexuais evangélicos e de suas instituições. Sugere-se que essa ligação se explique pela promessa de segurança afetiva e familiar oferecida pelos princípios ético-morais tradicionais em uma sociedade percebida como sem controle social e moral.

Palavras-chave: Religião. Protestantismo. Sexualidade. Instituição. Modernidade.

ABSTRACT

Studying a virtual relationship site community (*Orkut*) formed by single Evangelical young people with the purpose of offering a space for meeting and exchanging opinions about Christian Evangelical sexuality and marriage was the departure point for an analysis of Rio de Janeiro Evangelical churches young adults' representations and values on sexuality and prenuptial sexual relationship. This research aimed to discuss not only these young people discourses on their sexual behaviors, but also their opinion about religious leaderships' prohibitions to certain sexual practices specially the pre-nuptial ones. This study revealed that Evangelical young people disagree and are autonomous in relation to their religious institution authorities. Despite their autonomy in relation to hegemonic Evangelical values and their ability to attribute new meanings to Evangelic religious speech, Evangelical single young people continue very connected to Evangelical sexual values and also to Evangelical institutions. This connection may be explained by the these traditional ethical-moral principles promise of an affective and familiar safety in a society perceived as full of risks and out of control, both in social and moral terms.

Key-words: Religion. Protestantism. Sexuality. Institution. Modernity.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	MODERNIDADE, SECULARIZAÇÃO E INDIVIDUALIDADE	23
1.1	O processo de transição	24
1.2	Pluralismo religioso e escolhas individuais	29
1.3	Individualismo e liberdade: a contradição protestante	35
1.4	Instituição e indivíduo na igreja evangélica	38
2	SEXUALIDADE: ENTRE O PRAZER E O PECADO	46
2.1	Teorias sobre a sexualidade	49
2.2	Religião e sexualidade	56
2.3	O que dizem as lideranças evangélicas brasileiras	58
3	A DISTÂNCIA ENTRE NÓS – A QUESTÃO METODOLÓGICA	65
3.1	Definição do grupo	66
3.2	Iniciando as entrevistas	70
3.3	Perfil dos entrevistados	76
3.4	Trajetórias de vida	77
4	EVANGÉLICOS E SOLTEIROS	81
4.1	Trajetórias religiosas	81
4.2	A sexualidade fora do casamento	85
4.3	Castidade ou virgindade?	88
4.4	Virgindade e masturbação – a diferença entre homens e mulheres	98
5	A SEXUALIDADE DENTRO DO CASAMENTO: A FAMÍLIA COMO OBJETIVO	106
5.1	Família ou realização profissional? O dilema das jovens solteiras	106
5.2	Casamento com infiel: o jugo desigual	115
5.3	Comportamento reprodutivo e práticas sexuais: uma posição conservação	119

5.3.1	<u>Sobre a prevenção</u>	119
5.3.2	<u>Sobre o aborto</u>	121
5.3.3	<u>Sobre a homossexualidade</u>	123
6	CONCLUSÃO	126
	REFERÊNCIAS	136
	ANEXO 1: Página da Comunidade Solteiros Cristãos, no Orkut.....	145
	ANEXO 2: Roteiro etnográfico de entrevista.....	146
	ANEXO 3: Roteiro de entrevistas.....	148

INTRODUÇÃO

A escolha do tema

Dois episódios ocorridos dentro de uma igreja evangélica aproximadamente seis anos atrás me chamaram a atenção para um fato: a repressão moral de um fiel em função da prática sexual antes do casamento, e a sua subsequente confissão em púlpito diante da igreja reunida em assembleia, que decidiria sobre o seu futuro na instituição, ainda era uma prática usual.

Participante de uma igreja evangélica desde os vinte anos fiz parte de diversas “reuniões de mocidade”, como são chamadas as reuniões entre os jovens (fundamentalmente solteiros), aos domingos. Diversos assuntos eram tratados, inclusive o da castidade. Mas se esse assunto era discutido, o tema sexualidade, era passado a largo. As questões sobre sexualidade quase sempre eram direcionadas aos jovens casados ou noivos, nunca aos solteiros.

O manter-se virgem, das palestras oferecidas, não era um discurso só para evitar a promiscuidade ou as DSTs. Dizia respeito ao cuidado com o corpo, ao respeito com a pessoa, a valorização de si, e principalmente, era uma obediência aos ensinamentos bíblicos. Segundo os líderes, a castidade antes do casamento era um mandamento e o sexo pré-nupcial era pecado contra Deus; quem o cometesse estava fadado a sofrer as sérias conseqüências da desobediência. Dentre várias, a mais humilhante era ser excluído da comunidade religiosa da qual se fazia parte.

Esta atitude tinha duas razões principais, segundo os líderes: 1. Manter o corpo (igreja) limpo, puro, imaculado, sem pecado e; 2. Servir de exemplo àqueles que não seguiam os princípios bíblicos e doutrinários da igreja.

Nunca percebi qualquer questionamento, por parte dos jovens, a esses princípios. Parecia consenso para todos que a doutrina pregada pela igreja era para ser respeitada incondicionalmente. Até então não havia presenciado nada que pudesse revelar o contrário.

O primeiro episódio foi bastante significativo. Uma jovem evangélica, 26 anos, bastante atuante na igreja, filha de um casal simples, tradicional quanto aos costumes morais, e bastante respeitado na igreja fica grávida de um rapaz não

convertido, revelando não apenas seu envolvimento com alguém fora do grupo religioso, mas também sua atividade sexual pré-nupcial. Uma questão que podia ser de foro íntimo, revelou-se “um problema” que precisava ser resolvido em assembléia extraordinária, exigindo a presença da maioria dos membros. As medidas a serem tomadas eram a confissão do pecado e o pedido de perdão por parte da jovem, e em seguida, se fosse decisão da igreja como um todo, a sua exclusão do rol de membros.

Ritual bastante constrangedor, que coloca o “pecador” no banco dos réus, fazendo-o passar por um momento bastante humilhante, serve como exemplo para que outros não repitam o mesmo erro. Apesar do constrangimento, por decisão da igreja, a jovem não foi excluída do rol de membros, mas ficou sujeita a diversos interditos, principalmente o social, que se estabelece dentro do espaço social da igreja. Ser mãe solteira ainda é um estigma que as jovens de igrejas evangélicas têm que enfrentar. Também não podia participar de algumas atividades, tais como cantar no coral, dar aulas nas escolas bíblicas dominicais e outras. Interditos para quem cai na tentação e precisa ser corrigido para poder voltar ao convívio da congregação.

O segundo episódio, algum tempo depois, ocorreu desta vez com um rapaz, filho de membros fundadores da igreja, influentes nas decisões da igreja e muito conservadores. O rapaz engravidou uma moça também de fora da igreja. Tendo que passar pelo mesmo ritual anterior, o rapaz passou pelo constrangimento face a face (no primeiro caso, à moça foi permitido enviar o pedido de perdão por carta devido o seu estado de gravidez) e recebeu a mesma sentença. Não seria excluído sumariamente, mas assumiria seus erros e o compromisso com a jovem com quem se envolveu. Numa cerimônia simples casaram-se algum tempo depois.

Estes episódios demonstram a dificuldade que as igrejas têm passado ao tentar conservar seus valores morais mesmo dentro de suas paredes. Mas revelam alguns pontos que merecem ser ressaltados e que serão analisados posteriormente. Em primeiro lugar, embora haja denominações que excluem seus membros em função de seus deslizes, é cada vez mais recorrente a possibilidade de negociação dos membros desviantes para permanecerem no grupo. Em segundo lugar, o que aponta mais visivelmente a relação sexual pré-marital é a gravidez indesejada. E neste ponto as jovens solteiras estão mais sujeitas à revelação de seus deslizes.

E por último, a gravidez indesejada é o principal sinalizador, também, de que os jovens evangélicos que se iniciam na prática sexual não se previnem. Isto porque, não há qualquer aconselhamento para a prática de proteção e anti-conceptiva para jovens solteiros uma vez que estes são orientados à não se relacionarem sexualmente antes do casamento. Os jovens, por sua vez, parecem também não tomar as providências necessárias para a proteção e evitação da gravidez, e embora a igrejas dizem não ter uma estatística do número de gravidezes indesejadas entre jovens e adolescentes evangélicos, assumem que este número é bastante grande.

Contextualizando o tema

O tema da sexualidade teve nos últimos trinta anos, com o advento da AIDS, ocupado um enorme espaço nas pesquisas acadêmicas. Médicos, psiquiatras, psicólogos e, atualmente, cientistas sociais têm se debruçados em análises que expliquem a diversidade de questões que envolvem o tema. Da perspectiva das Ciências Sociais a sexualidade é uma construção social e, portanto, a forma de vivenciá-la será também definida a partir de valores, sentimentos e comportamentos definidos a partir de cada sociedade. Mas definir exatamente o que é sexualidade tem sido um trabalho árduo e “*um objeto em pleno processo de construção*” (Loyola, 1998:10)¹.

Discutir sobre o tema da sexualidade é pensar na ordem social que ela representa ou legitima (Maurice Godelier *apud* Loyola (1998)). Como aponta Laqueur (2001), citando Foucault, é uma forma de moldar o *self* “na experiência da carne”, que por si só é constituída em torno de certas formas de comportamento.

Segundo a Antropologia, o exercício da sexualidade demarca uma etapa importante na vida de homens e mulheres, e a iniciação sexual é importante na construção social do masculino e do feminino. Por isso, a iniciação do exercício da sexualidade do indivíduo, em diferentes sociedades, é marcada por ritos de passagem, mas também por diversas formas de controle social. Instituições como

¹¹ Sobre a temática da sexualidade há inúmeras obras: Freud (2002), Foucault (2001), Laqueur (2001), Landman (1999), Giddens (1993) só para citar alguns; nas discussões sobre o tema nas Ciências Sociais, no Brasil, ver os trabalhos de Loyola (1998), Bozon (2004), Heilborn (1999, 2004), Rohden (2005), Duarte (2005) e outros.

família, escola e igreja estabelecem regras de como jovens e adultos devem se comportar sexualmente.

Uma dessas formas de controle, a religião, e sua influência sobre as representações e práticas dos jovens com respeito à sexualidade tem sido uma outra abordagem bastante profícua, principalmente no campo da Sociologia. Diversos trabalhos, seminários, debates e muitas vezes embates têm sido produzidos com o propósito de compreender como determinada religião enfoca a sexualidade².

A pesquisa desenvolvida por Fabíola Rohden e a equipe Gravad³, realizada em 2002, entre jovens de 18 e 24 anos, procurou mostrar como esses jovens, de diferentes classes sociais e inserção religiosa (católicos, pentecostais e sem religião), se comportavam frente aos valores afetivo-sexuais. Alguns dados importantes foram coletados por esta pesquisa, entre eles a de que o pluralismo religioso, a mobilidade e trânsito religioso dentro de um imenso mercado religioso brasileiro, são uns dos aspectos importantes, na análise de mudanças nas representações e práticas dos jovens evangélicos. Dois dados são bem importantes: o primeiro, o fato da pesquisa mostrar como o comportamento religioso afeta de forma diferenciada homens e mulheres; e o segundo revelou que a virgindade é um valor importante, principalmente para os evangélicos, na pesquisa, representados pelos pentecostais. Apontada como motivo de orgulho por uns, e decisão de cada um, por outros, tem sido um diferencial importante na construção da identidade religiosa dos evangélicos (Heilborn et al 2005).

A virgindade, como um valor moral está presente em diversos grupos religiosos, mas é no cristianismo que a questão toma um vulto maior. Por muitos séculos, a teologia cristã considerou o sexo como sujo e maligno e, a prática sexual permitida apenas dentro do casamento, sempre teve como propósito principal a procriação. O monitoramento dos fiéis e, principalmente, o controle quanto aos seus impulsos sexuais, sempre recebeu um cuidado maior das instituições religiosas⁴.

² Na literatura brasileira sobre o assunto e análises da relação entre religião e sexualidade ver os trabalhos de Heilborn (2005), Duarte (2005), Machado (1995, 1996, 1998 e outros), Mariz (1990), Giumbelli (2005) e outros e há ainda os trabalhos de inúmeros líderes religiosos..

³ Pesquisa Gravad (Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil) é um núcleo de pesquisa que conta com a colaboração de diversos pesquisadores de diversas universidades (IMS/UERJ, INED/Paris, MUSA/ISC, NUPACS/UFRS) (Heilborn, 2005)

⁴ (Laqueur,2001; Ranke-Heinemann, 1996; Eisler, 1996; Delumeau, 2003 e outros)

O objetivo dessa pesquisa é refletir sobre esses temas tomando como ponto de partida discursos de solteiros evangélicos participantes de uma comunidade virtual (o Orkut), autodenominada de “Solteiros Cristãos”⁵. Este grupo não é a única fonte da pesquisa, mas também um encontro de solteiros, viúvos e divorciados denominado “Sós”; literatura especializada no assunto produzida por líderes religiosos para instruir os solteiros, assim como, as observações como participante de congressos, encontros e cultos ao longo de tantos anos, não só de estudos, como também atuante das atividades rituais.

Com essa pesquisa pretendo mostrar que representações e práticas sobre sexualidade, prazer e pureza engendradas por solteiros evangélicos revelam transformações importantes. Se de um lado, tendo como base os discursos da lideranças evangélicas, reproduzem o discurso por elas produzido, de outro, negociam e redefinem essas representações favorecendo novos processos de simbolização de significações e de conduta frente a uma sociedade em constante transformação, identificando como o indivíduo se coloca em relação à instituição e o quanto ele pode negociar o monitoramento de sua vida privada, mesmo estando em um mundo de pluralidade de opções religiosas.

No contexto de mudanças no comportamento religioso, que já vem sendo observadas por diversos pesquisadores da religião, pelo menos três fenômenos ocorridos no interior das igrejas evangélicas, são observáveis. O primeiro, o fato de alguns membros de igrejas evangélicas se sentirem à vontade em continuar no grupo religioso mesmo a despeito da desobediência às regras da instituição. Marcelo Natividade (2003) ao analisar os evangélicos homossexuais pôde mostrar que, ainda que seja uma minoria, o comportamento por parte desses membros, indica que valores da moral sexual têm sido relativizados por esses fiéis.

Fato que considero significativo, uma vez que na última pesquisa do Instituto de Estudos da Religião (ISER), intitulada “Novo Nascimento” (Fernandes, 1998), a posição dos evangélicos apareceu sempre muito rígida quanto aos valores morais: 89% dos evangélicos opinaram que “a moral sexual do homem e da mulher devia ser igual”; 84% concordaram que “a mulher deve chegar virgem ao casamento”, enquanto que 69% esperavam que “o homem deve chegar virgem ao casamento” e ainda os dados sobre a homossexualidade que revela ser o principal

⁵ Vide ANEXO 1 primeira página da comunidade

motivo para a exclusão da igreja, com 53% da opinião dos entrevistados, vindo em seguida o adultério, com 52% e a mãe solteira com 33% dos votos.

Estes dados sugerem que na teoria ou no discurso a moral ascética dos protestantes não mudou, fazendo-nos crer que a despeito das transformações na sociedade, principalmente quanto ao comportamento sexual, as igrejas evangélicas continuam rígidas na doutrina do controle da moral sexual. Mas, na prática a realidade tem se apresentado diferente no interior dessas igrejas. Diversos estudos já apontam para essas mudanças, dentre eles os últimos trabalhos de Araújo (1994), Barros (2001), Natividade (2003), só para citar alguns.

O segundo fenômeno se revela com a intensa e extensa publicação de literatura evangélica que apelam para a preservação da abstinência sexual, não só para os jovens evangélicos, mas para a sociedade como um todo, com o objetivo de estender aos “jovens do mundo” os valores morais sexuais considerados sagrados. Como exemplo, temos a campanha “QUEM AMA ESPERA”.

Começada no Brasil em 1995 e encabeçada pelas igrejas batistas, o objetivo de tal campanha é incentivar fundamentalmente jovens e adolescentes a permanecerem “puros” até o casamento; conscientizar o jovem cristão da necessidade da monogamia e fidelidade conjugal como únicos métodos para evitar “desvios sexuais”. Isso revela que as igrejas evangélicas têm uma moral sexual que consideram ideal, não só para os seus membros, como para a sociedade como um todo. E isso se estende em seus posicionamentos diante de questões sobre o aborto e a homossexualidade. Muitas vezes apresentando confrontos abertos sobre esses assuntos, a liderança evangélica propõem como soluções, a conversão das pessoas envolvidas.

Essa mensagem abrangente, que universaliza a mensagem ético-moral e escatológica não só para os indivíduos de confissão religiosa, mas à sociedade como um todo é um princípio das grandes religiões universais, como afirma Danièle Hervieu-Léger (2005).

Na última pesquisa realizada pelo Datafolha⁶ em março de 2007, quando se tratava de aborto e união pessoas do mesmo sexo, os evangélicos (divididos nas categorias pentecostais e neo-pentecostais) eram os mais conservadores.

6 Pesquisa Datafolha - http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=444

Finalmente, as transformações ocorridas no campo religioso brasileiro, que vêm mostrando deslocamentos importantes de fiéis não só de uma religião para outra, como também o trânsito interdenominacional, quando evangélicos trocam de denominações, saindo das igrejas tradicionais para pentecostais, ou neopentecostais. O surgimento de um grupo denominado “sem religião”, também foi bastante significativo⁷. Esses dados, retirados do último censo nacional, nos ajudam a compreender a importância da instituição na vida dos fiéis. Numa sociedade de crescente liberação dos costumes, no que diz respeito à sexualidade, cada vez mais liberal, como os fiéis interpretam o controle, sobretudo das lideranças religiosas, sobre questões que dizem respeito ao *ethos* privado? O que leva os jovens, em um momento de pluralidade de crenças, escolher uma denominação de rigidez moral?

Diante desse cenário, o tema escolhido é mais uma contribuição para que possamos entender a dinâmica de mudanças no contexto das igrejas evangélicas.

Objeto de estudo

O grupo escolhido como objeto dessa pesquisa apresenta alguns comportamentos diante de suas denominações que nos fazem perceber como os membros de igrejas evangélicas, nesse caso os solteiros, lidam com a questão da sexualidade. De que forma, com a premissa de liberdade individual, que caracteriza tanto a sociedade moderna quanto a comunidade protestante, o grupo se confronta com a repressão, principalmente sexual, que as denominações evangélicas operam?

Se na sociedade moderna permanecer solteiro já não é um problema tão grande como era no passado, dentro das igrejas ainda o é, e se agrava quando é preciso ter o compromisso com a fé que professa. E casar-se com cônjuge da mesma fé e manter-se puro até o casamento são dois desses compromissos.

O Ministério Nacional Apoio e a Rede Sepal de Pesquisas⁸, preocupados em envolver os solteiros em atividade nas igrejas a que pertencem, em 2005, realizaram uma pesquisa envolvendo 529 participantes, todos, como são denominados, “Sós”, com idade acima de 30 anos. Intitulada “Pesquisa com

7 IBGE: Censo 2000

⁸ Instituições Evangélicas que têm como objetivo apoiar igrejas treinando e oferecendo capacitação na implementação de programas que incluam a população solteira dessas igrejas.

solteiros, divorciados e viúvos”⁹ esta pesquisa, segundo seus idealizadores, teve como objetivos:

“conhecer a realidade afetiva, sexual, familiar e social das pessoas que estão sem casamento no meio evangélico (...), conhecer o índice de aceitação que a Igreja Evangélica Brasileira tem dado a essas pessoas” (SEPAL PESQUISAS:2005/2006)

Divididas quase sempre em faixas etárias ou estado civil, segundo os entrevistados, as atividades dentro das igrejas vão se rareando para aqueles que chegam aos 30 anos solteiros. O solteiro ocupa um “não-lugar” nas igrejas, principalmente quando ele passa da “idade limite” para casar. Além de considerarem as atividades dirigidas aos jovens (geralmente aos solteiros) sem atrativos para seus interesses, esse grupo ainda passa pelo constrangimento de estarem quase sempre justificando seu solteirismo. Realizada entre várias denominações evangélicas do país, a pesquisa entrevistou homens (14%) e mulheres (85%). Alguns dados são importantes para traçar um perfil desse grupo. O primeiro deles reflete a realidade do país no índice de pessoas solteiras do sexo feminino. A pesquisa aponta como sendo na faixa etária entre 31-40 anos e de mais de 60 anos, o maior número de mulheres sozinhas. Outro dado importante, diz respeito à escolaridade e a renda dos entrevistados. Entre os participantes, 71% têm nível superior e 42% têm renda mínima entre 1 a 5 salários mínimos e 35% têm entre 6 a 12 salários mínimos.

A pesquisa confirma aquilo que as igrejas têm como preocupação: 73% dos entrevistados freqüentam igrejas onde não há atividades específicas para esse grupo. Também revela que 84% gostariam de encontrar um companheiro/a para se casar. Mas do ponto de vista desses entrevistados, a *“pessoa solteira, descasada ou viúva que tem compromisso de fé cristã tem mais dificuldade de encontrar um cônjuge”*.

Líderes e “Sós” concordam que ainda hoje, apesar de ampliada a idade para o casamento, ainda há muito preconceito no tratamento aos solteiros. O rótulo de encajado/a geralmente é dado àquele/a que chega aos trinta anos sem casar.

Em entrevista à Revista Enfoque, um periódico evangélico, a webmaster e criadora da Comunidade no Orkut “Solteiros Cristãos”, aos 34 anos, confessa que

⁹ http://www.ministerioapoio.org.br/v3/downloads/pesquisa_15-07-2007.pdf

sofria pressão por parte da família e da igreja pelo fato de ainda não ter se casado. Chegou a ser chamada de enalhada, e que ia “ficar para titia”, caso não “corresse” atrás de um marido. Essa foi uma das razões que a motivou criar a comunidade: colocar em contato pessoas com o mesmo “problema”.

Dentro do chamado grupo dos “Sós”, que além de solteiros, integra viúvos e divorciados, um rapaz foi selecionado como informante.

Contextualizando teoricamente

Esta tese parte da hipótese de que, os fiéis, jovens solteiros, se autonomizaram com relação às doutrinas da moral sexual pregada por suas denominações, mesmo a despeito do controle institucional. Mas não o fizeram de modo arbitrário, ao contrário, dão novos significados ao discurso religioso dominante integrando elementos de seus princípios religiosos para justificarem suas atitudes de obediência ou não.

No entanto, as instituições religiosas ao possuírem um forte apelo comunitário, faz com que os indivíduos se sintam seguros - pois nelas encontram ainda traços, não só de solidariedade, mas também princípios tradicionais -, e as tenham como referenciais de apoio. Em circunstâncias adversas de insegurança social, os indivíduos buscam a segurança no conhecido, na religião, no tradicional apoio familiar. Não é à toa que os líderes evangélicos estão sempre chamando a atenção sobre os acontecimentos escatológicos da sociedade moderna, na crescente e urgente necessidade de busca no espiritual como resposta para o descontrole social. Essas instituições servem de “porto seguro”, quando tudo parece descontrolado e sem saída. Sendo assim, os solteiros evangélicos permaneceriam ligados aos valores sexuais de suas instituições, a despeito dos constrangimentos a que são expostos, em função dessa promessa de segurança afetiva e familiar oferecida pelos princípios tradicionais.

Sendo assim, as igrejas evangélicas, embora tenham cedido a algumas mudanças ocorridas na sociedade, elas não podem abrir mão totalmente de seus referenciais, que estão sempre baseados em seus valores ético-morais, sob o risco de perder sua importância. A própria rigidez doutrinária com relação aos valores

morais, parece ser aceita por seus membros como forma de garantir sua permanência.

Desta forma a instituição precisa controlar seus membros como tentativa de garantir sua própria sobrevivência, como forma de dar plausibilidade à sua existência, e faz isso salvaguardando suas doutrinas; conferindo a elas um poder transformador das vidas daqueles que a buscam. São elas que irão conferir confiabilidades àqueles que buscam um lugar para ajudá-los a resolver seus problemas, e irão respeitá-las, mesmo quando parecer difícil em alguns momentos.

Esta análise se baseia nas tradições teóricas que partem do princípio de que a realidade social é resultado do engajamento de indivíduos no processo de construção de regras e valores que dão significado a ordem social. A abordagem centrada na subjetividade individual nos permite compreender contradições e articulações entre a cultura e o cotidiano vivido *“dos indivíduos considerados do ponto de vista de seu engajamento real em situações intermediadas pelas práticas coletivas”* (Giarni, 1998:210).

De acordo com o desencantamento, o mundo contemporâneo é um mundo desencantado, não só na perspectiva weberiana do termo, mas também no sentido da desilusão, da decepção. Vivemos em um mundo violento, corrupto, consumista e hedonista, e apesar desse ser o espírito da modernidade, percebe-se o desconforto em viver em um mundo tão instável. Família e religião (igreja), apesar dos aspectos pragmáticos e utilitaristas concebidos pelos indivíduos em momentos de sofrimento e distúrbios emocionais, continuam como instituições no legado dos valores religiosos e morais.

Estudos realizados por Ari Pedro Oro (2004) e Maria das Dores Machado (2004) demonstraram que mesmo os jovens universitários buscam o arrimo na família ou em algum grupo religioso, em momentos de crises. Mas essa busca, principalmente no que diz respeito à religião, tem sido cada vez mais subjetiva e com raras participação em *“rituais religiosos coletivos”*.

Dessa perspectiva é possível perceber que as mudanças ocorridas no comportamento dos fiéis com relação à denominação evangélica a que pertencem, são resultados da nova configuração que se tem hoje na participação em um grupo religioso, do qual se pressupõe um determinado grau de liberdade onde não caberia mais um modelo religioso que não se coadunasse com uma visão de mundo, onde o indivíduo possa ter o controle de seus direitos individuais. No entanto, apesar da

liberalidade de algumas denominações, outras continuam controlando seus fiéis com rigor, e a manobra que estes fazem para continuar participando do grupo religioso revela a importância da instituição apesar do controle. De acordo com Rubens Alves (2004), o fascínio que o mundo religioso com sua estrutura rígida e simples tem, está em seu poder em transformar o caos em ordem:

“A eficácia existencial e social da religião deriva do seu poder de fazer algo com o homem dando-lhe forças (Durkheim), dando-lhe um sentido para viver e morrer. Quando uma religião deixa de ter esse poder para fazer algo com o homem ela fenece e morre” (ALVES, 2004: p.33).

Assim, analisar a eficácia da instituição igreja, e verificar a sua importância enquanto detentora de uma ordem moral significa compreender o lugar que ela ocupa na vida do fiel. Através dos discursos aqui analisados é possível perceber a função dessas instituições.

A estrutura dos capítulos

Esta tese é composta de uma introdução, cinco capítulos e conclusão como segue:

No primeiro capítulo é analisado o processo de transição para a modernidade e em seguida o processo de transformação da intimidade, como período fundamental para compreender o indivíduo evangélico e sua relação com as mudanças ocorridas nesse período, assim como, observar as formas de controles a que está submetido. As análises sociológicas que buscam compreender o processo de secularização da sociedade moderna são os eixos constitutivos desse capítulo.

No segundo, através da análise das abordagens sobre o tema da sexualidade já realizadas pelas Ciências Sociais, é demonstrado como esta questão ocupa um lugar significativo nas igrejas evangélicas, tornando-a em um “grande sermão”, que conclama todos os jovens, crentes ou não a vivenciar os valores morais sexuais bíblicos, em uma vida casta até o casamento.

No terceiro capítulo é apresentada a metodologia utilizada, a definição do grupo estudado, com seus perfis e trajetórias de vida.

No quarto é desenvolvido, o que considero o foco da pesquisa: o indivíduo consigo mesmo, sua relação com os anseios individuais e a moral evangélica da

instituição a que pertence. Através da análise das entrevistas, são apresentadas as respostas dos solteiros sobre a forma como eles lidam com o dilema entre a doutrina e os desejos sexuais, como cada um lida com seu corpo e sua sexualidade. E qual a importância do pertencimento a uma instituição religiosa. Busco o que há nesses discursos que indique continuidade ou não dos discursos dominantes no meio evangélico.

E no quinto e último capítulo, é analisado a importância que os solteiros dão à construção de uma família e como isso se reflete na percepção do comportamento sexual adequado, ou seja, na medida em que a família é o objetivo do casamento, ele pressupõe a união heterossexual, como única forma capaz de possibilitar a procriação. Pelo mesmo motivo, práticas sexuais antes do casamento, e principalmente, a prática do aborto são proibidas.

Na conclusão, essas reflexões são trazidas à tona novamente, para que em conjunto sejam melhor analisadas.

CAPÍTULO 1

Modernidade, secularização e individualidade

“Falar da ideologia protestante é falar de nomes, de rótulos, nomes e rótulos que os protestantes aplicam sobre si mesmos, sobre o seu mundo, sobre o seu corpo e o seu eros. E, inversamente, olhando para os seus corpos, os seus rostos, as suas mãos, os seus amigos e inimigos, ódios e amores, os seus locais proibidos e permitidos, teremos pistas para compreender a sua linguagem” (Alves, 2004)

O contexto da sociedade moderna é marcado pelo processo de individuação e secularização, por transformações diversas, tanto institucional, quanto no contexto da vida social cotidiana. O que caracteriza esse momento é a deterioração do monopólio de instituições detentoras de um poder capaz de controlar a vida dos indivíduos, em função de posições reais de poder reconhecidas no meio social, que legitimavam um conhecimento sobre as coisas dos céus, como as instituições religiosas; sobre as coisas da vida íntima, como as instituições familiares e, sobre os conhecimentos sobre si e do mundo, ainda controlados por instituições científicas e educacionais.

Nova dinâmica nas relações sociais é construída a partir do momento que uma maior participação do indivíduo na esfera social é cobrada. A esfera religiosa perde sua autonomia de visão global de mundo, permitindo aos indivíduos uma maior percepção de si e de sua responsabilidade na construção da vida cotidiana. A religião recua para a vida privada, e passa a ser um processo de escolha individual, e dentro de uma pluralidade de opções, predominará aquela que melhor satisfizer as ansiedades individuais. Assim, características fundamentais da sociedade moderna, a liberdade e a autonomia, pressupõem a ausência cada vez maior do controle institucional.

O objetivo desse capítulo é mostrar como as mudanças ocorridas no processo de transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna fez surgir a figura do indivíduo e nesse processo de individuação como as transformações que se operaram no interior da sociedade, reestruturou os comportamentos em todos os níveis, tornando a relação com os compromissos, mesmos os religiosos, algo fluido e destituído de envolvimento permanente e, neste contexto, mostrar como o protestantismo, apesar de ser uma religião individualista e prezar pela liberdade individual, teve que lidar com todas essas transformações.

O Processo de Transição

Vários autores já refletiram sobre as mudanças ocorridas na relação do indivíduo com a religião, na relação com os líderes religiosos e no comportamento dos crentes sob a influência das mudanças sociais ocorridas nos últimos séculos. Uma questão parece ser consenso entre todos os autores: a modernidade, o seu desenvolvimento e todas as transformações ocorridas, tanto no nível individual quanto institucional, não é uma questão teórica fácil de resolver. Em uma análise profunda sobre a natureza da modernidade tem que se levar em conta o seu caráter transitório, fugidio e contingente e a difícil relação entre as instituições modernas e a vida individual.¹⁰

Uma vez que a sociedade moderna coloca o homem no centro do universo, não são apenas as instituições religiosas que dão sentido e norma, coesão social e cultural ao mundo, mas o indivíduo, que como medida de si, de suas relações e do universo, é responsável à sua própria racionalidade, sua própria escolha e independência.

Ao analisar como a moderna concepção ordenadora da realidade e do indivíduo afetou a religião, particularmente compreendida em suas instituições oficiais de representação, como possuidora do “sentido” do mundo e dos valores éticos-morais, o que nos interessa aqui é focar o aspecto da natureza individual e privada da fé e da participação em uma denominação evangélica no contexto das mudanças ocorridas na esfera religiosa no Brasil.¹¹

A modernização da sociedade aparece como um processo que tem nos campo das transformações sociais, o avanço das ciências positivas, o uso da razão

¹⁰ O tema modernidade tem ocupado nas últimas décadas um lugar de destaque nos debates da academia. Diversos autores discutem sua origem e suas características. Em comum o acordo de que o modo de vida moderno foi institucionalizado com a consolidação da sociedade capitalista do século XVIII, e representou profundas mudanças na ordem social vigente. Karl Marx tornou famosa a expressão “*Tudo que é sólido desmancha no ar*”, se referindo às mudanças econômicas e sociais que via no mundo de sua época. A frase conhecida testemunha uma época em que os sólidos valores tradicionais dão lugar ao efêmero, ao fragmentado e caótico mundo moderno. Intelectuais como Lyotard (1998), Berman (1986), Harvey (1998), Beck (1997), Giddens (1991,1993,2001), Bauman (1997,2001,2004), para citar alguns, são importantes na análise dos tempos modernos. Dois importantes intelectuais servirão de base na análise teórica desse trabalho: Anthony Giddens e Zigmunt Bauman. Ambos, salvaguardando suas devidas diferenças, consideram a época moderna como uma época de incertezas e fluidez, mas que por outro lado, o processo de reflexividade exige mais autonomia por parte dos sujeitos. Sendo assim, uma maior responsabilidade individual é cobrada.

¹¹ O último censo realizado no país (Censo 2000) mostrou o aumento dos evangélicos (15,45%), mas também um crescimento de “sem religião” (4,8%). Dados do IBGE confirmaram uma tendência já verificada por pesquisadores da religião: mudanças sociais afetadas por processos culturais tem contribuído para significativas mudanças na forma de crer do brasileiro (para maiores análises sobre o resultado Censo 2000, ver Novaes (2004), Pierucci (2004) Rodrigues (2007).

secular e prioritariamente a quebra do monopólio religioso. Criam os intelectuais, nesse período, que o conhecimento racional seria o meio pelo qual preconceitos e ideologias religiosas seriam superados; os homens seriam capazes, mediante o livre exercício de suas capacidades mentais, de depender cada vez menos da crença no sobrenatural. É partindo desses princípios que diversos estudos, passam a analisar o papel da religião na modernidade. Conceitos como racionalização, secularização e desencantamento são utilizados com o propósito de analisar as transformações do campo religioso nas sociedades modernas.

A partir de interpretações secularizantes, os intelectuais afirmavam que a religião tinha perdido seu papel central na explicação da realidade, - papel este transferido à Ciência desde o Iluminismo e da Revolução Industrial - e, portanto, estaria condenada ao desaparecimento. Mas, apesar do prognóstico pessimista, (ou positivista para alguns), o que os dados da realidade têm mostrado é que o século XXI não significou o fim da religião. Ao contrário, enquanto um conjunto de crenças continua dando sentido e segurança ao indivíduo não garantidos pela moderna sociedade tecnológica. Questões sobre o imponderável, tal como a morte e o sobrenatural têm suas explicações na experiência transcendental, e mesmo questões sociais, tais como miséria, violência e catástrofes naturais são muitas vezes justificadas por uma racionalidade religiosa.

Essa discussão sobre o desencantamento do mundo e o pluralismo religioso ocupa grande parte das análises sociológicas da religião no Brasil. Baseada, principalmente, nos trabalhos de Max Weber (1982, 1991), a Teoria da Secularização, aponta o processo pelo qual o fim do monopólio religioso, e o declínio do poder das instituições sobre os indivíduos, redimensiona o peso da religião dos espaços público e privado. Não sendo mais a religião a única esfera capaz de dar sentido à vida e à sociedade como um todo, os indivíduos teriam uma maior responsabilidade na esfera social, participando de forma mais engajada na construção dos valores e do conhecimento seculares, vivenciando um mundo social mais terreno e não um mundo transcendental cujo acesso só se daria pela obediência às ordens eclesiásticas e pelas boas ações (Berger, 1985)

O pesquisador Antônio Flávio Pierucci (2003) chama a atenção para a sociologia de Weber, que ao contrário do que se pensa, não se limitou a fazer uma sociologia da religião, mas ao contrário, “ao eleger a religião como objeto” produz mais do que uma sociologia geral da mudança social, como inevitável racionalização

da vida, mas também uma sociologia da modernização ocidental. E é aí que entra a sociologia weberiana da religião, contribuindo para analisar a racionalização no Ocidente. Weber cunha o conceito “desencantamento do mundo” (*Entzauberung der Welt*) para explicar as mudanças que vinham ocorrendo na sociedade moderna.

Pierrucci detalha em pormenores todos os significados possíveis desse conceito que vem sendo utilizado há décadas por todos os pesquisadores que analisam o processo de transformação social nos últimos séculos. Não é objetivo aqui detalhar minuciosamente a análise do autor, mas algumas conclusões a que ele chega são importantes para pensarmos melhor esse processo.

De acordo com o autor, nas diversas vezes em que apareceu o conceito “desencantamento do mundo”, na obra de Weber, duas acepções foram as mais dadas ao termo: “desmagificação” e “perda de sentido”, sendo a primeira a mais citada. A partir daí foi possível perceber que desencantamento em Weber pode ser entendido como *um “fator explicativo do desenvolvimento sui generis do racionalismo ocidental”* e um “processo histórico de desenvolvimento”, que pode se intensificar. Foi o aconteceu, segundo Weber, nos séculos XVI e especialmente no século XVII, com advento do protestantismo e sua conduta de vida metódica e intramundana.

“E não foi só o pensamento teórico que desencantou o mundo, mas foi precisamente a tentativa da ética religiosa de racionalizá-lo no aspecto-ético que levou a este curso” (Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva apud Pierrucci, 2003:50)

Num mundo sem encantos e no qual prevalece a lógica dos fins e da calculabilidade, o indivíduo passaria a buscar sentido em um novo estilo de vida. Consumo, culto ao corpo, e até mesmo novas formas de crenças, em que se somariam uma pluralidade de filosofia e religiosidade, caracterizam um ambiente desencantado e instrumentalizado. Desde que a racionalização e a intelectualização “despojaram o mundo de um encanto”, os indivíduos se deparam com a busca constante de sentidos para a vida

Seguindo essa linha analítica, a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger em *O peregrino e o convertido* (2005), analisa três elementos que estão direta ou indiretamente associados às dinâmicas social e cultural da religião, e de suas mudanças no processo de transformação para a modernidade. O primeiro deles, segundo a autora, é a vinculação entre modernidade e racionalidade, onde o

desenvolvimento da ciência e da técnica foi fundamental para o progresso global humano; o segundo, a autonomia do sujeito, onde o corte com o tradicional possibilitou a ele mesmo construir as significações que dão sentido à sua própria existência; e, por último “a modernidade enquanto forma de organização social caracterizada pela diferenciação das instituições e pela especialização dos diferentes domínios das atividades social”, onde, segundo a autora, “a tradição religiosa não constitui mais um código de sentido que se impõe a todos”

Segundo a autora, a secularização não significou, contudo, a ausência ou perda da religião na sociedade moderna, mas sim, possibilitou rearranjos das crenças que se produzem em sociedades de massa, cheias de insatisfações e desesperanças, cuja condição cotidiana é o consumo desmedido e a incerteza ligada à procura interminável dos meios de satisfazê-lo.

O teólogo Faustino Teixeira (2006), citando Hervieu-Léger, atenta para o caráter paradoxal da modernidade, pois, se de um lado, há uma perda da plausibilidade das explicações religiosas para os fenômenos sociais e naturais, por outro faz surgir novas devoções. Ou seja, a própria modernidade, com seu potencial desagregador e individualista promove condições à expansão das crenças.

“A secularização não pode, portanto, ser simplesmente identificada como uma perda da religião no mundo moderno, mas como um processo de ‘recomposição’ das crenças ‘que se produzem num sociedade cujo motor é a incapacidade de responder aos apelos por ela suscitados’” (HERVIEU-LÉGER apud TEIXEIRA,2006)

Um exemplo prático é a pesquisa realizada por Ari Pedro Oro (2004) entre universitários, onde o autor percebe o significado utilitarista da religião pelos jovens e infere que a busca por uma religião “*se dá preferencialmente de forma subjetiva, privada, implicando raramente em rituais religiosos coletivos*” (p. 84). Oro chega a conclusão de que os jovens universitários têm uma base familiar e tradicional cristã, mas coerente com o espírito da modernidade, possuem uma religiosidade privatizada e “*acionada de acordo com as circunstâncias da vida de cada um*” (p.88), mas, assim como a família, é a religião uma fonte de sentido para suas vidas.

Peter Berger (1985) aplicando a teoria da construção social da realidade - segundo a qual de modo dialético a realidade é produzida pelo sujeito ao mesmo tempo que reage continuamente à ele- mostra o lugar da religião na sociedade moderna. Na importante tarefa de construção social do mundo, segundo o autor, o indivíduo tem necessidade de algo que lhe garanta um certo entendimento e

segurança para viver essa realidade. *Plausibilidade*, segundo o autor, é o que dará ao indivíduo essa segurança. “*A própria vida do indivíduo só aparecerá como objetivamente real, a ele próprio e aos outros, localizada no interior de um mundo social que tem o caráter de realidade objetiva*” (Berger, 1985: 26) A religião consiste na “*ousada tentativa de conceber o universo inteiro como humanamente significativo*” (p.41). Ou seja, a religião serve para manter a realidade do mundo socialmente construído, serve para enfrentar o medo, o sofrimento, a morte, serve como proteção.

De acordo com socióloga Cecília Mariz (1997), Berger ao analisar a religião na sociedade moderna, expõe que a modernidade seculariza o mundo, mas que essa secularização, antes de significar a negação da religião, põe fim aos monopólios religiosos e retira a religião do espaço público.

Essa secularização ocorre tanto no nível objetivo e macrosocial, quando as instituições mais importantes da sociedade escapam da tutela religiosa, como ocorre também no nível subjetivo das consciências, individuais, que se não a abandonam de todo, passam a ver a religião como uma questão da vida privada e de foro íntimo (MARIZ, p.102,103).

Esse debate é extenso e intenso, tem muito ainda por ser explorado. De fato o que podemos observar é o impacto que o processo de modernização teve sobre a instituição religiosa, que na sociedade tradicional tinha uma forte influência na conduta moral ditando normas de condutas e punindo seus seguidores com penitências que iam de uma simples ladainha à excomunhão congregacional. No entanto, é preciso refletir sobre alguns pontos, que embora possam parecer consensuais, carecem de algumas observações.

A primeira delas, diz respeito ao “arrefecimento social e cultural da religião”. Arrefecer é perder zelo, fervor, calor. E o que podemos observar é que apesar das diversas transformações que ocorreram na sociedade moderna, com o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e de um estilo de vida cada vez mais individualizado, o envolvimento religioso não arrefeceu. Isto significa dizer que enquanto crença na existência de uma força ou de forças sobrenaturais, crença fervorosa, devoção, piedade e uma vida religiosa, a religião continua como referência para modos de pensar, de agir e seguir valores éticos. Exemplo disso é a pluralidade religiosa. Diversos grupos religiosos, muitas vezes, dissidentes de

grandes instituições religiosas tradicionais, enchem seus templos de novos fiéis a cada dia.

O que podemos admitir é que vem se estabelecendo uma nova relação entre o fiel e a instituição religiosa a qual ele pertence ou participa. A religião deixou de ser, mesmo nas mais tradicionais denominações, uma imposição; e como escolha pessoal retira-se para a vida privada.

A segunda diz respeito a alguns autores que falam da retomada de interesse religioso, de um retorno ou um renascimento da religião. Não se pode falar de retorno ou revanche de algo que nunca perdeu o seu lugar, pois a religião continua como uma das representações que os homens fazem do mundo e de si mesmos, ocupando o lugar que sempre ocupou, tendo a função que sempre teve, como nos afirma François Houtart (1994):

Toda religião produz sentido, ou seja, uma interpretação da realidade, da história, do homem e do mundo (...). Mas a religião não apenas produz representações significantes, mas também expressões individuais e coletivas, que podem ser um culto, ou devoções, ou orações individuais ou coletivas (HOUTART, p.33)

Pluralismo religioso e escolhas individuais

Com o fim do monopólio religioso inaugura-se uma nova dinâmica na maneira de lidar com o fiel; com diferentes alternativas religiosas, cada grupo precisa concorrer no mercado religioso pela preferência do crente.

Sendo assim, a modernização não pôs fim ao lugar da religião, antes, abriu portas ao pluralismo, multiplicando os universos religiosos e impondo aos indivíduos o imperativo da escolha. Mas o pluralismo, se de um lado oferece um leque de opções religiosas possibilitando a liberdade de cada indivíduo manifestar sua fé da forma que lhe convém, do ponto de vista das instituições religiosas, pode ser uma ameaça à sua identidade e também criar um clima de incerteza.

Para Berger (1997) o pluralismo faculta uma certa tolerância, um relativismo que criaria também uma condição de incerteza com relação ao como se deve ser, e de como crer no âmbito da sociedade moderna, por outro lado, segundo o autor, a mente humana não tolera a incerteza, e sempre que isso acontece há uma reação. Uma delas seria a volta dos fundamentalismos. E o desafio maior seria tomar

cuidado com o relativismo, mas principalmente com os falsos absolutismos, que de acordo com Carlos Alberto Steil (2001):

Esta ameaça tem dado origem a duas atitudes recorrentes no campo institucional: a afirmação do exclusivismo, que delimitaria o seu universo a um círculo restrito de adeptos, ou da tolerância, que as abriria para a acolhida em seu interior da fragmentação produzida pela modernidade sobre o campo religioso. (Steil, p.118)

Para o autor o pluralismo religioso é um entrelaçamento de elementos de tradições milenares e contemporâneas, produzido por reflexões filosóficas e científicas, necessitando de um rigoroso estudo, mas que o campo religioso atual *“está num processo ativo de produção de significados e de recomposição de suas forças internas”* (p.125), e que as experiências religiosas, são *“instâncias de produção de narrativas sociais, nas quais os indivíduos e grupos sociais inscrevem sua ação”* (p.126). Segundo o autor, o importante em toda essa mudança, é percebermos as possibilidades de *rearranjos “e experiências pessoais e coletivas que ultrapassam a possibilidade e controle das instituições religiosas”* (p.126).

Está não, esse processo sempre esteve presente no campo religioso, sob o risco deste perder o seu espaço enquanto organizador da experiência humana, no sentido de dar coerência e sentido às relações físicas e sociais. No entanto, as instituições também modernizam suas técnicas de cooptação e controle, assim como sua inserção política na sociedade.

Um exemplo disso é uma recente reportagem no Jornal do Brasil, sobre a tentativa da Igreja Católica de reverter as perdas de fiéis, principalmente jovens, criando a *“Cristoteca”*, uma balada sem consumo de álcool, drogas ou cigarros, onde jovens dançam durante toda a madrugada ao som de músicas católicas. Segundo o criador do evento, o padre João Henrique: *“a Cristoteca é um meio de conquistar os jovens para Deus”*.

Outro exemplo é a Igreja Evangélica Bola de Neve, no bairro da Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro que tem uma prancha de *surf* como púlpito. Segundo o pastor fundador da igreja, Gilson Mastroirosa, desde a sua inauguração, a igreja cresceu mais de 500%. E isso se deve a *“pregamos a Bíblia mas temos uma forma diferente de nos colocar”*. A igreja é majoritariamente freqüentada por surfistas,

jovens de classe média e famosos, e como diz um fiel : “*na Bola ninguém te força a nada*”.¹²

O pluralismo caracteriza as sociedades contemporâneas. As opções políticas, as opções religiosas, as opções de princípios e até mesmo as opções sexuais revelam uma era de múltiplas alternativas, colocando o indivíduo numa complexa “rede de significados” na construção de sua biografia (Velho, 1986). A sociedade moderna constrói esse paradoxo: coloca o sujeito no mundo obrigando-o a tomar partido, a fazer escolhas. Dessas escolhas vai depender a construção de sua identidade.

Diferentemente do que ocorria nas sociedades tradicionais, onde a interação do sujeito com a sociedade se dava de forma menos complexa - já que as opções oferecidas tinham como referências os valores éticos-morais estabelecidos pela família e pela igreja - nas sociedades contemporâneas o indivíduo precisa escolher entre múltiplos domínios aquilo com que melhor se identifica na construção do seu próprio *ethos*.

O lugar que ocupa e papel que desempenha na sociedade moderna têm sido objetos de estudos inesgotáveis nas Ciências Sociais. As diversas mudanças porque têm passado as sociedades contemporâneas têm suscitado muitas análises sociológicas que buscam compreender o desenvolvimento das trajetórias individuais sob o impacto das transformações na organização e estruturas sociais.

Longe de analisar as sociedades de uma perspectiva do individualismo metodológico, o que se procura compreender é a sociedade como uma estrutura e organização social que hoje mais do que possibilitar, exige dos indivíduos que eles constituam sua própria biografia, escolhendo – como numa paleta o pintor escolhe as cores que vai usar em sua pintura – as experiências mais importantes em sua trajetória de vida.

O que os teóricos da pós-modernidade consideram é que uma tradição centrada no coletivismo deu lugar ao individualismo. O Nós deu lugar ao Eu, o público deu lugar ao privado. Há uma preocupação teórica em recuperar ou analisar a importância do indivíduo na história e na sociedade.

A figura do indivíduo na qualidade de sujeito social, responsável por suas ações, capaz de reinventar e recriar o espaço social onde vive estabelece o recorte

¹² “Cristo na batida da música eletrônica”. Jornal do Brasil (Cidade). Domingo, 15 de junho de 2008

entre o tradicional e o moderno, entre a rigidez das instituições tradicionais e a fluidez da sociedade moderna. E para melhor analisar essas mudanças lanço mão de dois autores que têm tido papel importante na sociologia moderna: Anthony Giddens e Zygmunt Bauman.

Para Zygmunt Bauman (2001), sociólogo polonês, a modernidade é fluida, e através da metáfora da liquefação, vai demonstrar que a solidez das instituições sociais, cede espaço para as dissoluções dos laços afetivos e sociais, dando mais fluidez, flexibilidade e capacidade de moldar-se em relação a infinitas estruturas, conferindo aos indivíduos uma sensação de liberdade, mas ao mesmo tempo evidenciando um desamparo social.

O autor vem analisando as transformações sociais pelas quais passa a sociedade contemporânea em todas as esferas, da vida pública à vida privada, principalmente, os relacionamentos humanos e suas relações com as instituições sociais modernas.

Utilizando o conceito “Modernidade Líquida”, para definir a sociedade contemporânea como fluida, líquida, onde a solidez das instituições sociais dá lugar a um processo de individuação cada vez maior, o autor considera que vivemos em uma época de uma grande transformação no campo dos relacionamentos humanos. O desprendimento das redes de pertencimento social vem fazendo com que os indivíduos se individualizem cada vez mais, e o Eu se sobreponha sobre o Nós, de forma que os laços afetivos e sociais são desfeitos e uma suposta sensação de liberdade faz surgir os indivíduos modernos-líquidos.

O indivíduo da modernidade líquida é o indivíduo desapegado. A liberdade preconizada por essa nova ordem torna-o descompromissado com a idéia de permanência e durabilidade. Os relacionamentos são voláteis e fluidos, dando sempre a sensação de liberdade, ainda que para isto tenha que pagar um alto preço.

Os efeitos negativos dessa liberdade aparecem nos problemas que o indivíduo contemporâneo tem que enfrentar, tais como, a depressão, o desamparo, o isolamento. No individualismo cada vez mais exacerbado, cada um segue sua própria convicção e até nos relacionamentos amorosos, a intenção de estar junto, mas ao mesmo tempo não estabelecer um vínculo duradouro, cria-se uma ambivalência.

Em Amor Líquido (2004), outra obra de Bauman, os relacionamentos amorosos são o objeto de análise e refletem as mudanças em que estão baseados.

A sociabilidade é a característica dessa relação e reflete a volatilidade do amor, onde os indivíduos sem um grupo em que se pautar mantém relacionamentos fluidos, sem previsão e sem vínculo de permanência.¹³

Se os indivíduos ao se emanciparem cada vez mais das tradicionais redes de apoio, e dessa forma, abrem mais espaço para decisões individuais, a liberdade de que dispõem hoje não é totalmente livre de conflitos, medos e ansiedades. Com a complexidade dos fenômenos sociais cotidianos, os riscos produzidos socialmente, são diariamente colocados sobre as costas dos indivíduos.

Anthony Giddens (2002), sociólogo britânico, assim como Bauman, considera a modernidade uma época de importantes transformações sociais de nível global, e que afetou consideravelmente as instituições, mas também a vida individual. Profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, o desencaixe das instituições sociais, isto é, o “*deslocamento das relações sociais dos contextos locais e sua rearticulação através de partes indeterminadas de espaço-tempo*” (p.24); o rompimento com a ordem tradicional geraram as circunstâncias de incertezas e de múltiplas escolhas, gerando novas formas de ansiedade, novos conflitos, problemas, sofrimento e crises pessoais que nesse contexto necessitam de novos mecanismos para resolvê-los.

Na constituição do Eu, o autor vai chamar de *projeto reflexivo do eu*, os mecanismos de auto-identidade que os indivíduos são continuamente levados a desenvolver para que mantenham as “*narrativas biográficas*” coerentes, isto é,

Na vida social moderna, a noção de estilo de vida assume um significado particular. Quanto mais a tradição perde seu domínio, e quanto mais a vida diária é reconstituída em termos do jogo dialético entre o local e o global, tanto mais os indivíduos são forçados a escolher um estilo de vida a partir de uma diversidade de opções. (...) A escolha de estilo de vida é cada vez mais importante na constituição da auto-identidade e da atividade diária. (GIDDENS, 2002:p.13)

Para Giddens, a principal característica da sociedade contemporânea é a reflexividade, a capacidade que o sujeito tem de refletir sobre suas próprias decisões, não abandonando completamente os valores tradicionais de sua criação mas redefinindo-os conforme sua própria conveniência. Se de um lado essa

¹³ Para Bauman, a sociabilidade é o conceito que melhor define as relações na modernidade líquida. Caracterizada pela ausência de referencial e pela impossibilidade de fazer previsões às ações dos indivíduos, “a sociabilidade coloca a unicidade acima da regularidade e o sublime acima do racional, sendo, portanto, em geral avessa às regras, tornando o desempenho das regras problemático e cancelando o sentido instrumental da ação” (BAUMAN, 1997:138)

experiência é positiva, pois dá ao indivíduo mais autonomia às suas ações, por outro, cria um ambiente rodeado de insegurança, ansiedade, perigos e incertezas.

Mais do que isso, a sociedade preconizada por Giddens coloca uma enorme carga de responsabilidade sobre os indivíduos. Se nas sociedades pré-modernas o indivíduo tinha o apoio da família e da comunidade, na sociedade contemporânea, ele tem que dar conta de si mesmo, escolher seu próprio caminho e ainda tomar conhecimento dos diversos problemas que ocorrem no mundo. Tudo isso sem o apoio das tradicionais redes de proteção, pois estas, são vistas, pelo autor, como barreiras no desenvolvimento da reflexividade do eu; ou seja, o sujeito está mergulhado em um turbilhão de informação e transformações das quais não pode dar conta sem se sentir perdido ou inseguro. Nessa situação duas conseqüências parecem inevitáveis: o apego ao tradicional ou a individualização exacerbada.

A primeira alternativa é a tentativa do indivíduo, circuncidado por riscos e incertezas, de se apegar a algo mais seguro, mais palpável. O risco materializado nos diversos desastres, não só sociais, mas também ambientais, revela um mundo em que o conhecimento adquirido através da ciência não foi capaz de dar maior segurança e controle dos desastres da natureza e dos sociais, ao contrário, os riscos e incertezas modernos são resultado, cada vez mais, unicamente da intervenção humana. É o próprio Giddens que afirma que no atual momento, perdeu-se o controle da própria ação humana:

O mundo em que vivemos hoje não está sujeito ao firme controle humano – o estofo das ambições da Esquerda e, poder-se-ia dizer, os pesadelos da Direita. Quase pelo contrário, ele é um mundo de deslocamentos e incertezas, um 'mundo fugitivo'. E o que é perturbador, aquilo que se supunha criar cada vez maior certeza – o progresso do conhecimento e da intervenção humanos – se encontra na realidade profundamente envolvido com esta imprevisibilidade (GIDDENS, 1994:37)

Se a modernidade reduz alguns riscos de nossas vidas, como o medo do desconhecido, das grandes catástrofes, produz outros conhecidos, ou não. Riscos como epidemias, principalmente como a AIDS, guerras nucleares, conflitos sociais e o aumento da violência urbana tornam os indivíduos mais suscetíveis do medo e da incapacidade de reagir, e para lidar com o desconhecido o indivíduo precisa se aferrar a algo que lhe traga confiança e segurança.

A segunda alternativa nos leva ao extremo como saída individual dos problemas sociais: os vícios. Em *A Transformação da Intimidade*, Giddens (1993) considera os desvios e os vícios como patologias do mundo reflexivo. Considera o

vício como compulsão e um obstáculo ao desenvolvimento da reflexividade, uma vez que a compulsividade é um problema de auto-identidade. Isto significa dizer que o indivíduo cria uma co-dependência. A única saída, então, é o diálogo e a confiança gerando um ambiente cada vez mais democrático.

Giddens (1993) e Bauman (2004) chamam atenção principalmente para os relacionamentos estabelecidos entre homens e mulheres. Se na sociedade tradicional, tinha-se a idéia do amor romântico como ícone da união entre o casal e da formação da família, onde o casamento tornava duas pessoas em uma só carne, e a auto-identidade tinha sua validação apenas a partir do outro; na sociedade moderna, ou na modernidade líquida o *amor romântico* dá lugar ao *relacionamento puro*, ao *amor líquido*!

Nesse tipo de relacionamento os indivíduos, homens e mulheres independentes, se envolvem em busca de prazer e companhia, muito mais do que uma relação duradoura. O importante é que cada um tenha satisfação na companhia um do outro, mantendo sempre a porta da democracia aberta para novos envolvimento quando apareceram.

Bauman alerta para a fragilidade dos vínculos humanos nesse tipo de relacionamento, mas considera que dificilmente uma relação do tipo amor romântico permanecerá por muito tempo. No entanto, acredita que no crescente processo de individualização os relacionamentos “*são bênçãos ambíguas*” (p.8). Pois, ao mesmo tempo que o indivíduo quer liberdade para satisfazer seus desejos, sem cobranças e compromisso, ao mesmo tempo busca por laços de pertencimento, desejam um relacionamento seguro.

É nesse contexto, considerando as características fundamentais da sociedade moderna, que destaco, para fins desta tese, a premissa protestante de liberdade e autonomia individuais.

Individualismo e Liberdade: a contradição protestante

Quando Martin Lutero (1483-1546) fixou as 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittenberg, no século XVI não estava só dando aos fiéis o pleno exercício do sacerdócio universal e o direito ao acesso livre e direto à presença de Deus,

como pregava o texto bíblico, mas também a responsabilidade de conciliar a observância dos princípios morais cristãos com os novos valores da nova sociedade em ascensão, que era a sociedade moderna. .

A Reforma Protestante é um dos acontecimentos que marcam o século XVI. Pressupõe uma nova concepção de indivíduo, possibilitando uma maior autonomia ao cristão, que sob a *régis* do catolicismo, vivia na total dependência da Instituição e na Verdade estabelecida pela hierarquia religiosa católica. Lutero proclamava que todos os fiéis eram sacerdotes universais, acabando assim com o monopólio do divino, concentrado nas mãos das autoridades eclesiásticas católicas.

Fundada no tripé autonomia, atividade e responsabilidade, o protestantismo colocava sobre o fiel a responsabilidade de sua salvação, o esforço individual e o sucesso de seus empreendimentos como prova da sua salvação. A Reforma redescobriu o papel de o próprio indivíduo poder se achegar a Deus, obter o perdão e a sua salvação. Proclamava-se, com a Reforma, que o homem seria salvo pela própria fé (*Sola fide*) e não por obras da carne (*Sola gratia*).

Já a partir desse momento, a Igreja, começa o seu processo de desinstitucionalização, se levarmos em conta, que a Reforma demandou por uma participação individual e autônoma na vida religiosa, através da livre interpretação da Bíblia. Não é mais a instituição igreja a detentora da verdade, mas a Bíblia (*sola scriptura*), a única que deve ser seguida.

Uma frase que se tornou famosa no período da reforma representava bem esse momento: "*Ecclesia reformata et semper reformanda est*" (*igreja reformada sempre se reformando*), ou seja, a reforma constante na igreja se fazia necessária, sempre que o retorno aos princípios bíblicos e cristãos se fizesse necessário.

Outra característica importante da doutrina protestante é a consciência. A ética protestante não separava a vida religiosa da vida secular, diária. A prova da salvação deveria perpassar toda a conduta diária do cristão. Com o intuito moralizador, a moral protestante exortava o indivíduo o regresso aos valores cristãos e o testemunho de sua fé se revelava na sua prática cotidiana . A liberdade não se traduzia em fazer tudo que o mundo permitia, mas o que o exercício livre da consciência orientada pela leitura da Palavra, levando em conta, não apenas a sua fé individual de maneira individualista, mas principalmente, sua responsabilidade social, uma vez que a o Cristianismo de origem dava ênfase ao comunitarismo.

Mas apesar do apelo ao sentido comunitário, o protestantismo e o individualismo se desenvolvem juntos nesse processo. A doutrina da salvação por eleição divina e o conversionismo evangélico enfatizam a salvação individual e nela se baseiam.

Louis Dumont (2000) ao analisar a gênese do individualismo moderno, considera o Cristianismo o *locus* inicial desse fenômeno. Diferente do que acontecia com as seitas renunciantes (o autor exemplifica as seitas indianas), em que o renunciante bastava a si mesmo, e vivia fora do mundo social (indivíduo-fora-do-mundo), com o Cristianismo, o cristão é o indivíduo-em-relação-com-Deus e, portanto, devia ter como premissa uma desvalorização do mundo, tal como é.

Tornar-se um indivíduo-fora-do-mundo é, para o cristão, viver uma tensão constante uma vez que tem viver com os valores éticos religiosos e a necessidade de obediência e deveres da sociedade pagã.

O indivíduo cristão vive uma tensão entre a verdade e a realidade e segundo Dumont

O valor infinito do indivíduo é ao mesmo tempo, o aviltamento, a desvalorização do mundo tal como existe: é postulado um dualismo, estabelece-se uma tensão que é constitutiva do cristianismo e atravessará toda a história. (...). A ordem mundana é relativizada, na medida em que se subordina aos valores absolutos. Temos aí uma dicotomia ordenada. O individualismo extramundano engloba reconhecimento e obediência quanto às potências deste mundo (DUMONT, 2000: p. 43, 44)

Da mesma forma, ao analisar as transformações ocorridas com a Reforma, Angela Randolpho Paiva (2003) salienta que a liberdade de pensamento passa a ser a principal condição para a prática religiosa protestante. E especialmente a ética puritana, mais afinada com o processo de modernidade, *“representa a esfera religiosa que melhor vai propiciar interação com a esfera social, imprimindo um novo sentido para a agência humana”* (p.29)

Segundo a autora, diferente do Catolicismo, o Protestantismo dá uma nova concepção de indivíduo e autonomia ao cristão, tornando-o ao mesmo tempo responsável pela sua salvação e pela sua inserção no mundo, mostrando a sua vocação como prova de salvação.

A liberdade pregada pelo protestantismo, imprescindível no processo de conversão, está afinada com o processo de modernização e dá novo sentido para a conduta do indivíduo. Mas é justamente toda a mudança que ocorre no processo de transformação de sociedade tradicional para uma sociedade moderna que trará os

problemas com que os líderes protestantes terão que lidar. Consolidar autonomia individual em uma sociedade cada vez mais liberal com os valores éticos-morais pregados pelas denominações protestantes é um dos conflitos dos crentes modernos.

Ser livre para o protestantismo é “estar no mundo, sem ser do mundo” totalmente comandado pela consciência, pela necessidade do testemunho da glória de Deus; cada pessoa um reflexo, uma máscara do próprio Cristo. No mundo protestante, o crente é viajante, forasteiro, peregrino que caminha em direção à pátria celestial, eterna. Nessa caminhada o seu comportamento na terra tem que ser “*expressão da sua condição de cidadão do céu*” (p.42) , é o que diz o teólogo e psicanalista, Rubem Alves (2004).

O Livre Arbítrio e o fazer a vontade de Deus é um paradoxo do Cristianismo e fundamentalmente do Protestantismo. Fundado sob o princípio da escolha individual, pressupõe que seus membros tenham optado seguir sua doutrina por escolha própria. No entanto, ao escolher seguir os mandamentos bíblicos, o indivíduo é convocado a abrir mão do seu *eu* e se pôr sob a vontade de Deus, obedecendo aos mandamentos e valores sagrados bíblicos. Encontra-se aí, talvez, o paradoxo mais difícil de ser resolvido pelo participante de das denominações evangélicas: pertencer livremente a um grupo religioso, mas ao mesmo tempo ser obrigado a obedecer aos mandamentos doutrinários, sem questioná-los.

Instituição e indivíduo na igreja evangélica

No âmbito das pesquisas sociológicas, os sociólogos da religião vêm tratando sobre o aspecto cada vez mais individualizante da participação em uma dominação evangélica, revelando assim, que mesmo os grupos religiosos que foram tão rigorosos nos primórdios de sua dominação, que com a defesa de seus valores éticos-morais, definiam e controlavam o comportamento de seus fiéis de forma tão contundente, hoje precisam estar mais abertos às mudanças sociais para não perderem fiéis. A natureza dessas transformações no seio das instituições religiosas, e no caso aqui, das instituições evangélicas, traduz as mudanças

ocorridas na sociedade e principalmente, na relação que o indivíduo passa a ter com a religião.

O antropólogo Luiz Fernando Duarte (2005) é um desses pesquisadores e, ao analisar a relação entre religião e *ethos* privado, de como os sujeitos sociais constroem sua trajetória de vida a partir de inúmeras possibilidades, considera que a conversão ou adesão religiosa hoje significa mais que obedecer aos ditames doutrinários, uma negociação da realidade; a possibilidade de crer ou não-crer num contexto de pluralidade de crenças; como estratégia ou reforço de identidade em geral e, em particular, no mundo contemporâneo. Como busca de resposta à aflição (resultado de um desamparo social) e do desencanto moral (as perdas de referenciais tradicionais na sociedade moderna).

O que as pesquisas de Duarte (2005), Rohden (2005) e Natividade (2003) têm demonstrado é que há mudanças ocorridas na relação dos indivíduos com as instituições evangélicas a que pertencem, demonstrando uma relação de maior independência daqueles com relação aos dogmas e valores morais impostos por estas.

No entanto, a permanente tensão entre a liberdade individual e a moral fundamentada na Bíblia e cobrada pelos líderes tem sido continuamente motivo de questionamentos dos jovens dessas instituições. Pertencer a uma comunidade religiosa se revela de fundamental importância para os fiéis, fazendo com que estes negociem as restrições colocadas principalmente pelos líderes e, assim, sem perder a sua individualidade, buscam o bem-estar presente no “coletivismo” encontrado na comunidade evangélica.

Esta negociação, então, revela uma outra dimensão na relação do indivíduo com a religião cristã evangélica. Algumas denominações evangélicas que possuem em suas doutrinas um modo de vida ético-moral rígido e uma doutrina baseada na interpretação textual começam a perder controle sobre os seus fiéis numa sociedade caracterizada pela individuação, autonomização e anonimato e mesmo não admitindo a quebra das regras, acabam por fazer “vista grossa”.

O último Censo do IBGE (2000) mostrou um decréscimo dos católicos e um aumento dos evangélicos e entre eles um aumento considerável dos pentecostais e neo-pentecostais, revelando, desta forma uma queda nas religiões mais tradicionais e um aumento nos grupos sem referência institucional histórica.

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

Ao analisarem esses dados, Pierucci (2004) e Mendonça (2004) chamam a atenção para o declínio das religiões tradicionais e para o processo de desinstitucionalização da religião.

Pierucci analisa o declínio e a incapacidade de reprodução, segundo ele, das três principais religiões no Brasil: o catolicismo, o luteranismo e a umbanda. Todas representando o tradicionalismo em termos religiosos. A razão é clara: nas sociedades pós-tradicionais, os indivíduos estão mais confortáveis para se desfiliarem de pertencas sociais e culturais tradicionais e passam a escolher novos vínculos, passam a buscar novas experiências, ocorrendo assim uma destradicionalização religiosa.

Os dados que mais nos interessam aqui são os do crescimento dos evangélicos, pois nos revelariam a tendência a desinstitucionalização, principalmente, dos grupos evangélicos. Nos últimos 20 anos os evangélicos cresceram em uma taxa de praticamente 100% (são mais de 26 milhões em 2000). No entanto, o que esse crescimento mostra é que quando desagregamos os dados fica claro que o que alavancou o crescimento do protestantismo foram os ramos pentecostais e neopentecostais. Do total de evangélicos, 7.159.383 (4,23% do total) são históricos, 17.689.862 (10,43% do total) são pentecostais (incluídos os neopentecostais) e 1.317.685 (0,78 do total) são de outros evangélicos. Assim, podemos perceber que no que tange à fé brasileira 92, 72% da população participa de algum grupo religioso. Mesmo os 7,28%, que se classificaram como “sem

religião”, podem ser apenas uma atitude diante das instituições religiosas, como bem analisou Denise Rodrigues (2007)¹⁴.

Outra análise importante é a desenvolvida por Antônio Gouvêa Mendonça (2004). De acordo com o autor, a vida institucional do Cristianismo sempre provocou retornos e simplificações institucionais. Várias são as formas do sagrado, e a “cisão” sempre foi um viver a religião sem necessariamente um compromisso institucional. Essa é a dialética da experiência da religião:

Quanto mais rígida e sujeita a doutrinas estabelecidas e consolidadas for uma instituição religiosa, mais sujeita estará a divisões ocasionadas pela necessidade de liberação do sagrado (MENDONÇA, 2004: p.33)

E, ainda segundo ele, as religiões tradicionais, em momento de grandes mudanças sociais, ao mesmo tempo em que cedem a determinadas mudanças, tendem a reajustes éticos, mas sempre preservando as posições dogmáticas tradicionais. O protestantismo foi bastante atingido por essas transformações (novas idéias e políticas), principalmente por ser uma religião mais secularizada e leiga, mas está sempre se “reformando”, *reiniciando “novos processos de institucionalização que desembocam em novas igrejas”* (p.40).

Qual o lugar, então, da instituição religiosa, na vida dos fiéis?

Qualquer pessoa que tenha aceito a confiança, solicitado sacrifícios ou os tenha praticado voluntariamente conhece o poder do laço social(...). Toda pessoa é afetada pela qualidade da confiança que o cerca (DOUGLAS, 1998:15)

Mary Douglas (1998) analisa o papel das instituições e finaliza colocando que indivíduos em crise não tomam decisões sozinhos, buscam resposta no apoio institucional. Nesse momento são capazes de sacrifícios individuais em pró do grupo, podem agir em interesse próprio, mas agem também pelo bem um dos outros. *“A confiança mútua é a base da comunidade”* (p.36)

A opção por pertencer a uma determinada denominação evangélica se dá no momento da conversão individual às suas doutrinas e confirmada através do batismo por imersão.¹⁵ Converter-se é tornar-se “nova criatura”, a nova vida ou o “nascer de

¹⁴ RODRIGUES, Denise dos Santos. Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião. Nesse trabalho, a autora analisa os discursos dos indivíduos fluminenses que se auto-declaram sem religião. www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.pdf

¹⁵ A conversão na igreja evangélica é obrigatória a todos. Mesmo aqueles que nasceram em lares evangélicos, filhos de pais evangélicos, precisam tomar a decisão de conversão. Há uma máxima entre os evangélicos que

novo” estabelece uma nova identidade ao indivíduo e o promove uma segurança básica, encontrada na nova sociabilidade que lhe é garantida na sua entrada na comunidade evangélica. A relação mútua que se estabelece na nova família constituída – a igreja – a irmandade não é consangüínea, mas uma irmandade que une pelos laços do amor do Cristo, e que pressupõe igualdade, acolhimento, comunidade!

Mas essa conversão não se opera sem conflitos. Trata-se do dilema inerente ao processo de individuação, e demarca um limite da liberdade individual. Ser participante de uma denominação evangélica é opção, mas participar de suas regras é obediência irrestrita, passível de punição doutrinária àqueles que discordarem dos valores impostos pela doutrina; é o limite da liberdade de escolha, a autonomia nunca é total.

Mas nunca é. A construção da autonomia é relacional, ser autônomo em relação a um grupo não significa dizer ser autônomo em relação a outro. Qual é, por exemplo, a autonomia frente às regras familiares? Ou frente à sociedade com suas leis e normas? Não é diferente frente aos valores religiosos.

Maria das Dores Machado (2004) observa o limite da autonomia,

quando o indivíduo precisa se integrar em redes sociais comunitárias, redes que contêm e canalizam a afetividade e nas quais se aprende o valor da solidariedade e a importância da responsabilidade (MACHADO, p.135)

E mesmo quando o poder da família enquanto instituição se esvazia, os vínculos familiares se mantêm, pela simples necessidade de algum vínculo. O indivíduo, portanto, está o tempo todo em conflito entre a necessidade de pertencimento de um lado e busca de autonomia, de outro.

Não podemos, então, pôr em xeque a importância da instituição igreja. A necessidade de pertencer faz com que os indivíduos busquem a congregação. De qualquer forma o pertencimento a qualquer grupo pressupõe obedecer às regras, voluntariamente ou não.

A participação institucional como escolha - uma forma característica de praticar a religião – pode significar um apelo à moral. A busca pelo que é certo ou

diz “filho de crente, não é crentinho”, referindo-se ao ditado “Filho de peixe, peixinho é”. A adesão religiosa individual, por outro lado, não deixa de ser estimulada pela família, cujo papel de transmissão religiosa transgeracional é fundamental (Duarte, 2006; Hervieu-Léger, 2005).

errado na conduta humana, sempre levou o indivíduo em busca de Deus, fonte de toda moral e de natureza boa.

Mariz e Mello (2007) analisaram como a insatisfação com os novos modelos de famílias e sociedades contemporâneas levaram jovens e adultos a se afastarem do convívio de seus familiares e da sociedade para viverem em comunidades, com regras bastante rígidas para comportamento sexual e em geral. Vivendo o seu cotidiano com outros que partilham os mesmos valores, compartilham recursos e meios de sobrevivência. As experiências nas comunidades religiosas católicas (Comunidade de Vida no Espírito Santo), têm como objetivo resgatar valores católicos em contraposição aos valores hedonistas e individualistas das sociedades contemporâneas. As comunidades alternativas (religiosidades do tipo New Age), além fazerem duras críticas à sociedade moderna, secular e industrial, têm a preocupação com as questões ambientais.

O que esses movimentos revelam é que há uma crença de que a conservação de valores éticos e morais é importante para o equilíbrio do *self*, e da sociedade como um todo, e a busca por uma religiosidade que proporcione isso se faz necessária sempre que as coisas parecem sair do controle humano.

Raymound Firth (1974) nos seus escritos sobre a organização social, analisa a importância da religião e da instituição religiosa na conduta moral do indivíduo. E o reconhecimento de que a sociedade precisa de um sistema moral fará com que os indivíduos reconheçam também a instituição como legitimadora na condução dos valores morais. Diz o autor:

A moral, então, é aquele sistema de regras e padrões que dá significado à atividade dos indivíduos um em relação ao outro na sociedade. Dá significado e valor à conduta (FIRTH, 1974:p.234)

A religião, enquanto um conjunto de coisas, de crenças e de ritos (Durkheim), através de seus conceitos e princípios ajuda na organização da experiência humana, e é através da igreja que a crença religiosa se cristaliza em dogmas e credo necessários à manutenção do sagrado.

Ainda de acordo com Firth,

A religião é, portanto, muito mais que uma expressão emocional de reverência, medo ou dependência individuais(...) É um conjunto complexo de conceitos e de padrões de comportamentos de pessoas em interação, dinâmico no condicionamento de outros tipos de comportamento, e plástico por ser capaz de se

modificar para ir de encontro às circunstâncias grupais e individuais (FIRTH, 1974:p.266)

Sendo assim, do ponto de vista da “função moral” da instituição religiosa, podemos considerá-la viva! E ainda com bastante poder para ser referência de imperativos éticos e morais, haja vista o discurso religioso cristão, que se apresenta de forma hegemônica (ainda que haja grupos dissidentes), e através de suas concepções morais difundem que as práticas homossexuais, abortivas e, mesmo a utilização de células tronco para uso medicinal, são pecados; anormalidades e atitudes opostas ao plano divino, incompatíveis com as Sagradas Escrituras.

São posicionamentos doutrinários contemporâneos, mas portadores de valores éticos puritanos centrados na perspectiva literalista da Bíblia. A interferência da religião na aprovação de políticas públicas referentes à distribuição de camisinha, aborto e união civil entre homossexuais tem sido motivo de preocupação e debate, principalmente, quando determinada religião alcança parcela significativa da população.

Representantes das bancadas evangélica e católica no Congresso Nacional se unem a organizações da sociedade civil, para juntos lutarem contra o aborto e contra a união civil de casais homossexuais.

E a tarefa de intelectuais, ONGs, e mesmo de religiosos contrários a esses posicionamentos tem sido a de buscar um diálogo com essas tradições religiosas. Sabendo da importância desses grupos questionar, colocando as consequências sociais e políticas de tais posicionamentos tão discriminatórios.

Portanto, ainda que haja uma tendência cada vez maior de uma subjetivação religiosa, a instituição igreja enquanto espaço comunitário, onde se encontram determinadas regras e valores muitas vezes menosprezados pela sociedade contemporânea, ainda sobrevive.

Danièle Hervieu-Léger (2005) considera que a sobrevivência das instituições religiosas se deve principalmente à capacidade de transmissão geracional dos seus valores e doutrinas e da manutenção destes nas suas atividades rituais. Como transmissão significa memória, para a autora, assegurar a transmissão de uma tradição religiosa entre os jovens - na medida em que vivem em uma sociedade cada vez mais imediatista, e cada vez menos presa ao tradicional - seria muito difícil, fazendo com que cada crente acabe por viver sua religiosidade de maneira cada vez mais pessoal.

No entanto, podemos considerar, por outro lado, que se os crentes tradicionais viviam sua fé com base na tradição, os jovens crentes modernos a vivem muito mais por opção e credibilidade individual. Podendo romper ou não, com a religião de seus pais, buscando por outras nem sempre mais flexíveis, ao contrário, muitas vezes, optando mesmo por viverem por regras muito mais rigorosas, como podemos observar no trabalho de Mariz e Mello (2007), já citado anteriormente.

CAPÍTULO 2

Sexualidade: entre o prazer e o pecado

*“Amor é cristão, Sexo é pagão
Amor é latifúndio, Sexo é invasão
Amor é divino, Sexo é animal
Amor é bossa nova, Sexo é carnaval”
(Rita Lee)*

CONFESSOR – Quando se confessou pela última vez?

PENITENTE – Deve haver uns seis meses.

C. – Que pecados cometeu?

P. – Bem, estou noiva e tenho dificuldades com o meu noivo, porque... sou obrigada a zangar-me, porque ele queria... pede-me coisas que não sei se deve fazer...

C. – Coisas contra a moral, contra a sua consciência?

P. – Coisas naturais e... bem, não sei ...

C. – Coisas naturais... É o que resta ver. O que se considera natural, por exemplo, entre marido e mulher, não o é entre namorados. É a lei da moral.

P. – Sim, mas ele diz que devemos nos conhecer do ponto de vista sexual para evitar erros, depois de casados.

C. – São teorias do seu namorado, que não correspondem às da moral cristã. Todo mundo poder ter uma opinião, mas sem que a deva identificar com uma idéia de Deus. Porque se quer ser... Se tem fé e quer obedecer à moral católica, à moral cristã, isso não é de modo algum natural.

P. – Um pecado.. O que é um pecado?

C. – São relações sexuais entre duas pessoas que não estão casadas. Evidentemente que, se não crê nisso...

P. – Compreendo...Então... que lhe posso permitir? Até que ponto? Beijar também é pecado, por acaso?

C. – Não, o beijo não é um pecado. O beijo nunca foi pecado.

P. – É que... Refiro-me a beijos que não sejam fraternais.

C. – Sim, compreendi. Aqueles que os namorados se dão na boca. Sim... desde que não durem uma hora, porque nesse caso, podem excitar, digamos, os instintos sexuais. Mas um beijo de afeto, ou mesmo dado num momento de expansão carinhosa, não é pecado. Uma carícia também não... Basta que não se chegue a

...a coisas, enfim, que por vezes conduzem diretamente à bestialidade, que excitam os instintos sexuais (Valentini & Meglio, 1974)

Acariciar o namorado é pecado?

Claro q os carinhos são permitidos no namoro cristão. Mas temos q conhecer os limites. Existem limites q são claros e q, se são violados no namoro, desagradam a Deus. Carinhos do tipo, mão nos seios, na nádegas, genitálias... E os carinhos q não são propriamente pecados, mas que pode te levar a pecar. Exemplo: Se beijar na língua te excita, evite carinhos na nuca. O importante é conhecer os seus limites e os limites do outro/a nunca esquecer q o namoro é o início do casamento, se o namoro não é santo o casamento tem tudo para não ser tb, pq todo pecado tem conseqüências. Claro que não podemos ser hipócritas e falarmos q o namoro cristão não esquenta nunca. Esquenta sim e isso é natural, afinal se trata de duas pessoas que se gostam. Anormal seria se isso nunca acontecesse. O importante é saber a hora de parar, é conhecer seus limites, é saber q o namoro cristão tem q ser entre três pessoas: Vc, o seu companheiro/a e o Espírito Santo do Senhor. Será q fui clara? (Taís, 22/04/2005)

Rpz... essa pergunta é difícil... eu tava conversando sobre isso com meu namorado ontem... se vc ta chamando acariciar de “passar a mão”, “mão boba” e essas coisas... eu acho q é melhor evitar...pra guardar o coração, o pensamento, o corpo... uma coisa tb q eu reparei é q essas coisas tomam conta do namoro com muita facilidade... com o passar do tempo, o tempo de ler, orar, e conversar sobre as coisas do Reino acaba sendo substituído... isso já acontece com o bj, imagine com esse tipo de coisa... acho q não precisamos disso... e não acho q edifique... acho tb q o Senhor não se agrada... por causa de questões como pureza, santidade e tb foco... e outra, se estiver na dúvida se é ou não pecado, não devemos fazer, né?!? Bom, acho que é isso... q o Senhor esteja nos ensinando o q é um namoro santo! q o agrade! q Ele seja o nosso maior professor! (Karla, 12/01/2005)¹⁶

O primeiro desses três trechos faz parte de uma pesquisa realizada em 1970, em confessionários católicos italianos através de um gravador. Nela os

¹⁶ Depoimentos retirados da comunidade de relacionamentos “Solteiros Cristãos” e, por isso, a linguagem informal própria da linguagem de internet.

autores concentram-se na relação sacerdote e penitente quanto à confissão de pecados sexuais para analisarem o lugar da religião católica na sociedade italiana. No livro há diversas confissões, em que os autores puderam perceber que mais de 80% dos pecados derivaram do sexo.

Os trechos seguintes fazem parte de conversas de um site de relacionamentos, o Orkut, onde jovens solteiros cristãos trocam idéias a respeito de suas dúvidas sobre relacionamentos e, principalmente, sobre o que é permitido ou não em um relacionamento entre namorados evangélicos.

A distância entre os trechos é de mais de 30 anos, e marcam períodos bastante significativos na história. A década de 70 é marcada pelas mudanças que a revolução sexual vinha operando desde a década de 60. Com a chegada da pílula anticoncepcional, nos Estados Unidos, às mulheres foram apresentadas um novo padrão de liberdade: a procriação despiu-se do sentido bíblico. Era possível controlar a fertilidade com a ingestão diária de um comprimido. Milhares de pessoas experimentaram o sexo fora do casamento. Entre eufóricos e perplexos, os homens passaram a relacionar-se com parceiras que já podiam controlar o próprio corpo. Os jovens reinventaram o amor - livre. Era a primeira revolução sexual da era moderna.

Nesses primeiros anos da década de 2000, questões sobre sexo e sexualidade ainda fazem parte do assunto de toda a sociedade em geral. Presente nas escolas, entre os religiosos e na academia, o tema sexualidade, se não proibido, ainda é assunto melindroso, e faz surgir amplos debates nos assuntos que o envolvem: aborto, gênero, homossexualidade. Muitos discursos, muita conversa, muita exposição, mas na prática, quando o assunto é sexo ou sexualidade ainda há muito a ser discutido.

E quando o assunto se relaciona com o da religião, o tema não se esgota, é ainda mais complexo. Como relacionar dois temas que parecem tão antagônicos? Afinal, sexo é interpretado como carnal, impuro; e religião é a busca pelo sagrado, pela pureza.

“Bom seria que o homem não tocasse em mulher; mas por causa da prostituição, cada um tenha a sua própria mulher, e cada uma tenha o seu próprio marido” (1ª Carta aos Coríntios 7.1)

É nas cartas do apóstolo Paulo aos fiéis da cidade grega de Corinto¹⁷, que os evangélicos se baseiam para proibir qualquer tipo de comportamento que julguem imoral e viole o plano de Deus, que condenaria fortemente o sexo pré-nupcial. A Bíblia não permite relações sexuais fora do casamento. É pecado grave, é rebeldia contra Deus.

Mas por que o pecado sexual é o mais condenado pelas igrejas? Por que quando se fala em questões que envolvem a sexualidade, as religiões se impõem tão fortemente?

Por que em pleno século XXI, com toda a tecnologia reprodutiva, em que até a reprodução humana é possível sem o ato sexual, ainda existe um discurso de que pureza e santidade estão diretamente ligadas à castidade? Essa é uma questão para a sociologia no âmbito da religião: buscar compreender essa preocupação das religiões no tocante à sexualidade dos fiéis, em um período em que liberdade e autonomia identificam o sujeito moderno.

O objetivo desse capítulo é mostrar como a questão da sexualidade ocupa um lugar significativo nas igrejas evangélicas, tornando-a em um “grande sermão”, que conclama todos os jovens, crentes ou não, a vivenciar os valores morais sexuais bíblicos, em uma vida casta até o casamento, mas de como os discursos proferidos pelos jovens solteiros dessas igrejas, revelam como eles têm lidado com essas normas no tocante a sua sexualidade, permanecendo na instituição, a despeito do cumprimento ou não das regras.

Teorias sobre a Sexualidade

O interesse pela sexualidade humana remonta de vários séculos. Quer seja por meio da análise anatômica das genitálias humanas¹⁸, com o propósito de conhecer o processo de procriação, quer seja no campo do exercício do poder, que

¹⁷ Nas epístolas aos Coríntios, Paulo faz sérias advertências sobre a imoralidade sexual e as relações sexuais ilícitas alertando que o homem que se une a uma prostituta torna-se uma só carne com ela. O apóstolo define o corpo do cristão como um membro do corpo Cristo e o templo onde habita o Espírito Santo. Assim, de acordo com Paulo, o cristão não pode fazer tudo o que quer com o seu corpo participando de relações sexuais contrárias aos mandamentos bíblicos, uma vez que o corpo do cristão pertence à Deus.

¹⁸ Mais sobre a história da construção da sexualidade em: BROWN (1990), LAQUEUR (2001), SALISBURY (1995)

o controle da sexualidade veio exercer¹⁹. O interesse sociológico pela sexualidade tem sido recente, mas intenso. Como reduto da intimidade, a sexualidade tem sido analisada pelas ciências humanas e tem sido importante para entender porque esse tema suscita tanto interesse. Qual o interesse, uma vez que sendo de foro íntimo, em torná-lo tão público?

Um passo interesse na compreensão do lugar da sexualidade na história humana tem sido dado pelas análises oferecidas pelas ciências humanas ao considerá-la uma construção social e histórica, retirando-a do contexto apenas natural. Analisada do ponto de vista da teoria da construção social, como propõem os autores Carole Vance (1995) e Michel Bozon (2004), a sexualidade precisa ser entendida dentro de um contexto social e cultural e de acordo com o sentido que os humanos a deram na sua relação um com os outros.

Desta forma, na tentativa de melhor compreender o seu desenvolvimento, o conceito de sexualidade tem nas últimas décadas se ampliado muito. Desde o final do século XIX até a metade do século XX, vários autores começaram a pensar a sexualidade por outros paradigmas, que não o da reprodução. Abordagens teóricas que colocavam no centro da discussão o prazer e o direito de contemplá-lo começaram a surgir e as teorias que colocavam o sujeito como autônomo para vivenciar esse momento estavam presentes em vários campos de conhecimento. Saberes sobre identidade e sexualidade foram se estruturando. Individualidade, identidade e sexualidade tornaram-se conceitos importantes na constituição do indivíduo moderno.

E é na segunda metade do século XX que os estudos sobre a sexualidade tomaram impulso. Sendo dois eventos importantes contribuintes:

1. O desenvolvimento de métodos contraceptivos, rompendo a associação entre o exercício da sexualidade e a reprodução humana;
2. O surgimento de novas reflexões entre a academia e a sociedade civil sobre o assunto.

¹⁹ Freud (2002) e Foucault (2001) serão importantes estudiosos do assunto nos séculos XIX e XX respectivamente.

Na década de 70 há a emergência de estudos sobre gênero dando uma nova perspectiva para as questões teóricas e de investigação sobre sexualidade. Estes estudos apontam a iniciação sexual como rito de passagem para a idade adulta, afirmação da virilidade e feminilidade. Representa ainda a busca por autonomia: tornar-se homem ou tornar-se mulher. Afirma um sentido identitário, uma tendência à emancipação. O exercício da sexualidade é o ponto de partida para a demarcação do eu no mundo. É a afirmação da individualidade, do querer individual, ainda que a iniciação sexual se afirme sobre formas socialmente sancionadas, de acordo com controles culturais.

Mas, o que é sexualidade? Da perspectiva hormonal à perspectiva cultural da iniciação sexual, quem determina a primeira experiência sexual?

Diversas pesquisas já realizadas sobre a prática sexual entre os jovens confirmam o que pesquisadores já vinham percebendo: que cada vez mais cedo os jovens iniciam suas atividades sexuais, e é entre os jovens do sexo masculino, que a iniciação se dá mais cedo.

Mas, ao longo da história, a experimentação da sexualidade tem sido diferente para homens e mulheres. Se a iniciação sexual para o rapaz sempre foi uma afirmação da sua virilidade (tornar-se homem), para a moça, a virgindade sempre foi sinal de honra (pureza). E ainda hoje, mesmo com maior liberalidade sexual, há no imaginário masculino ou feminino distinções para homens e mulheres que começam suas vidas sexuais mais cedo ou que já tenham várias experiências. É possível perceber que - ainda que em uma escala bem menor - a castidade, principalmente para as mulheres, é vista como sinal de recato e valorizado pelas famílias.

Em 2003, o novelista Manoel Carlos criou para a novela *Mulheres Apaixonadas*, uma personagem, vivida pela atriz Carolina Dieckman, jovem e pura, que nunca havia tido uma relação sexual com o namorado e pretendia casar virgem. Segundo o autor e a atriz da novela, eles receberam inúmeras cartas de meninas e, principalmente, mães, parabenizando a iniciativa e torcendo para que o autor mantivesse a jovem virgem até o seu casamento com o jovem rapaz. Outros exemplos são possíveis, basta fazer uma pequena pesquisa na internet, e

encontramos pessoas e grupos (nem sempre religiosos) que valorizam e, muitas vezes fazem um pacto de permanecer virgens até o casamento²⁰.

Representações sociais da sexualidade, segundo Alain Giami (1998) já apresenta *per si* um problema com que se precisa lidar:

“trata-se, inicialmente, dos tipos de relações entre as dimensões coletiva e individual pública e privada, social ou psicológica das representações” (GIAMI, 1998:p.205).

Isto significa que quando se trata de sexualidade, não estaremos lidando apenas com a relevância social em que se tornou a análise do controle sobre o corpo, sobre a reprodução ou no dispositivo de poder, que opõem homens e mulheres e fazem aparecer as relações entre o biológico e o social. Mas estaremos também falando de sentimentos, prazer e tensões entre uma moral religiosa (ainda) rígida e uma moralidade menos controladora dentro de uma sociedade em que o que vale é o prazer pelo prazer e em que o indivíduo marca a sua presença pelas escolhas livres que faz diante das variadas opções, dentre elas a própria forma de expressar sua sexualidade.

A sexualidade é uma invenção moderna, é o que diz Michel Foucault (2001). Na consolidação das instituições sociais modernas, os Estados e organizações modernas precisando controlar meticulosamente a população no tempo e no espaço, precisou do controle corporal e otimização das aptidões do corpo. A sociedade moderna precisava de corpos dóceis. De acordo com o pensador:

O que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo (FOUCAULT, 2001:p.36).

Os discursos sobre o sexo tinham como objetivo ditar normas, proporcionar uma sexualidade economicamente útil e politicamente conservadora.

Anthony Giddens (1993), em *A Transformação da Intimidade* faz um contraponto com Foucault ao analisar a sexualidade na sociedade moderna. Segundo o autor, Foucault dissera já ter se cansado do estudo do sexo e dos

²⁰ Nestas reportagens, alguns exemplos de moças e rapazes, astros da música e do cinema que vêm a virgindade como motivo de orgulho: http://www.terra.com.br/istoe/1635/comportamento/1635_ainda_nao.htm; http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG60349-6014_00-VEU+GRINALDA+E+CASTIDADE.html Há ainda movimentos pró virgindade católico (Por Hoje Não vou mais pecar – PHN): <http://piox.net/noticias/viver-em-cristo-phn-com-dunga.html>, e evangélico (Quem Ama Espera): <http://www.lifeway.com/tlw/>.

discursos proferidos, não havia mais novidade; para ele o que interessava era a emergência de “um mecanismo da sexualidade”, uma “administração positiva do corpo e do prazer” (p.31)

Giddens discordará de Foucault quando este diz que *as “únicas forças impulsionadoras da sexualidade são o poder, o discurso e corpo”* (p.31). A sexualidade operaria, sim, dentro do campo do poder, mas esse argumento valeria apenas para as origens sociais da sexualidade. Seria preciso, agora uma estrutura interpretativa diferente, uma conexão da sexualidade com o amor romântico, *“fenômeno intimidade vinculado às mudanças na família”* (p.34).

Segundo o autor, dentre as diversas mudanças ocorridas durante o Século XIX, estava a formação dos laços matrimoniais baseados no amor romântico, ideal burguês de família, difundido pela ordem social vigente. A partir desse momento, um lar (separado do ambiente de trabalho, era o lugar de apoio emocional) foi construído para abrigar marido e esposa, num “empreendimento emocional conjunto”, com obrigações para com seus filhos.

Também, nesse processo, a contracepção representou uma importante aliada no controle do tamanho das famílias, uma maior liberalidade sexual para os indivíduos e mais do que isso, a sexualidade tornou-se mais democrática, mais plástica! O livre-arbítrio sexual possibilitou uma maior autonomia sexual feminina, assim como uma maior expressão da homossexualidade masculina e feminina.

A sexualidade fica afinal plenamente autônoma. A reprodução pode ocorrer na ausência de atividade sexual; esta é uma ‘libertação’ final para a sexualidade, que daí em diante pode tornar-se totalmente uma qualidade dos indivíduos e de suas relações mútuas (GIDDENS, 1993:p.37)

A sexualidade, segundo o autor, tornou-se um discurso reflexivo, isto é, tornou-se parte das práticas sociais constantemente examinadas e reformadas à luz das informações abertamente propagandeadas e, transformadas em formas de ação adotada pelos indivíduos, ou grupos. O indivíduo moderno, obrigado a estar continuamente negociando opções de estilo de vida, tais escolhas definem quem o indivíduo é. A identidade sexual forma, assim, uma “parte central da narrativa do eu” (p.90)

O interesse da sociologia pela sexualidade²¹, para alguns autores, esteve sempre ligado à compreensão das práticas sexuais e de sua relação tanto com a reprodução biológica quanto com a social; e, como através da reprodução, uma estrutura de poder, de um sexo sobre o outro se dava nas relações sociais.

Preocupada com o surgimento da AIDS e com o risco epidemiológico, na década de 80, o interesse da sociologia pela sexualidade acabou tendo uma tendência reducionista de uma análise puramente comportamental e, correu o risco de reforçar a concepção redutora e racional da perspectiva biológica e naturalizante da sexualidade, já concebida pelas outras ciências, principalmente, as médicas. E o binômio sexualidade e reprodução acabou sendo uma das principais abordagens, não só da medicina ou da psicanálise, mas também das ciências humanas.

A relação estabelecida entre sexualidade e reprodução, de acordo com Maria Andréa Loyola:

(...) permanece como um problema para todas as disciplinas que desejam pensá-la, não apenas como efeito ou produto final de outras instâncias, observável na prática sexual dos indivíduos, isto é, como comportamento ou atividade sexual (LOYOLA, 1999: p.33).

Para a autora, no entanto, é preciso ir além, é preciso um “*esforço de desconstrução dessa concepção ‘naturalizada’ da sexualidade*”. Assim, concorda Carole Vance (1995), que considera que a sexualidade reprodutiva é parte de um universo sexual muito mais amplo e esse tipo de abordagem limita muito a compreensão da sexualidade como um todo.

O outro ponto importante na análise sociológica da sexualidade é o que a relaciona com a família. Circunscrita ao casamento e à construção da família, a sexualidade tem espaço e papéis demarcados: valores e normas quanto ao papel sexual dos indivíduos, os papéis sexuais do casal e ainda valores e normas quanto à fecundidade.

Janine Pierret (1998) mostra em sua análise que o próprio Durkheim já mostrava a *função* do casamento, como ordenador, controlador de uma vida passional e a concepção do casamento e da família como obrigações necessárias ao bom funcionamento social, e o ato sexual no casamento conjugal como um ato

²¹ Para uma análise mais aprofundada do assunto temos as coletâneas “A sexualidade nas Ciências Humanas, organizada por Maria Andréa Loyola (1998); E ainda, “Sexualidade: o olhar das ciências sociais” (1999) e

moral e função moralizadora da sociedade. E que a família conjugal seria a reguladora das relações entre os sexos.

Conjugando diversos autores, entre eles Norbet Elias, George Simmel e outros para mostrar como esses autores puderam perceber através de inúmeras observações que os homens têm necessidade de satisfações afetivas sem necessariamente com tonalidade sexual, Pierret conclui que a abordagem sociológica da sexualidade deveria desenvolver um *“quadro de análise em torno da vida privada, das emoções, ou mesmo da comunicação”* (p.65), uma abordagem muito mais centrada na comunicação e na troca.

Podemos considerar que Michel Bozon (2004) corrobora com a idéia da autora, ao radicalizar logo no início de sua obra colocando que *“a sociologia da sexualidade não existe”* (p.12), não como um conhecimento autorizado da sexualidade, mas pode mostrar o importante papel que a sexualidade tem na forma de manifestação e expressão das atividades mental e corporal do homem através da cultura.

Assim, para o autor, como uma esfera específica do comportamento humano, a sexualidade compreende atos, relacionamentos e significados. E a sociologia da sexualidade *“é um trabalho infinito de contextualização social e cultural, que visa estabelecer relações múltiplas e, por vezes, desconhecidas, dos fenômenos sexuais com outros processos sociais”* (p.151).

Um painel complexo se descortina, e não é possível desvendar toda essa complexidade nesse trabalho. Mas para a análise aqui proposta é importante ressaltar que situar a sexualidade no campo das relações sociais é fundamental para compreendermos como a forma de sua expressão foi se modificando ao longo da história. Regulada por normas sociais, fundamentadas, principalmente pela religião, hoje, na sociedade contemporânea, o seu controle já não serve mais para censurar, ou mesmo impedir sua manifestação, mas continua sendo objeto de análise para as ciências e como referência para atrair a atenção dos jovens pelos grupos religiosos.

Religião e Sexualidade

No texto *“Rejeições religiosas do mundo e suas direções”*, em suas análises de como as concepções religiosas teriam fomentado o capitalismo moderno, Max Weber (1982) chama atenção para uma conduta ética-moral (*ethos*) individual, que funcionaria como um bem de salvação, e tal conduta de certo modo prepararia o caminho para “o ‘espírito’ do capitalismo”.

A ética fraternal da religião de salvação está em tensão profunda com a maior força irracional da vida: o amor sexual. Quanto mais sublimada é a sexualidade, e quanto mais baseada em princípios, e coerente, é a ética de salvação da fraternidade, tanto mais aguda a tensão entre o sexo e a religião (WEBER, 1982:393)

E de que forma, as relações sexuais, antes, práticas do orgiasticismo mágico (consideradas como prostituição), passaram a ser legalmente concebidas dentro das relações do matrimônio? Este tornou-se em uma importante instituição na nova conformação moderna de sociedade, com “disposição econômica” para garantir a segurança da esposa e dos filhos.

Uma moralidade sexual, que não está associada apenas à esfera religiosa, mas também às esferas econômica e política, mostra que questões acerca do sexo foram sendo modificadas, ao longo da história e dependendo do contexto a sociedade vigente reprimia ou não a sua manifestação.

Como construção histórica, as relações sexuais sempre foram extremamente influenciadas pela estrutura econômica, religiosa e política de cada sociedade. Isso fez com que a moralidade sexual tivesse um papel fundamental na concepção de que a prática sexual só tivesse valor se fosse abençoada dentro do contexto do casamento, na sociedade ocidental moderna, a partir dos séculos XII e XIII. Riane Eisler (1996), Joyce Salisbury (1995), Peter Brown (1990) e Thomas Laqueur (2001) analisaram o longo e complexo processo histórico que teve que ocorrer para que entendêssemos o sexo e a sexualidade como os entendemos agora.

É a partir dos primeiros séculos do Cristianismo, que um padrão de moral sexual é construído e começa a se firmar. Primeiro com o apóstolo Paulo e, em seguida, por Santo Agostinho, cuja concepção de que o corpo humano, principalmente das mulheres é corrupto e mesmo demoníaco, se não estiver a serviço de Deus, se instaura. Desde então a sexualidade esteve intimamente

submetida a uma moral religiosa e a Igreja Cristã tratou de determinar que o prazer sexual era pecado e que fazer sexo tinha como único objetivo a procriação.

Com Agostinho, a sexualidade tinha um espaço sagrado para se manifestar: o casamento. Localizando firmemente o pecado na libido e não no ato sexual em si mesmo, Agostinho considerava o casamento o lugar ideal para dar vazão à libido de forma não pecaminosa. As vantagens do casamento (procriação, fidelidade e sacramento), ultrapassavam o simples desejo carnal da fornicação ou adultério.²²

Ranke-Heinemann (1996) chama atenção para a noção católica do sexo como doença, e o sexo marital como o seu remédio, e como a visão protestante, sob a tutela de Martin Lutero sustentará essa visão, a de sexo no casamento como remédio.

Essas concepções da sexualidade, tanto positiva quanto negativa, continuam presentes na percepção de muitos religiosos gerando muitos conflitos quando confrontadas com concepções de outros segmentos sociais. É na tentativa de discutir de forma conciliatória, e com o intuito de maior diálogo com as lideranças religiosas, sobre o tema religião e sexualidade (levando em consideração a força social e política que têm algumas instituições religiosas), que organizações sociais não-confessionais têm se empenhado em promover seminários e encontros que fomentem os debates.

Em outubro de 2003, na cidade do Rio de Janeiro, um encontro promovido pelo Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) em parceria com o Instituto de Estudos da Religião (ISER), contando ainda com a participação da Fundação Ford, reuniu religiosos, ativistas, estudantes e profissionais de diversas áreas para discutir o tema da sexualidade da perspectiva das religiões.²³

Questões sobre aborto, homossexualidade e uso de contraceptivos tornaram o debate, no mínimo efervescente, e evidenciou tensões já posicionadas pelos religiosos: a condenação da prática abortiva e o uso de contraceptivos pela Igreja Católica e o duro discurso de “anormalidade” ao comportamento homossexual proferidos principalmente pelos evangélicos.

Ainda há muito a ser abordado e avançado nesse campo, na medida em que ainda há posições bastante conservadoras e conflitantes no que diz respeito à

²² Op.cit EISLER, 1996.

sexualidade humana. Mesmo com a proposta de promover um diálogo entre as diferentes visões religiosas e promover maior responsabilidades sociais quando a questão é sexualidade e promoção da saúde e dos direitos humanos, é o começo de um longo caminho pela frente.

O que dizem as lideranças evangélicas brasileiras

Corpo santo, manifestação da santidade. Longe da concupiscência da carne, o corpo podia se tornar espiritual. A questão do sexo sempre foi motivo de preocupação entre os cristãos. Desde os séculos mais antigos até o presente momento, ainda é possível se discutir quando e como se iniciar a vida sexual. A prática sexual ocupa um lugar importante nas discussões teológicas de diversos grupos religiosos. Mas é do ponto de vista cristão evangélico, que abordaremos o tema.

Apesar das mudanças ocorridas com a Reforma, não houve mudança no pensamento vigente no que dizia respeito às questões sexuais e Lutero se manteve firme na visão de que a prática sexual se restringia ao casamento. Para deixar claro a perspectiva evangélica da sexualidade cito a fala do pastor presbiteriano Eduardo Rosa Pereira, proferida no seminário sobre religião e sexualidade já citado anteriormente:

Primeira afirmação de fé protestante: a ética sexual tem como ponto de partida e como ponto de chegada a Bíblia, as Sagradas Escrituras. Nessa perspectiva, a discussão de uma ética sexual no mundo protestante não tem como ponto de partida a lei natural, não tem como ponto de partida qualquer instância eclesial. O ponto de partida e o ponto de chegada são as Sagradas Escrituras (PEREIRA, In GIUMBELLI, 2005:33)

As denominações evangélicas são unânimes em considerar que a prática sexual está limitada ao contexto do casamento monogâmico e heterossexual. A doutrina é clara e inflexível, não há nenhum discurso de que é possível considerar algum desvio. Jovens e adultos solteiros são doutrinados a controlar seus desejos e estimulados a permanecerem puros e castos até o matrimônio, ganhando com isso a

²³ As discussões do seminário culminou na publicação: "Religião e Sexualidade: Convicções e responsabilidades", organizado por Emerson Giumbelli (2005)

verdadeira felicidade, alcançando uma vida espiritual plena e formando uma família nos padrões divinos.

A repressão institucional a quem não obedece aos princípios da moral sexual vai desde o castigo (a exposição pública do “pecador”), à vergonha de continuar pertencendo à uma comunidade onde a sua intimidade foi exposta tão cruamente.

A repressão espiritual se dará no momento da culpa, da baixo-estima e do abandono. O desejo de ser irrepreensível diante da liderança e da comunidade faz com que, diante da “queda”, o fiel se afaste da congregação com os irmãos e se isole da comunhão, até que convidado ao arrependimento, se comprometa novamente com a doutrina e volte ao convívio da igreja.

Estaremos falando de denominações evangélicas em pleno exercício de suas doutrinas em plena sociedade contemporânea, onde atitudes repressivas e controladoras, dão espaço às atitudes muito mais flexíveis, muito mais brandas?

Sim, se não na prática, pois muitas igrejas acabam por adequar comportamentos, hábitos e costumes tradicionais conforme as escrituras, às transformações da modernidade, na teoria, as igrejas procuram preservar suas doutrinas. E o compromisso com essas doutrinas determinará o quanto o fiel considera ainda a instituição como importante na manutenção de sua fé.

E quando se trata da sexualidade, é que os dilemas aparecem. O compromisso com a doutrina da moral sexual exacerba esses dilemas e põem, principalmente os solteiros, em uma difícil situação de compromisso e reconhecimento da Palavra (a Bíblia é a autoridade máxima) e a liberdade individual, tão promovida na sociedade moderna.

Sendo assim, ao abordar a sexualidade entre os jovens evangélicos é preciso levar em conta fundamentalmente o contexto onde estão inseridos e o aparato de controle sob os quais estão submetidos. Quando falamos das representações desse grupo sobre sexualidade, até onde poderemos perceber sua própria fala, sem estar completamente obscurecida pelo discurso do líder ou da família?

Para fazer com que os jovens respeitem a doutrina da pureza sexual os líderes investem pesado na literatura e na divulgação dos malefícios, tanto social quanto físico, de um contato sexual pré-nupcial. Podemos observar isso no

depoimento de um líder de jovens que reafirma a cada momento, junto com outros líderes, os comportamentos proibidos pelas igrejas.

Os namoros impuros, cheio de prazeres da carne, são formas claras e evidentes da infidelidade ao Senhor. Geralmente, estes relacionamentos culminam na fornicação. É uma tragédia na vida de qualquer jovem. Fugir do pecado é uma forma sábia de agir (Solteiros Cristãos, 25/05/05).

A doutrina evangélica da castidade pré-nupcial é igualmente considerada por todos os evangélicos, independentemente da denominação. Como cada denominação controla seus membros na sua observância é que é o diferencial. E em um contexto de pluralidade religiosa e expansão das denominações neopentecostais esse controle tem sido cada vez mais difícil.

Toda a literatura evangélica afirma ser o sexo um ato que deve ser praticado no contexto do casamento heterossexual. Os depoimentos abaixo são de líderes cujas obras são direcionadas principalmente para o público jovem e solteiro. Eis o que diz o médico psiquiatra canadense John White, experiente especialista na área de aconselhamento de jovens, e muito influente na liderança brasileira:

“Afirmo, portanto, que a única atividade sexual que cumpre o propósito divino em relação ao sexo é a que se desenvolve entre marido e esposa, para sua satisfação mútua, como um processo pelo qual aprendem a ter comunhão” (White, 2000:p.25).

O outro depoimento é do psicólogo evangélico Carlos Grzybowski, brasileiro, bastante conhecido em aconselhamento para casais e jovens em dificuldades com a sexualidade:

[O sexo é bom (Gn 1.30). Como as demais coisas criadas, a sexualidade é examinada por Deus e declarada como algo bom, aliás, muito bom. Em todo o relato criacionista, somente uma coisa é assinalada como não sendo boa: ‘que o homem estivesse só!’. O que reforça a idéia de que a sexualidade é algo bom e criado por Deus para a plenitude do ser humano (...). Temos que reconhecer que o sexo é natural, bom e prazeroso e que o matrimônio é a forma de expressão sexual aprovada pelas igrejas, e que há uma interação nos elementos que a compõem: prazer, mutualidade e diferenciação complementar (Grzybowski, 2003:39).

Baseada na premissa de que “Deus é o mesmo ontem, hoje e eternamente”, para a liderança evangélica, a vontade moral de Deus não muda com o passar do tempo. Portanto, para pertencer ao grupo denominacional é preciso obedecer às doutrinas independente de classe, gênero ou idade.

A nossa cultura considera que ao iniciar-se sexualmente, o jovem (homem ou mulher) passa a ser considerado adulto e responsável por sua vida. Muitas vezes, dependendo do contexto sócio-econômico, vive a ambigüidade de ser sexualmente adulto e em situações de dependência nas dimensões econômicas e familiares. É por essa e outras razões que líderes evangélicos consideram o exercício da sexualidade como algo que deve se iniciar no contexto do casamento, onde se pressupõe a independência financeira e a formação de uma família. É o revela o depoimento a seguir:

Tenho 24 anos, sou cristã desde que nasci. Congrego-me na igreja Assembléia de Deus em Barra Mansa, RJ. Estou com um problema...No ano passado, conheci meu atual namorado. Ele tem 29 anos. Estamos junto há 1 ano e 4 meses. Gosto muito dele, amo-o de verdade, sei que ele também sente o mesmo, e que com a ajuda de Deus vamos nos manter puros até o nosso casamento. É difícil mas não impossível. Bom, ele ainda está estudando, e estamos esperando ele se formar para nos casarmos, ele se forma no próximo ano." (Solteiros cristãos:25/05/05)

Para os rapazes pôr em prática essas doutrinas é sempre mais difícil. Ainda que em um primeiro momento, a cobrança da castidade para homens e mulheres, possa apontar para uma igualdade de gênero, o controle sobre os rapazes parece ser sempre menor. Das moças espera-se sempre um comportamento mais recatado e mais preparado para um bom casamento.

Maria Betânia Araújo (1994) ao analisar o lugar do prazer da visão dos Batistas do Brasil, chama a atenção para o fato de que ao permitir o sexo somente dentro do casamento, os líderes procuram oferecer aos seus membros outras formas de prazer que não estão necessariamente ligadas ao sexo. Através de encontros jovens, reuniões de famílias e festas na igreja criam uma espécie de recreação que procura unir os jovens e evita que eles sejam "*atraídos pelo desejo da carne*" (p.70)

Em seguida temos uma importante abordagem sobre sexo, feita por uma psicóloga evangélica cujo alvo são os jovens solteiros, embora longa, é importante para percebemos como os jovens são instruídos com relação à prática sexual:

Deus fez homens e mulheres complementares anatomicamente, de modo que a união sexual os torna mais unidos, prazerosos e ampliados. Por muito tempo o sexo foi visto como algo impuro e sujo, mas se é algo planejado pelo próprio Deus, não é seu plano que o sexo afaste o homem do plano divino, fazendo-o pecar. As expressões ser uma só carne ou ser numa só carne, referem-se ao ato sexual. Assim, é correto afirmar que o ato sexual foi criado para ser desfrutado por um homem e uma mulher (relação heterossexual) de forma a inaugurar o casamento. Portanto, ter relações sexuais fora do casamento implica desobedecer os

mandamentos e estatutos divinos, retirando do matrimônio o caráter imaculado e honroso do leito sem mácula de que nos fala Paulo aos hebreus – o que implica dizer que o sexo é assunto de natureza espiritual. Por ser o sexo de natureza espiritual e estar limitado ao casamento, é que Deus estipulou certos padrões de comportamento para os solteiros. Deus espera que eles respeitem seus corpos, e que os tratem de forma que venham honrar ao Criador. Assim o corpo do cristão deve ser mantido física e moralmente limpo, pois nosso corpo pertence ao Senhor: Não sabeis vós que os vossos corpos são membros de Cristo?²⁴

Discursos como esses enchem as páginas de livros e revistas voltados para a juventude evangélica. Uma grande quantidade de literatura tem como tema o evitar ou fugir à tentação sexual. Outros apontam os perigos reais da prática sexual antes do casamento.

Entre as prescrições para que os jovens tenham cuidado no namoro, há normas de como deve ser um namoro cristão, definindo as limitações de carícias íntimas em um namoro ou noivado entre crentes evangélicos. E a preocupação não se limita apenas a contatos mais íntimos. Perguntas sobre quais os limites dos beijos, quais “as linhas divisórias” de onde é permitido “pôr ou passar as mãos ou a língua” e etc, são consideradas perguntas fundamentais para quem quer namorar dentro dos padrões bíblicos e da comunidade onde participa.

Até onde posso ir? Indagações dos jovens sobre os limites de um namoro cristão revelam o limite de uma autonomia individual, e a sujeição a uma doutrina. Em todos os casos, outros jovens, que já passaram por experiências parecidas, e especialistas, como líderes de juventude, pastores e mesmo psicólogos evangélicos, dão suas opiniões e atentam para a principal postura de um jovem ou uma jovem crente fiel a Deus, a(o) seu(sua) namorado(a), ou futuro(a) cônjuge: a [autodisciplina/autocontrole] como elemento fundamental na vida cristã.

Outro psicólogo cristão evangélico, Ageu Heringer Lisboa expõe em seu livro dedicado ao assunto sobre a sexualidade dos jovens a seguinte pergunta:

Na área sexual é dito que cada um tem o direito de viver sua sexualidade do modo como quiser, que é algo de foro íntimo. Mas é o sistema de saúde pública que arca com os custos do tratamento daqueles que adquirem doenças sexualmente transmissíveis e daquelas que sofrem com seqüelas de abortos. Que tipo de liberdade e dignidade existe nos jogos sexuais que dão origem a crianças sem pais e acarretam sofrimento psíquico e social em larga escala? (LISBOA,2001:p.47)

²⁴ http://www.clickfamilia.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?from_info_index=11&infoid=354&sid=14

A mídia evangélica, os cultos dominicais e reuniões de jovens lembram a todos os solteiros o compromisso que assumem com o futuro cônjuge e com a igreja quando se preservam sexualmente puros até o casamento.

Profissionais como pastores, médicos e mesmo psicólogos evangélicos se unem para tentar tornar menos penoso o difícil compromisso da virgindade em um mundo regido pela liberdade sexual, pela escolha individual de parceiros e até mesmo pela escolha da própria sexualidade. Assim as denominações evangélicas têm divulgado suas doutrinas a respeito do exercício da sexualidade entre os seus fiéis. E a grande dificuldade que têm encontrado é conciliar esses valores com os valores sociais vigentes.

Assim, o que podemos concluir a respeito da prática sexual para os evangélicos é que:

1. Sexo tem natureza espiritual e, portanto, deve ser entendido como algo criado por Deus e sua prática deve honrar o seu nome;
2. Para a sua santificação a prática sexual deve estar no contexto do casamento, instituição criada por Deus, para promover a família;
3. Qualquer relação sexual que não esteja no âmbito do casamento e nem de acordo com os princípios divinos é considerada prostituição;
4. O sexo é um ato corporal e, portanto, dignifica o corpo quando eleva o amor entre os casais, no casamento; mas o corrompe quando realizado fora do casamento e só busca a satisfação do prazer.

A sexualidade é assim definida por um líder evangélico:

A vontade de Deus não é só que oremos e contribuamos, mas que evitemos a imoralidade sexual. Quem rejeita estas coisas não rejeita a homens, mas a Deus (...). Se estou sendo imoral sexualmente, estou rejeitando a Deus, mesmo dizendo que Jesus está no centro do meu relacionamento e de minha vida (...). Se você é moça, não deixe seu namorado passa a mão em você, beijar seu corpo. Intimidade é para depois do casamento. Santifique seu namoro mantendo a pureza em seus atos e pensamentos (...). Se você é rapaz, não force sua namorada a fazer coisas que são erradas. O salário do pecado é sempre a morte.²⁵

²⁵ <http://www.solteiros cristaos.com.br/perguntas/maoboba.htm>

Portanto, a sexualidade está ligada ao corpo e o corpo do crente não pertence a ele, mas ao Criador, que cobrará satisfação de como ele será usado. A prática sexual antes do casamento é pecado contra Deus, que quer que o crente mantenha um corpo puro até encontrar aquele que será seu ou sua cônjuge. A prática sexual pré-marital é fornicação, promiscuidade, impureza. Torna o indivíduo impuro diante de Deus e da congregação a que ele pertence.

CAPITULO 3

A distância entre nós – a questão metodológica

Nas Ciências Sociais o que separa o observador do seu objeto de análise? Como se “despir” de todos os conceitos pré-concebidos para analisar com neutralidade os fenômenos sociais que envolvem gente como nós? Há muito tempo esta pretensão teve fim. O que não significa que as Ciências Sociais não façam ciência digna de respeito, de confiabilidade.

Há que ter uma distância entre nós. Uma distância entre aquele que observa do que é observado, para que haja o mínimo de *bias* possível. Como relata Gilberto Velho (1999), quando analisamos um grupo social, uma sociedade ou cultura diferente da nossa esta postura parece bem mais fácil, afinal podemos nos dirigir a ela ou ele como “o outro”, seu comportamento, suas regras, suas crenças, nada tem a ver conosco, podemos analisá-los melhor porque estamos de fora, somos apenas o “observador participante”.

No entanto, para o autor, mesmo analisando o nosso próprio grupo social precisamos dar uma distância, precisamos olhar a nós mesmos, inseridos na sociedade que analisamos, como se fôssemos estrangeiros em nossa própria pátria, olhar a nós mesmos com estranhamento. Procurar enxergar as nuances do nosso comportamento que o nosso cotidiano não nos permite observar tão acostumados que estamos com o que já temos como dado.

O que dizer quando analisamos um grupo social a qual pertencemos? Na relação sujeito-objeto, onde começa um e termina o outro? Nós, sujeito/objeto de nossa análise sociológica quase sempre somos acusados de fazermos militância, ou mesmo auto-conhecimento, que através de nossas pesquisas estamos procurando conhecer a nós mesmos.

Tanto mais os “sociólogos religiosos”, com nosso envolvimento “afetivo-existencial”, que comprometeria os resultados da pesquisa científica, como somos muitas vezes acusados.²⁶

²⁶ “Da ‘Boa’ e da ‘Má’ vontade para com as religiões nos cientistas sociais da religião brasileiros”. *Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 67-86, 2000.* Antônio Flávio Pierucci ao fazer um balanço sobre a produção acadêmica da sociologia da religião no Brasil, faz uma crítica à presença de “religiosos praticantes” e “profissionais da religião” na produção acadêmica da sociologia da religião tornando-a “impuramente acadêmica”. Marcelo Camurça, através desse artigo comentários relevantes a respeito das críticas de Pierucci.

Qual o objetivo quando nos expomos? Afinal, o objeto é sempre exposto, dissecado e interpretado. Será que é para provar para os cientistas sociais “não religiosos” que nós os cientistas sociais sujeito/objeto não somos exatamente quem dizem que somos, quando interpretam o grupo social a qual pertencemos? Ou será que é para mostrar que podemos sim, olhar com olhar estrangeiro o nosso próprio comportamento?

Ao iniciar essa pesquisa não tinha em mente essa proposta. Tinha uma questão, um objeto e uma metodologia, isto é, possuía um projeto. E, munida dos itens necessários para o bom desenvolvimento de uma pesquisa segui em frente. Mas a jornada não foi fácil. Desde o elaborar das perguntas, faze-las e interpreta-las foi necessário uma espécie de “filosofia do martelo” nietzschetiano para destruir constantemente as idéias já pré-concebidas, os valores já apreendidos na minha própria experiência religiosa, e reconstruir, interpretar e compreender os fenômenos analisados de forma mais distanciada possível.

Mas, como nos coloca Velho (1999), que familiaridade não é igual a conhecimento científico, a grande diferença nesse processo é que enquanto cientistas sociais devemos estranhar o familiar, e sermos capazes de confrontar intelectual e emocionalmente as questões sociais, principalmente, as que nos envolve.

Ciente dos limites entre a crença religiosa e o conhecimento científico, o objetivo é apresentar esses dados, assim como suas interpretações, da forma que se espera de uma pesquisa científica.

Definição do grupo

Para delimitar um grupo com essas características que desejava comecei por analisar um grupo denominado de “Solteiros Cristãos”, membros de uma comunidade no ORKUT formados majoritariamente por evangélicos solteiros, que através de fóruns *online* discutem diversos temas, preferencialmente os da sexualidade, casamento e relacionamentos.

O ORKUT se auto-define como uma “*comunidade online que conecta pessoas através de uma rede de amigos confiáveis*”²⁷. A participação nesse grupo se dá a partir do momento em que algum membro já participante faça um convite (via e-mail) para que outro amigo participe. Dentro dessa comunidade, inúmeras outras comunidades são formadas por diversos interesses e assuntos. Assim, cada participante se integra em uma comunidade com um interesse afim.

A Comunidade “Solteiros Cristãos” foi criada em 7 de setembro de 2004 e conta com 9.830 participantes (setembro/2008)²⁸. Segundo a criadora da comunidade, esta é voltada para mulheres e homens cristãos solteiros (sem compromisso, namorando, noivos, divorciados e viúvos), independente de faixa etária. A finalidade da comunidade, como está definida em sua página inicial é

“abençoar vidas através dos tópicos relacionados ao tema, em concordância com a Palavra de Deus. A meta é edificar homens e mulheres solteiros cristãos permitindo que estes se conheçam como indivíduos e criem um ambiente oportuno para relacionamentos saudáveis, a partir de suas idéias, questionamentos, dúvidas e anseios” (<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=394193>)

A comunidade estimula, portanto, encontros reais com o objetivo de que seus participantes se conheçam e estabeleçam algum relacionamento. Dentro da comunidade há inúmeros fóruns que são formados por qualquer um pertencente à comunidade que queira debater algum tema de interesse. Alguém lança uma questão e todos aqueles que quiserem podem entrar no debate, podendo se identificar ou não. A anonimidade, por exemplo, é uma atitude adotada por diversos participantes quando querem discutir nos fóruns, questões que envolvam, principalmente, a sexualidade.

Ao iniciar a pesquisa fiquei surpresa com a quantidade de *sites* evangélicos que falavam sobre sexo e sexualidade. Tive como primeira impressão que os evangélicos falavam mais sobre este, do que qualquer outro assunto, o que parecia indicar que se a prática sexual antes do casamento não era permitida, falar sobre o assunto, sim. Encontrei inúmeros sites de bate-papos cujo tema “como manter-se puro até o casamento” era o mais debatido. Jovens e líderes tentavam chegar a algum acordo de como melhor proceder, principalmente nos casos onde um jovem “confessava” ter “caído” sexualmente.

²⁷ www.orkut.com

²⁸ Este número se modifica diariamente.

Era possível, desde já, perceber a internet como um importante meio de comunicação para se falar sobre o assunto. Sem espaço dentro das igrejas para discutir sobre o assunto, os jovens encontraram esse espaço na rede internacional de comunicação. Era a oportunidade que procuravam, e o assunto interessava a todos.

A possibilidade de não se identificar faz com que os jovens falem mais abertamente sobre as dúvidas, os medos e até dos sentimentos de culpa que os afligem quando não conseguem cumprir o mandamento da abstinência sexual.

Meu primeiro contato com esse grupo foi através do *site* de aconselhamento evangélico interdenominacional www.solteiros cristãos.com.br. Através deste *site* comecei a fazer parte do grupo de aconselhamento restrito a pessoas selecionadas pela moderadora do grupo. O objetivo era ter um contato o mais direto possível com os jovens pertencentes a esses grupos para estabelecer um mínimo de contato, que possibilitasse as entrevistas individuais e pudesse explorar questões que envolvessem a intimidade (questões sobre sexo e sexualidade) sem causar constrangimentos por parte dos envolvidos. Ter um relacionamento face a face com o grupo seria fundamental para tratar de um assunto tão íntimo; daria não só mais confiança aos entrevistados como possibilitaria o contato com mais jovens, amigos destes ou conhecidos, freqüentadores do mesmo grupo.

Utilizando a Comunidade como primeira experiência de contatos com os jovens, foi possível perceber dados significativos para a análise desse grupo. Variáveis como idade, ocupação e *status* social apontam um grupo de solteiros com curso superior, empregados e muitas vezes de independência financeira que chegam à idade adulta submetidos às mesmas regras de abstinência sexual. Estes solteiros precisam lidar com a maturidade e os limites de sua liberdade no exercício de sua sexualidade. Um problema ainda maior aparece quando os jovens tornam-se adultos solteiros, ou sejam, chegam à idade adulta sem perspectiva de casamento, no caso principalmente das mulheres, que precisam lidar ainda com a questão da idade limite para gerar filhos.

Após alguns encontros virtuais, o grupo decidiu se encontrar para se conhecer e o encontro aconteceu em uma pizzaria em um shopping no Rio de Janeiro. O Rio seria o local do primeiro encontro real desse grupo. Mais tarde, outros Estados também realizaram encontros pessoais.

Nesse primeiro encontro, 12 jovens, entre moças e rapazes compareceram. Com o objetivo de se conhecerem melhor e trocarem idéias sobre diversos assuntos, houve outros encontros, dos quais participei de quatro.

Identificando-me como pertencente a uma igreja evangélica (prerrogativa para fazer parte do grupo), expus o meu interesse no grupo e o desejo de entrevistar alguns componentes para minha tese de doutorado. De início não houve resistência, ao contrário, falar sobre o assunto não parecia tarefa difícil para a maioria do grupo e, além disso, como pude perceber mais tarde, era também uma oportunidade de conversar mais abertamente sobre o assunto, uma espécie de confissão, sem penitência. Embora o número de participantes da reunião se modificasse a cada encontro, manteve-se sempre em torno de 10, com cerca de uns 20 jovens diferentes. No entanto, não foi fácil marcar as entrevistas. Combinar tempo e local para conversar sobre um assunto tão íntimo dificultava os encontros.

Depois do 4º encontro, o grupo também passou a se comunicar por ORKUT, na Comunidade Solteiros Cristãos. Devido aos inúmeros compromissos da moderadora do grupo, os encontros foram diminuindo até acabarem (não tenho conhecimento de que tenha havido outros encontros no Rio de Janeiro).

Para entrar pela primeira vez no ORKUT tive que receber o convite de um participante que fazia parte do grupo. Novamente, para participar da Comunidade, precisei ser aceita pela moderadora do grupo. A partir daí fui conhecendo outras comunidades que tinham como mesmo objetivo envolver jovens de todo o Brasil, em amizades, namoros e em discussões de diversos assuntos, entre eles a pureza sexual antes do casamento.²⁹ Através do ORKUT, entrei em contato com jovens, dentre os quais fiz também algumas entrevistas reais. Também colhi material dos fóruns, por achar bastante importante para a pesquisa, em se tratando de um lugar onde a anonimidade facilita a discussão em torno do assunto.

Além desses encontros, participei também de um encontro denominado “Encontro de Solteiros, Divorciados e Viúvos” que acontece anualmente no Malibu Palace Hotel, em Cabo Frio no Rio de Janeiro, promovido pelo Ministério Cristão de Apoio à Família (Ministério Oikos), uma instituição evangélica pró-família, criada em

²⁹ Fazendo um levantamento breve encontrei mais de 15 comunidades especificamente de jovens e adultos solteiros cujos temas são amizades, namoro, sexo, pureza, pecado, etc. Existem tantas outras centenas de comunidades evangélicas sobre variados temas. A comunidade com maior número de participantes (sobre virgindade) é a “No sex... até o casamento” (mais de 15.717 membros)

março de 1997.³⁰ Este encontro é formado majoritariamente de mulheres viúvas e separadas. Embora promova o encontro com o objetivo de reunir crentes que não estejam envolvidos com ninguém no momento, com o intuito de orientá-los através de estudos e dinâmicas de valorização pessoal, o encontro é muitas vezes visto como uma possibilidade de conseguir algum relacionamento. Antes de expor o objetivo da minha presença no grupo, logo fui questionada se estava ali também na esperança de encontrar algum pretendente.

Conversando com algumas participantes, elas confessaram suas frustrações com o fato de não haver mais homens no encontro, dificultando assim, qualquer possibilidade de relacionamento. Especificamente nesse encontro, das cem pessoas inscritas, 99 eram mulheres.

Ao conversar com o único homem do encontro, ele confessou também está frustrado pelo fato do encontro ter tantas mulheres, e de muitas delas já terem tido um relacionamento anteriormente. Ele buscava uma mulher nova e virgem. Ele foi um dos meus entrevistados.

Iniciando as entrevistas

Marcar a primeira entrevista foi muito difícil. Encontrar um local adequado para falar de um assunto tão íntimo foi o principal empecilho. Além disso, todos os entrevistados tinham seus compromissos de trabalho e de estudos. Todos são profissionais ativos e precisam conciliar trabalho e estudo, o que dificultava encontrar um tempo para conversar. A maior parte das entrevistas foi feita no domingo, ou nos finais dos expedientes de trabalho dos entrevistados.

A primeira entrevista foi bastante significativa. Seria também minha primeira experiência em tocar em um assunto tão íntimo e tão melindroso e ainda por cima, com um rapaz (percebi depois que foram sempre os rapazes os mais solícitos em fornecer as entrevistas). Não sabia como seria sua reação às perguntas, se o roteiro de entrevista estava adequado e se ele estaria à vontade para falar comigo, uma pessoa quase que desconhecida para ele, sobre um assunto tão delicado.

³⁰ www.clickfamilia.org.br

Para a minha surpresa havia uma necessidade urgente, por parte do rapaz, em falar sobre o assunto. E dividir com uma desconhecida algo tão íntimo era a oportunidade que facilitava o diálogo. Senti-me no primeiro momento fazendo o papel de uma terapeuta, apenas ouvindo por muitos minutos seguidos o desabafo de um jovem conturbado com o conflito entre sua escolha religiosa e a obediência aos seus mandamentos. Essa primeira entrevista levou em torno de duas horas.

Muitas vezes fazer as perguntas trazia mais constrangimento para mim, do que para eles responderem. De certo que precisei alterar algumas vezes o roteiro de entrevista adequando-o para deixar mais claro o meu objetivo com a entrevista. Embora as perguntas fossem claras, algumas respostas pareciam meio confusas e muitas vezes obscuras, necessitando que eu aprofundasse mais a questão e muitas vezes fosse bastante indiscreta. As perguntas mais diretas sobre as práticas sexuais não os deixou constrangidos, mas algumas vezes percebi o receio de discuti-las. Percebi que muitas vezes, isso se dava em função de me identificar como membro de uma igreja evangélica, e possivelmente isso se tornasse um testemunho negativo para eles. Percebi, muitas vezes, uma ansiedade muito grande, que em muitos momentos fazia com que o entrevistado me atropelasse nas perguntas, e começasse a falar tão rápido e quase sem respirar.

Certamente que em se tratando de questões tão íntimas, falar sobre isso seria difícil, considerando o fato de estar diante de alguém que também conhecia as regras, como era o meu caso e, a preocupação com o testemunho, fosse outro empecilho para responder às perguntas. Mas, por outro lado, me identificarem como pesquisadora, os permitiu maior liberdade.

É preciso considerar que nesse tipo de pesquisa quando o assunto é intimidade, evitar perguntas valorativas, que induzam a respostas prontas e ou que evitem uma saída pela tangente das perguntas mais íntimas, facilita respostas mais “verdadeiras”, mas torna mais difícil a escolha das perguntas.

Tentei contornar essa situação deixando-os bem à vontade e a certeza de que em nenhum momento esses depoimentos seriam identificados. Essa foi uma condição acordada anteriormente e permitiu mais liberdade para que eles se abrissem mais.

Uma outra técnica foi mudar um pouco de assunto de vez em quando, retornando sempre com algumas outras perguntas do roteiro, ou muitas vezes, desligando um pouco o gravador. Senti que ao desligá-lo, os entrevistados se

sentiam mais à vontade e acabavam se expondo mais. Tinha a impressão de que nesse momento não me viam mais como alguém que só queria algumas informações impessoais para uma determinada pesquisa; mas alguém com quem pudessem trocar idéias, a respeito de um assunto tão delicado. Dialogar com alguém estranho, fazia com que pudessem “pensar alto”, uma auto-reflexão sobre o próprio comportamento. Algumas vezes precisei anotar de próprio punho alguns dados importantes, mas que não foram falados quando estavam sendo gravados.

Assim, quebrada a primeira dificuldade, marcar as entrevistas, os encontros foram sempre bastante positivos. A cada final de entrevista tive que assumir o compromisso de que divulgaria o resultado. Eles também estão bastante curiosos em saber como os jovens têm se comportado quando o assunto é sexualidade.

A etapa final seria transcrever as fitas, o que resultou em um trabalho extenso e intenso. Extenso porque, só na transcrição da primeira fita é que pude perceber o quanto foi falado, o quanto de ansiedade e expectativa podiam caber em uma pequena fita de 60 minutos. Foram mais de 15 horas transcritas e que serão analisadas nas páginas seguintes. Algumas vezes, dependendo do momento a fala saía como um sussurro, o que dificultava em muito a audição. Intenso porque, foram essas entrevistas, que me fizeram não desistir, pois muitas vezes tive vontade de fazê-lo. Saber que aquelas pessoas tinham compartilhado segredos e tempo de suas vidas a mim e que esperavam um retorno desse sacrifício, me fizeram continuar e terminar esse trabalho, que espero seja de muito proveito para entender um pouco mais experiência religiosa desses jovens na relação com suas denominações.

A pesquisa consta de um trabalho de campo, com um total de 10 entrevistas em profundidade, que levam em torno de uma hora e meia a duas horas, tendo como referência um roteiro extenso, que dependendo do desenvolvimento da entrevista foi bastante flexível.

Para as entrevistas utilizo um mini gravador e dois roteiros. O primeiro (anexo 2), enviei a todos os entrevistados antes das entrevistas, pedindo que me devolvessem preenchido por e-mail. O objetivo era que ele fosse preenchido com os dados pessoais do entrevistado, e isso facilitasse no contato mais próximo e evitasse perguntas desnecessárias. O segundo (anexo 3), mais complexo, é utilizado como referência para as perguntas mais objetivas do tema, durante o encontro face a face.

Para combinar coleta de dados através de entrevistas individuais utilizo a técnica conhecida como “análise de conteúdo”, onde desenvolvi a compreensão dos dilemas em foco através da análise dos discursos das entrevistas e das questões postas nos fóruns de discussões da Comunidade, confrontados com os discursos dos líderes, presentes em palestras e material bibliográfico .

Delimitar a faixa etária tornou-se uma tarefa difícil, na medida em que quando se trata de membros solteiros as regras de comportamento são para todos independente da idade. Mas certamente, recai sobre os jovens e adolescentes (mais impetuosos) o maior controle. Estabelecer a faixa etária entre 24 e 40 anos era importante pelos seguintes motivos. Primeiramente, em função das variáveis: a) profissão; b) tempo de conversão; c) religião anterior; d) religião dos pais; e) grau de instrução, revelando uma maior conscientização em relação aos discursos dos líderes, e ainda, por considerar que para as mulheres, chegar aos 40 anos sem casar, constitui conflitos sérios, principalmente no que diz respeito a sua sexualidade (se quisermos levar a questão de gênero em conta). Exemplos dessa preocupação são os seminários realizados sistematicamente para o grupo que se constitui de solteiros (geralmente aparecem as mulheres acima dos 35 anos), viúvos (homens e mulheres) e divorciados. Nestes encontros, diversos assuntos são tratados, inclusive, o desenvolvimento de “relacionamentos sadios abençoados por Deus”, “como ser feliz no planeta ‘solteiro’, ‘conhecendo a si mesmo e outros’ e o “desenvolvimento de uma sexualidade sadia, sem sexo”, etc.

Quanto ao estado civil, o foco no universo constituído de solteiros, excluindo os casados, se faz necessário na medida que é para os solteiros que o interdito da prática sexual, ou qualquer comportamento que comprometa a pureza moral do indivíduo se impõe. A prática sexual dentro do casamento, segundo os líderes, é um mandamento bíblico que deve ser observado como forma de obediência a Deus. Mas homens e mulheres que não assumiram o compromisso do matrimônio devem permanecer castos até o fim. “A atividade sexual faz bem à qualidade de vida” no contexto do casamento, segundo um líder de casal evangélico.

Sendo assim, será importante observar os conflitos apontados por aqueles que ao permanecerem solteiros, fazem a opção de manter-se castos; ou ainda, quando, principalmente a mulheres (que na nossa sociedade, ainda esperam pelo convite de casamento), sem opção, permanecem solteiras; ou ainda, quando os jovens são assediados diariamente pela mídia para que exerçam sua liberdade

sexual e têm que justificar sua opção expondo-se, assim, às zombarias de amigos e colegas de trabalho não crentes. Não há dúvidas de que o discurso moral se dedica também a reger o comportamento sexual dos casados, porém com suas especificidades, principalmente do diz respeito ao adultério, contracepção, aborto ou planejamento familiar³¹.

Foi refletindo sobre esses dilemas que vivem os solteiros evangélicos no que diz respeito ao exercício de sua sexualidade, que tomei como referencial para análise um grupo de evangélicos que se denominam solteiros cristãos, e que têm como principal desafio manterem-se sexualmente puro até o casamento. A escolha desse grupo nos permite identificá-los como um grupo formado por homens e mulheres, em sua maioria jovens, que pertencem a um grupo social de formação escolar de nível superior e com acesso à Internet. São profissionais liberais e independentes, e cuja cultura os permite discutir os mais diversos temas. Um grupo que seria mais vulnerável às influências modernas, teria maior autonomia nas escolhas e gerências de suas vidas.

A seguir a tabela com os dados resumidos do grupo entrevistado:

³¹ Diversos encontros são promovidos, além de uma extensa bibliografia com o objetivo de instruir sexualmente os casais. Questões sobre o que é ou não permitido na prática sexual de um casal é o assunto mais discutido.

Nome/Idade	Escolaridade/Profissão	Religião pai/mãe	Tempo de conversão	Religião de origem/ denominação atual	Cor/raça	Relacionamento atual
Débora/ 37	Pós/Psicóloga	Católicos	Desde os 21 anos	Católica/Batista	Parda	Namorando (não virgem)
Marta/ 37	Médio/Tec.Enfermagem	Cat.carismático/ evangélica	Desde os 21 anos	Católica/Batista	Parda	Namorando (não virgem)
Rachel/ 36	Mestre/Economista	Evangélicos	Desde os 6 anos	Presbiteriana/Nova Vida	Negra	Sem namorado (virgem)
Éster/ 31	Pós/Ass.social	Evangélicos		Projeto Nova Vida	Branca	Sem namorado (virgem)
Maria/ 26	Sup.inc./Psicologia/operadora de telemarketing	Sem religião/ evangélica	Desde criança	Casa de Oração/Maranata	Branca	Namorado (não virgem)
Paulo/ 34	Sup/Advogado/Teólogo	Judeu/evangélica	Desde os 23 anos	Batista	Branca	Namorando (não virgem)
Mateus/ 33	Sup/Profº de Historia	Ateu/evangélica	Desde os 14 anos	Presbiteriana/Sara Nossa Terra	Branca	Sem namorada (não virgem)
André/ 32	Médio/montagem de leilão		Desde os 18 anos	Batista	Negra	Sem namorada (não virgem)
João/ 29	Pós/Advogado	Evangélicos	Desde os 13 anos	Presbiteriana/Congregação Cristã do Brasil	Parda	Namorando (não virgem)
Pedro/ 28	Mestre/Informática	Evangélicos	Desde os 5 anos	Casa de Oração/Batista	Branca	Sem namorada (virgem)

Obs: Todos os nomes são fictícios (nomes bíblicos) para preservar a identidade dos entrevistados.

Perfil dos entrevistados

O grupo entrevistado nem de longe lembra um grupo de jovens fundamentalistas ou fanáticos que seguem às cegas as regras de suas denominações. Imediatamente dá para perceber que trata-se de jovens inseridos em uma sociedade cujos valores e modos de vida são cada vez mais individualizados e diferenciados daqueles que aprenderam desde a infância através de suas famílias ou de seus grupos religiosos, mas que cientes disso, através de um processo reflexivo contínuo retêm coisas que lhes agradam, dispensando outras que são inconciliáveis com suas formações religiosas.

Antes de qualquer coisa é preciso considerar que nessa pesquisa, o público alvo é um grupo de pessoas que podem ser classificadas como de classe média, com nível médio (duas) e superior de escolarização (oito), inseridos em um contexto social urbano e metropolitano. Todos trabalham e são financeiramente independentes, apesar da maioria morar com seus pais, com exceção de dois informantes, que moram sozinhos.³²

Se levarmos em conta a classificação da FVG para a nova classe média, podemos, então, classificar esses jovens desta forma, uma vez que todos apresentam de alguma forma esse novo modelo. São todos descendentes de uma geração com menos poder aquisitivo e menos escolaridade. Conquistaram um status social não compartilhado por seus pais, ao contrário, representam o sucesso dos estudos e oportunidades proporcionados por eles. Neste grupo há mulheres, negros e nordestinos, todos originários de classes sociais de baixa renda mas, que vêm ascendendo socialmente.

³² O conceito de “classe média” é complexo e bastante arbitrário, principalmente no Brasil, cujo processo de desenvolvimento econômico tem facilitado à população mais carente a ascensão social. A Fundação Getúlio Vargas (FGV) em agosto de 2008 definiu a nova classe média no Brasil, e desta feita, usando o indicador renda. Classe média no Brasil seriam aqueles que possuem uma renda familiar mensal entre R\$ 1.065,00 e R\$ 4.591,00. Com essa nova definição 52% da população estariam inseridos nesse grupo. Do ponto de vista social, esse universo é formado, fundamentalmente, de brasileiros que tiveram maior acesso à bens de consumo, mais educação, menos filhos e mais emprego formal. São principalmente, jovens, negros e nordestinos que ascenderam socialmente nos últimos 6 anos (Revista Época. A nova classe média. Ed.Globo, nº 534, 11 agosto de 08 (p. 92-101). Gilberto Velho (1999) classifica a sociedade brasileira como complexa e heterogênea, com muitas dimensões modernas e ainda outras bem tradicionais, com realidades socioculturais diversas, fazendo com que indivíduos de diversas classes sociais transitem por diversos meios sociais. Percebeu a dificuldade em definir o conceito classe média analisando moradores da zona sul e chama atenção para o fato de que prestígio e ascensão social eram indicadores para se considerar classe média. Em seu Atlas da Estratificação Social, Marcio Pochmann (2006) trata dessa questão, traçando um perfil histórico da classe média brasileira e especificando sua situação na região em cada região brasileira.

No entanto, se de um lado é um grupo de pessoas com características semelhantes (renda e escolaridade), por outro, em termos de *ethos* e visão de mundo há diferenças importantes, mesmo nos aspectos de obediências às doutrinas religiosas. Outros pesquisadores vêm mostrando que as condições sociais são em parte responsáveis pela forma como cada seguimento social irá aderir às normas de suas denominações religiosas.

Se de um lado os fiéis de classes sociais mais elevadas têm uma experiência religiosa mais individualizante e tem uma maior autonomia em relação ao seu grupo religioso; por outro, os fiéis de classes mais populares são mais suscetíveis ao controle denominacional³³. O que diferencia este grupo é que são todos solteiros e membros participantes e ativos em suas denominações.

Este estudo não tem, de forma alguma, o objetivo de generalizar, mas analisar e refletir de que forma esses indivíduos estão administrando seu pertencimento a uma denominação religiosa, onde ao mesmo tempo que questionam, concordam com suas doutrinas; mas na maioria das vezes, não obedecendo a todas elas geram quase sempre um sentimento contraditório de maior autonomia, e ao mesmo tempo de necessidade de comunhão.

Desta forma a proposta é fazer uma análise de como os jovens conciliam as orientações doutrinárias de suas igrejas quanto aos valores morais sexuais, com suas experiências de vida e, nesse processo, como fica a relação entre suas liberdades individuais e o controle institucional.

Trajetórias de vida

Com a intenção de demonstrar como a trajetória de vida é importante para o processo de construção de si, e de que forma esse *self* se relaciona com outros contextos da vida social, é importante apresentar um pouco da história de cada um.

Débora, 37 anos, psicóloga. Pais católicos, converteu-se há 16 anos e desde então, frequenta a igreja batista. Aos 27 anos teve sua primeira experiência sexual, com um não-crente. Os valores que preservava aprendeu na igreja

³³ Duarte, 2005,2006; Oro, 2004; Mariz, 2005; Rohden, 2005; Natividade, 2003; Machado, 1996, entre outros)

evangélica. Diz não ter se arrependido, mas considera que a igreja dá muito valor à questão sexual esquecendo-se de outras coisas mais importantes. Não se importa em não ter filhos, mas gostaria de casar.

Marta, 37 anos, Técnica em Enfermagem, nasceu em um lar cujo pai era católico carismático e a mãe evangélica. Em função disso recebeu uma educação rígida quanto à moral sexual. Apesar de ser obrigada a acompanhar os pais à igreja, só se converteu aos 21 anos e desde então pertence à igreja batista. Aos 33 anos teve sua primeira experiência sexual. Sentiu culpa e arrependimento e atribuiu a isso os ensinamentos de seus pais e da igreja. Diz que apesar de lidar um pouco melhor com a situação, ainda não se sente à vontade a cada novo envolvimento sexual. Embora sentiu-se um pouco constrangida ao falar sobre o assunto, pareceu ser uma oportunidade para conversar com alguém, já que não tem com quem fazê-lo.

Rachel, 36 anos, economista. De família evangélica se converteu aos 6 anos de idade. Frequentou a Presbiteriana, passou pelo Projeto Vida Nova, pela Renascer e hoje frequenta a Nova Vida. Mostrou-se diversas vezes constrangida em falar do assunto, e pediu sigilo de suas observações. Mantém-se com o firme propósito de aguardar o casamento para ter sua primeira experiência sexual, embora considere uma atitude muito difícil.

Ester, 31 anos, assistente social, com mestrado. Pais evangélicos, é crente desde criança. Participa do Projeto Vida Nova. Muito dinâmica, gosta de esportes radicais e, por opção, resolveu manter-se virgem até o casamento. Espera por um marido que tenha a mesma fé, e deseja muito formar uma família e ter filhos.

Maria, 26 anos, formando-se em psicologia. O pai não tem religião e sua mãe é evangélica de uma denominação muito rígida, a Casa de Oração. Isso fez com que ela fosse para a Igreja Cristã Maranata, segundo ela, mais flexível. Namora um rapaz não-crente, por cinco anos sem que sua mãe saiba. Com ele teve sua primeira experiência sexual. Mais jovem do grupo entrevistado, parece confusa em seu depoimento e muitas vezes pareceu está respondendo a si mesmo as questões colocadas.

Paulo, 34 anos, advogado e bacharelado de teologia. Batista. Pai judeu e mãe evangélica, teve desta e da avó as principais influências para sua conversão, o que aconteceu apenas aos 23 anos. Teve várias namoradas, crentes e não-crentes. Teve um relacionamento sexual apenas uma vez depois de convertido, há 11 anos. Desde então, por opção, não se envolveu sexualmente com mais ninguém. Calmo e muito falante, despachado, esteve muito à vontade em falar de sua fé e de suas decisões quanto à sexualidade.

Mateus, 33 anos, formado em História. De pai ateu e mãe evangélica, converteu-se aos 14 anos na igreja batista e hoje frequenta a Sara Nossa Terra. Mudou de denominação em busca de um envolvimento maior com a igreja e com Deus. Acredita que após o tratamento psicoterapêutico se sentiu mais à vontade com seus sentimentos. Já teve experiência sexual mas se arrependeu, pois acredita não ter feito a vontade de Deus. Pretende casar e formar uma família.

André, 32 anos, ensino médio. Sem pais, foi criado em uma instituição para menores, convertendo-se após sair de lá, e desde então frequenta a igreja batista. Com a ajuda de um pastor e do patrão conseguiu alugar um quarto, onde mora sozinho. Teve sua primeira experiência sexual logo que se converteu, mas se arrepende, pois acha que não agiu de maneira correta, de acordo com os princípios que aprendeu na igreja.

João, 29 anos, advogado, com pós-graduação na área. Os pais são evangélicos. Após passar pela Presbiteriana, onde se converteu aos 13 anos de idade, e pela igreja Metodista Wesleyana, hoje participa da Congregação Cristã no Brasil. Já namorou moças crentes e não-crentes, e sua primeira experiência sexual foi com uma não-crente. Bastante à vontade, falou sobre o assunto sem nenhum constrangimento e, demonstrou muita naturalidade ao falar de seus relacionamentos.

Pedro, 28 anos, mestre em informática. Filho de pais evangélicos, convertido desde os 5 anos de idade, cresceu de acordo com os tradicionais valores evangélicos de uma denominação tradicional (Casa de Oração). Mais tarde mudou-

se para a igreja batista, onde congrega até hoje. Mantém-se virgem, aguardando a moça ideal para casar. Gostou de uma moça da igreja, mas não foi correspondido. Para atrair e agradá-la fez academia, emagreceu e tentou ser mais acessível. Ao não ser correspondido afastou-se da igreja por 3 anos, entrou em estado de depressão e engordou muito chegando a pesar 98 quilos. Procurou ajuda profissional, hoje voltou quase ao peso normal e diz está menos tímido. Bastante ansioso, demonstrou profundo conflito na observância das normas da igreja.

CAPÍTULO 4

Evangélicos e Solteiros

“Freqüentemente, a geração seguinte reinterpreta essas anunciações e promessa de modo fundamental, ajustando as revelações às necessidades da comunidade religiosa. Quando isso ocorre, então, é comum que as doutrinas religiosas se ajustem às necessidades religiosas (WEBER)

Trajetórias religiosas

Foi possível perceber a influência familiar no contexto de transmissão dos valores religiosos. No núcleo familiar há sempre um responsável por esse papel, quer seja a mãe, ou pai, revelando que mesmo quando não permanecem na religião ou denominação dos pais continuam vivenciando os valores religiosos aprendidos no lar, em outra.

No que diz respeito às trajetórias religiosas, com exceção de um informante, todos receberam alguma educação religiosa desde a infância, evangélica ou não, sendo que, mesmos os que nasceram em lar evangélico, seis trocaram de denominação mais tarde. Assim, dos 10 entrevistados, apenas dois tinham pais sem religião e um era judeu e apenas dois tinham mães católicas. Todos tiveram como principal influência religiosa a mãe, revelando mais uma vez o modelo hegemônico de família, onde a mulher sempre foi mais sensível à prática religiosa. Essa influência materna da inserção religiosa dos filhos já foi bastante analisada por outros pesquisadores.³⁴

No entanto, se a mãe tem uma importância na inserção dos filhos na vida religiosa, a permanência destes nos grupos religiosos de seus pais já não é tão obrigatória. Foi o que percebeu Maria das Dores Machado (2004) ao analisar a autonomia dos jovens frente às influências religiosas de suas famílias. Segundo a autora essa independência demonstraria uma *“uma autonomização e individuação dos sujeitos sociais que cada vez mais interpretam as afiliações religiosas como escolhas pessoais”* (p.118). De fato, a independência, principalmente financeira, parece ser um indicador de que ao discordar da rigidez ou das doutrinas de suas denominações de origem, o sujeito mude para uma denominação menos rígida ou

³⁴ Sobre esse tema veja Machado & Mariz (1997), Machado (2004), Duarte, 2006)

que se coadune mais com suas expectativas e interesse, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

“Eu fui criada numa outra denominação, bem tradicional, Casa de Oração. Mas eu não tinha muito o perfil ou a Igreja não tinha muito meu perfil, sei lá, eu não me identificava mais, eu fui até uma certa idade, acho que até os dezoito, aí, depois acabei indo mesmo para a Maranata, que é mais aberta” (Maria)

“Eu sentia uma necessidade de está atuando mais na igreja, num trabalho em que eu pudesse, ao mesmo tempo me levar a alcançar vidas, tivesse um propósito com Deus, estabelecer metas com Deus e ao mesmo tempo me sentir útil no Reino, e como pessoa também. No meio Batista eu percebi que já tinha chegado a uma saturação, a igreja com dificuldade de estabelecer projetos, e eu querendo mais relacionamento e crescimento, e não estava acontecendo desta maneira” (Mateus)

“Eu fui criado em uma igreja mais tradicional, eu me sinto mais à vontade em igreja mais tradicional, então, igreja que tem muito barulho, que tem muito pentecostalismo, eu não gosto, eu não me sinto à vontade com berraria, com espanta demônios pra cá e para lá. Entendeu? Então, eu prefiro as mais sossegadas.” (Pedro)

Essas mudanças de denominações, no entanto, não significa um abandono total das regras institucionais. Os entrevistados mostraram, que embora questionem e algumas vezes rejeitem algumas práticas doutrinárias por considerá-las “radicais demais”, consideram que a igreja tem um papel a cumprir na orientação de seus fiéis.

É o que considera Débora. Embora não obedeça a doutrina da castidade para os solteiros de sua denominação, acredita que é função da igreja o controle de seus fiéis para manter os valores da igreja, mas não considera que mudar de igreja vai fazer com que “o pecado da transgressão” fique menos grave, uma vez que todas as igrejas seguem o mesmo preceito.

“A igreja não interfere na nossa sexualidade. Ela tem um papel moral para exercer. Ela precisa controlar as suas ovelhas sim. Há um estatuto, há regras para participação da congregação, e para manter a congregação saudável, ela busca o cumprimento dessas regras, que segundo as igrejas estão baseadas todas na Palavra de Deus. Então, quem não quiser seguir essas regras, ou não quiser ser importunado, tem que deixar o convívio dessa congregação” (Débora)

Mas para os jovens a igreja precisa se atualizar no tratamento que dá a alguns assuntos, principalmente, no que diz respeito aos valores morais sexuais. Para Paulo, mais do que normatizadora ela precisaria orientar melhor como o jovem deve seguir esses princípios sem sofrer as conseqüências de quem está sujeito a segui-los, como o controle dos próprios desejos, e a ansiedade pela espera por um cônjuge ideal.

“A igreja hoje, é óbvio que é muito mais aberta, muito embora muitas igrejas ainda adotam essa postura controladora mesmo, e essa forma de se importar, com o que a pessoa faz ou deixa de fazer, não é cuidado com o outro, mas simplesmente uma forma de exercer o controle sobre ele, de manipular ele, de estabelecer quem manda, assim , o mandar pelo mandar; não tem assim, bem claro, não se mostra para aquela pessoa o porque é errado; simplesmente diz àquela pessoa que é errado e pronto acabou. Se você não cumprir o que é certo, um abraço pra você. Então, a igreja nesse aspecto não cumpre bem o papel dela, de ser, sei lá... Se torna apenas uma normatizadora espiritual mas não acompanha as conseqüências, as possíveis conseqüências do ato que é em tese proibido”

Já Ester, sente uma incompatibilidade entre as orientações de sua profissão e os preceitos das igrejas. Como assistente social diz ter a função de informar e alertar para o uso de contraceptivos, mas considera ser contra-senso a igreja orientar para a prevenção de jovens solteiros uma vez que condena a prática sexual pré-nupcial. Antes de questionar , reconhece a igreja enquanto instituição normativa:

“Dentro da igreja é o seguinte: não pode ter prevenção porque não pode transar. Para a igreja é pecado, não fala mesmo de métodos anticonceptivos. Eu não sei se isso é errado porque eu sou evangélica e sou profissional. Como profissional eu sempre falei de métodos contraceptivos, como evangélica eu sei que Deus tem um propósito, né, que não é esse. Que tá na Bíblia lá, então realmente é difícil. A nossa sociedade é aberta, é favorável à prostituição, a promiscuidade e tal, então eu acho que se a igreja ficar incentivando o uso dos métodos, ela vai ser incoerente naquela prática que ela diz que não tem que ser; eu acho que ela não está errada ao não incentivar o uso dos métodos”

Esse paradoxo presente nos discursos dos jovens a respeito do papel da instituição pode ser interpretado como o que Giddens (2002) vai chamar de “o princípio da dúvida”, gerando o tempo todo no indivíduo formulações de hipóteses e

busca pelo conhecimento, a fim de estabelecer uma confiança, uma forma de fé, de que ao substituir os valores tradicionais apreendidos pela família e pela igreja, por outros da modernidade, estão fazendo de forma segura, na certeza de que não estão dando um “salto no escuro”.

Embora demonstrem uma certa autonomia em relação às doutrinas da igreja, agem de forma a considerar alguns valores, desprezando outros. Essa atitude foi verificada por Cátia Rodrigues (2003), ao analisar o comportamento das mulheres católicas modernas frente aos valores tradicionais da igreja católica. Segundo a autora as mulheres procuram fazer uma crítica, discordando de alguns ensinamentos conservadores, principalmente, quanto à sexualidade, mas ao fazê-la não querem perder a identidade religiosa, portanto, atribuem novos significados a esses ensinamentos, permanecendo em sua religião, *“rejeitando a ética sexual da igreja, mas praticando sua fé católica”* (p.46).

Luiz Fernando Duarte (2006:15) vai mais longe e levanta a hipótese de que ao contrário do que se tem analisado de que é a adoção do *ethos* religioso que transforma o *ethos* privado, refletindo-se em novos comportamentos e vivência de valores, por parte dos indivíduos conversos. De acordo com Duarte, o que podemos perceber na sociedade moderna *“é a disposição de ethos abraçada pelos sujeitos sociais nas sociedades liberais modernas que os impele a uma aproximação a uma determinada opção confessional”*. Sugerindo, inclusive uma redefinição do que pode ser considerado religioso no mundo moderno, na medida em que valores e comportamentos ditos “laicos” ou não-confessionais acabam por confundir-se com os religiosos.

Desta forma, parece questionar, para que religião se esses valores podem ser vivenciados independentemente de filiação religiosa? Ou, que a procura por um grupo religioso é antes uma adequação do próprio modo de viver do indivíduo.

De fato essa inversão proposta por Duarte pode acontecer, mas só na medida em que esse *ethos* religioso é transmitido de forma transgeracional, isto é, quando o indivíduo nasce e cresce em uma família cujos valores religiosos são inculcados desde cedo, e mesmo que em algum momento se dispersem ou abandone a confissão religiosa materna, a busca por outra confissão será impulsionada por esses valores já apreendidos. Do contrário, é justamente a busca por valores diferenciados dos da sociedade, a busca por um espaço de mais segurança e comunhão é que faz com que os indivíduos busquem na confissão religiosa um novo

ethos para sua vida, procurando vivenciá-lo a partir daí, com a idéia de renascimento para uma nova vida.

O pertencimento social privilegiado desses indivíduos possibilita uma análise reflexiva de suas próprias condutas diante de suas denominações religiosas, e uma liberdade que lhes possibilita decisões individuais - mesmo conscientes de suas conseqüências - diante de seus familiares.

A sexualidade fora do casamento

Sempre que se fala em representações da sexualidade é o corpo o objeto principal da análise, sobretudo se é uma análise sobre a visão religiosa deste. Diversos estudos já mostraram como cada sociedade atribuiu uma representação ao corpo humano e de que forma a cultura foi ditando normas de comportamento ao corpo, revelando que as formas de conhecimento e percepção do corpo são construídas culturalmente e variam de sociedade para sociedade, e em sociedades complexas as diferentes classes sociais tendem a ter representações diferenciadas em relação ao corpo. Mas é principalmente como o corpo biológico foi afetado por diversas religiões, sacralizando-o ou demonizando-o, que as pesquisas mais se debruçam, demonstrando que crenças religiosas são grandes responsáveis pela imagem positiva ou negativa do corpo.³⁵

O historiador Peter Brown desenvolve um extenso trabalho mostrando a trajetória histórica dos 'corpos humanos' e de suas funções de reprodutores das relações de poder entre homens e mulheres e demonstra como o corpo passou a ser tratado pelo cristianismo, e como na visão do apóstolo Paulo, tornou-se o principal responsável pela luxúria e embriaguez. Na teologia paulina,

tratava-se de um lugar de ordem claramente visível, sujeito a limites que era sacrílego transpor. Pertencia ao Senhor. Era na verdade, um objeto físico tão completamente impregnado do espírito d'Ele quanto os membros de um corpo: 'acaso não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo?' (BROWN, 1990: p.53)

³⁵ Para uma análise mais profunda sobre representações sobre o corpo ver: BROWN (1990), RODRIGUES (1983, 1999), GOMES (2006), (LEAL, 2001), (LOURO, 2001) e outros.

Ou seja, como habitação do Espírito Santo deveria ser puro, imaculado, pois pertenceria a Deus. Paradoxalmente o corpo seria considerado do mal, quando se rendesse à vontade da carne, do desejo, da lascívia e da prostituição.

É desta forma que o protestantismo representará o corpo, ora associando-o ao mal, quando transgredir os valores morais de Deus; ora associando-o ao bem, quando morada do Espírito santificado.

Em suas análises sobre as representações do corpo no protestantismo brasileiro, Antonio Maspoli Gomes (2006), mostra como o corpo tem sido sempre associado ao mal e ao pecado; conclui dizendo *que “reina o silêncio sobre o corpo e a sexualidade no protestantismo brasileiro”* (p.32) e que na literatura publicada sobre o tema, os conselheiros religiosos desfragmentam o corpo, dissociando-o do espírito e da identidade humana.

Analisar como os informantes percebem seus corpos e suas reações é importante na medida em que o corpo sempre foi visto como “campo político de poder” e ao receber valor e identidade depreciativos tornara-se presa fácil de qualquer poder dominante (Foucault, 2005). Como os indivíduos percebem os próprios corpos diz respeito à construção da própria identidade e, quando esta tem bases sólidas de auto-confiança, possibilita uma intervenção mais objetiva na realidade social a que estão inseridos.

O que diferenciam esses informantes na forma como representam seus corpos é o fato de não os reconhecerem como receptáculo do bem ou do mal, como sempre tem aparecido nas pesquisas sobre o comportamento religioso dos fiéis, principalmente dos evangélicos.

A primeira coisa que chama atenção nos discursos dos entrevistados é que eles assumem que têm desejos, têm libido e prazer porque são feitos de carne, são humanos. Em nenhum depoimento a figura do diabo foi invocada para ser responsabilizada pelo instinto e desejo sexual de cada um. Embora considerem ser de fundamental importância para o seu bem estar físico e espiritual um controle maior sobre seus instintos sexuais, não os demonizam. É o que podemos perceber quando respondem sobre como é namorar sem se envolver sexualmente, chamados pelos jovens evangélicos de “namoro cristão”.

“Namoro cristão é aquele que você, atendendo a alguns parâmetros que são corretos, você não tem envolvimento sexual com a

namorada, você não pode bolinar sua namorada, nem ela a você, você não pode passar a mão no seio, mão na bunda, enfim... Só que aí vem o namoro que realmente acontece, e as pessoas... o grande erro nosso enquanto jovem é espiritualizar coisa que não tem muito parâmetro para espiritualizar, que é o tesão. **Tesão de crente é igualzinho tesão de não crente. Você tem as mesmas sensações, você tem os mesmos desejos, você tem as mesmas reações físicas**, tudo isso é igual a pessoa que não é crente; o que faz a diferença, o que vai fazer você não ter envolvimento sexual e atender aos padrões do namoro cristão, é o grau de relacionamento que você tem com Deus e o grau de afinidade que você tem com essa pessoa com a qual você está se relacionando, com a visão, se vocês compartilham essa mesma visão. Isso é fundamental quando as duas pessoas, a despeito de tesão, de desejo têm uma mesma visão sobre isso: “não, nosso relacionamento tem que ser dessa e dessa forma”, as coisas ficam muito mais fáceis. Então, é... contextualizando pra você, hoje nesse meu relacionamento eu consigo ter um namoro cristão 90% do tempo, os outros 10%, vamos dizer, **eu atribuiria a desejo, do instinto primal mesmo, da coisa da pele, química, da carne, onde você está ali naquele momento, e nem sempre você ter como refrear isso**. É muito momento, é muito a pessoa com quem você está, o grau de compromisso que você tem com Deus, e é muito a mutualidade da visão do casal, se eles concordam” (Paulo)

“Então, por causa disso voce tem momentos em que voce é ... existe a possibilidade de voce ceder em função das circunstancias em que voce está vivendo, calhar de ter uma pessoa próxima de voce, e calhar de acontecer. Não acho uma prática sábia, não foi um gesto maduro da minha parte. Me arrependo do que fiz, a partir do momento que não colaborou com o meu crescimento, não trouxe uma aprendizagem para mim. Agora eu não sou hipócrita, **gostei do fiz porque eu, gostei no sentido, de que eu tive desejo, tive tesão, e a pessoa também, e fui fisicamente saciado**. Não houve sexo propriamente dito, **houve as carícias, houve a troca e isso é uma coisa boa, porque faz parte da natureza humana esse tipo de troca. Beijar, abraçar, acariciar, falar palavras bonitas, ou troca de carícias, isso faz parte**. E quando voce compartilha isso é bom, só que isso foi bom de uma maneira muito superficial, não vivi minha expectativa de uma forma completa, por que? Porque não havia construção de um sentimento de amor” (Mateus)

“Ah, tranquilamente,.... Sei lá, eu acho que também era uma outra fase, acho **que meu corpo... sei lá, é estranho, chega uma época, parece que o corpo pede, eu não sei o que é. Você quer ser vista por alguém, você quer ser tocada**, antes eu não sentia isso, então foi mole de levar” (Maria)

Podemos perceber uma importante mudança nesse comportamento, pois, ao retirar a dimensão espiritual das sensações corpóreas, resultante de desejos e satisfação do prazer, os jovens fiéis, não só identificam as falas de seus corpos, como lhes conferem uma identidade. Seus corpos lhes pertence: “*não sou hipócrita,*

gostei do fiz, porque eu gostei no sentido, de que eu tive desejo, eu tive tesão". Essa percepção do corpo como *locus* do prazer, pelo crente, revela uma mudança também na forma de se responsabilizar pelos seus atos. Os jovens se sentem responsáveis, não só em se proteger, como também assumem que podem ter controle sobre seus corpos, evitando assim, maiores arrependimentos. E a idéia do corpo ora como "habitação do demônio", ora como templo do Espírito Santo, vai se autonomizando destas concepções e adquirindo uma percepção menos sacralizada.

Castidade ou virgindade?

Essa percepção dessacralizada do corpo pode estar levando os informantes a reconsiderarem a diferenciação que se faz de pureza, castidade e virgindade. Considerar a virgindade muito mais pelo critério sagrado do que pelo biológico, leva-os a questionarem até que ponto seriam realmente castos na medida em que já tiveram algum tipo de carícias sexuais ou mesmo já experimentaram alguma vez a masturbação como "válvula de escape".

Quando questionados sobre o que eles pensavam sobre a virgindade, todos foram unânimes em responder que gostariam de ter esperado até o casamento para ter sua primeira experiência sexual, pois esse é um mandamento de Deus. No entanto, dos dez entrevistados somente três permaneciam virgens (um rapaz, duas moças), sendo que apenas o rapaz nunca tinha experimentado qualquer contato físico mais íntimo.

E é nesse tema que as falas se mostram mais conflituosas, pois revelam a forte influência religiosa e familiar na educação sexual dos informantes, revelando que mesmo os mais liberais, apresentam resquícios dos valores morais aprendidos em sua educação, e que não são fáceis de abandonar.

Dúvidas, arrependimentos e culpa estão presentes mesmo entre aqueles que não consideram a prática sexual pré-nupcial como um pecado mais grave que outros, e mesmo não obedecendo às regras da abstinência sexual, mostram as contradições presentes em suas decisões, revelando a força de uma interiorização de valores cristãos de pureza e castidade pregados por suas denominações.³⁶

³⁶ A concepção de pecado está presente fundamentalmente nas religiões monoteístas (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). No Budismo, Hinduísmo, Espiritismo, nas religiões de origem africana e nas religiões brancas não há o conceito de pecado. Na doutrina católica há classificação de pecado de acordo com a gravidade. Os

A ideologia do amor romântico, com ênfase no sentimento para uma união conjugal saudável e estável é a principal razão dada por eles para que sua primeira vez seja apenas após o casamento. O conceito de respeitabilidade pelo cônjuge, a idéia de responsabilidade marital - principalmente para os homens, que se preocupam com o sustento da casa – e de fidelidade (ser o único ou a única na vida do futuro cônjuge), são os principais argumentos tanto para a espera ou para o arrependimento por não ter esperado.

No entanto, para aqueles que aguardam pelo marido ou pela esposa ideal, a espera pode se tornar em um estorvo, transformando aquilo que deveria ser uma honra, em algo penoso, e talvez até desnecessário, como exteriorizam alguns.

O que vamos perceber é que o ideal de castidade e pureza antes concebido como ideal divino para alcançar a perfeição e o matrimônio imaculado e desejado por todos como sinal de honra torna-se um problema, principalmente para as mulheres que desejam ter filhos e vêem suas idades avançarem. Mas também, torna-se ainda mais penoso quando o desejo sexual vem à tona em um momento de maior carícia durante o namoro e um misto de vontade e curiosidade se aflora, os levando muitas vezes a relações sexuais quase completas, evitando apenas a penetração. O que os leva a crer, por um lado, que são virgens, pois, não houve rompimento do hímen (principalmente para as mulheres), mas, por outro, de que não são mais puros ou imaculados, pois se envolveram de forma sensual com alguém. Os depoimentos a seguir, embora longos, revelam um pouco esse conflito.

“Há onze anos eu não tenho relação sexual com ninguém. Eu nunca prezei e continuo não prezando, a importância da virgindade. Quando se fala em virgindade afeta mais, principalmente as mulheres, acho que a honestidade, a integridade, a espiritualidade de uma moça não pode ser medida por uma membrana. Existe uma série de fatores que mostram de forma muito melhor todos as qualidades da pessoa, entende? Eu, há onze anos permaneço puro, por uma questão de entendimento bíblico. O que a Bíblia diz, que o homem deve ser marido, marido de uma só mulher, que ele não deve

pecados veniais seriam aqueles perdoáveis e o pecado mortal seria aquele sem perdão, o que nega a divindade de Jesus e recusa o perdão de Deus. Para os protestantes e/ou evangélicos não há “pecadinho e pecadão”, como costumam dizer; “todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus” (Romanos 3.23), mas há o pecado imperdoável, o “contra o Espírito Santo”. Jean Delumenau (2003) faz uma importante análise como a doutrina do pecado foi importante para a “culpabilização do ocidente” e o que estava por trás de todo esse processo; Com o objetivo de dialogar com as religiões e seus diferentes pontos de vista em relação à diversidade sexual, a Coordenadoria de Assuntos de Diversidade Sexual, por meio da Secretaria Especial para Participação e Parceria da Prefeitura Municipal de São Paulo, realizou nos dias 01, 02 e 03 de junho de 2007, o III Seminário de Inter-Religiosidade e Diversidade Sexual, onde se discutiu, entre outros assuntos, a concepção de pecado em diferentes religiões. http://www2.prefeitura.sp.gov.br/noticias/coordenadorias/diversidade_sexual/2007/05/0001)

fornicar. O que é fornicar, literalmente, transar com alguém fora do casamento. E eu sempre sonhei em casar, ficar velhinho junto, e quando você se torna cristão tem uma outra dimensão, se você quer que as coisas realmente aconteçam, você deve viver realmente o que Deus tem pra você, o que são bênçãos de Deus para você, é viver realmente de acordo com a Palavra, e para viver biblicamente reprovado, é um sacrifício muito pequeno o que eu faço, porque eu não vou estar beneficiando Deus com isso. Deus vai continuar sendo Deus se eu transar aí adoidado, se eu transar adoidado ainda que fosse de uma forma planejada, ainda assim Deus me perdoaria, por sua misericórdia me perdoaria. Mas eu decidi que pra mim, eu quero viver, até onde for humanamente possível na minha limitação, eu quero viver o conselho de Deus, que é viver a Palavra de Deus, me abstendo daquilo é biblicamente condenável, e não porque o pastor fulano de tal, o bispo b, disse isso, condenou, o movimento tal, não, ninguém além de Deus, eu vejo assim. Eu sou juiz de mim mesmo, e dentro do que eu julgo certo e errado, eu acertei dentro do meu coração não fazer isso. Só vou ter relacionamento íntimo com a mulher que Deus separou para mim, com a mulher que eu amasse, com a mulher que Deus tiver preparado desde a eternidade para ser aquela que vai cumprir os meus sonhos de romance, ficar velhinho de bengala, as duas dentaduras no mesmo copo d'água, por aí (risos) (Paulo)

As contradições no depoimento de **Paulo** mostram a complexidade que é lidar com essa questão para os jovens solteiros. Revelam que, ao mesmo tempo em que há um discurso libertador (“eu sou juiz de mim mesmo”), há um desejo de obedecer às regras, segundo ele, não ditadas pela instituição ou representadas por ela, mas pelo próprio Deus. Esse relacionamento direto com o divino parece ser a forma mais essencialista do protestantismo quanto ao sacerdócio universal, onde cada um poderia observar as doutrinas bíblicas e interpretá-las de acordo com seus próprios julgamentos. É o labirinto em que as instituições evangélicas colocam seus fiéis. Ensinando-lhes que são livres para crer, para escolher a Deus, mas devem fazê-lo segundo os preceitos bíblicos ensinados por elas.

Os depoimentos a seguir exemplificam como a concepção de perda da virgindade pode em um momento está limitado ao corpo, mas em outro é a condição mental que mais interessa; ter consciência da ação, saber o que se está fazendo e tendo prazer nisso. É na consciência do ato, e não no ato em si, que começaria o pecado.

“Virgindade é separação do corpo da mente em relação ao desejo sexual separando esse momento de entrega, tanto mental quanto físico de uma maneira, assim, total de liberdade de pensamento e do

corpo para vivenciar isso no casamento, ou, no caso do celibatário, estar optando o não extravasar esse sentimento mental e físico, com outra pessoa, que reserva essa energia sexual para além do órgão genital, que se exercita de varias outras formas. Por mais que a gente, principalmente os homens, veja muitas vezes pela questão sexual, em um relacionamento com Deus o procedimento do pecado começa na mente. Então, você deve entender virgindade, como um sentido de você não extravasar isso, tanto no sentido mental como no físico, ainda que pra mim, na prática, a questão da virgindade está associada com o ato da penetração. Eu passei a me sentir não virgem quando eu fiz o sexo no sentido propriamente dito, sexo como penetração, não nos gestos de carinhos, de excitação, nesse sentido. Agora no sentido de deixar de sentir virgem, eu senti quando tive sexo com penetração. Agora o conceito de virgindade vai além disso, o pecado começa na mente, então você deixa de ser virgem na mente” (Mateus).

“Eu tinha 27 anos quando tive minha primeira experiência sexual. Até então, não tinha tido nem namorado, foi muito difícil, pois ele não era evangélico, e eu tinha aprendido na igreja que sexo deveria ser feito só depois do casamento. No inicio, pedia que não fosse até o fim, achava que assim eu pudesse ainda me manter virgem e se quisesse, voltar atrás” (Débora).

O princípio tradicional cristão de castidade é aquele que considera, em termos da moral cristã, abstinência de relações sexuais dentro e fora do casamento. No caso dos casados a prática sexual se limitaria à quando houvesse o desejo de gerar filhos. Já para os solteiros a abstinência seria total.³⁷ Joyce E. Salisbury (1995) explora as diferentes visões de castidade e de sexualidade dos primeiros anos do cristianismo e que moldaram os comportamentos para homens e mulheres. Ela pôde verificar como a renúncia ao sexo, nos primeiros séculos do cristianismo, por meio da tradição ascética tornou-se um importante meio para que homens e mulheres se tornassem independentes dos papéis sociais. Isto é, para as mulheres a renúncia à sexualidade e a preservação da castidade era uma forma de controle sobre seus próprios corpos, e de fugir às obrigações maritais; para os homens, a renúncia sexual significava o isolamento do mundo uma intimidade maior com Deus. A castidade, desta forma, era vista como libertação.

³⁷ Em 1940, preocupados com a castidade de moças e rapazes universitários portugueses, uma publicação com orientação e ensinamentos morais foi produzido por padres e professores de teologia, cuja tradução em português foi feita pela Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1952. Segundo a definição dada pelos autores na época: “A castidade pode definir-se como: o hábito de regular o uso da faculdade generativa conforme princípios da razão e da fé (...). Os casados praticam a castidade conjugal, restringindo o uso das próprias faculdades generativas aos limites que Deus estabeleceu para o estado matrimonial. Mas para os não casados a regra é a abstenção total porque, Deus reservou para o matrimônio o uso da faculdade generativa” (KELLY, 1952:102)

Para os Pais da Igreja³⁸, abster-se da sexualidade significava rejeitar o mundo carnal, a vida ideal era uma vida dedicada à virgindade ou mesmo a um casamento casto. No entanto, segundo a autora, os Pais da Igreja passaram a não ver com bons olhos essa “independência”, fundamentalmente das mulheres, pois ameaçava os papéis e o poder da igreja, principalmente no que dizia respeito à procriação. A castidade continuaria como ideal, mas as mulheres casadas precisavam ser submissas aos seus maridos.

A herança cristã passou, então, a formular uma visão de sexualidade e continência, que teve no modelo agostiniano o mais influente, não só para a igreja, como a para sociedade cristã em geral. Com Santo Agostinho, a sexualidade passa a ser plano de Deus, mas o homem e a mulher darão vazão às suas necessidades sexuais apenas no casamento. Porém, o casamento, além de dar um sentido virtuoso ao sexo, tinha vantagens, tais como, a procriação, a fidelidade e, principalmente, como sacramento, o que significava sua insolubilidade.

Nos diz Salisbury (1995:P.79) que Santo Agostinho “*desaprovava os métodos contraceptivos, que considerava ‘ilegais’ e ‘vergonhosos’ porque, como disse, o ‘intercurso que ultrapassa essa necessidade [a de reprodução] já não obedece à razão, mas à paixão’*”. O sexo fora do casamento, assim como a fornicação e o adultério violavam o princípio da fidelidade.

As mudanças ocorridas com a Reforma Protestante no século XVI não chegaram a afetar a concepção a respeito das questões sexuais. Lutero, precursor da Reforma manteve o conservadorismo em torno do prazer e da sexualidade e conservou como princípio e marca do protestantismo o preceito de que o sexo é obra de Deus e é bom, mas quando inserido no contexto do matrimônio. Ato de natureza sexual e relações sexuais fora do casamento são pecados.

Maria Betânia Araújo (1994) ao analisar as concepções de prazer das igrejas batistas brasileiras salienta alguns pontos da interpretação protestante de sexualidade e prazer, mostrando que a visão de prazer é o que a distingue da visão católica. Para os protestantes o sexo é uma coisa boa e prazerosa, foi criado e abençoado por Deus, mas a distorção pelo pecado que o transformou em luxúria e fornicação, só pode ser resolvida com o casamento. Segundo a autora: “*a Reforma veio diminuir a importância do celibato mas colocou uma forte ênfase no casamento*

³⁸ Os Pais da Igreja foram teólogos e mestres doutrinários dos primeiros séculos do cristianismo, responsáveis em grande parte pela definição das doutrinas cristãs (Salisbury, 1995).

retornando ao Antigo Testamento quando apresentou o modelo de família patriarcal”
(p.105)

Assim a questão da pureza ou da castidade do ponto de vista da moral do cristianismo, é uma virtude, é um compromisso que a pessoa adquire de dominar sua sexualidade, para ser capaz de orientar o seu instinto sexual para as causas espirituais. Mas, hoje, no protestantismo, essa orientação é dada muito mais para os solteiros, enquanto aguardam o matrimônio. A grande questão, porém, seria definir precisamente uma relação sexual, pois uma pessoa podia ter várias experiências eróticas, ou mesmo práticas sexuais, como o sexo anal, ou oral, e ainda assim manter o hímen intacto, o que a princípio definiria a mulher como virgem. Já nos homens essa percepção não é sentida de forma física, ficando muito mais a critério da “honestidade” masculina.

O casamento seria a “solução” protestante para o pecado sexual. Dessa forma o protestantismo, além de obrigar os que desejam ter vida sexual a casar, coloca para eles o desafio de se manter casto até o casamento.

Maria, uma das informantes, expõe esse estado de tensão, quando questiona “ter que casar pra transar”, e reconhece que fica apreensiva com um casamento nesses termos:

Olha, eu acho assim, seria o ideal você encontrar uma pessoa e, ter uma pessoa só, sabe, não sei nem se a virgindade é importante, mas o importante é você ter uma pessoa só. O perigo de você perder a virgindade antes do casamento, porque você quer ficar (no meu caso), eu quero ficar com ele, mas será que eu vou ficar com ele? Sabe, eu queria ficar com uma pessoa só, queria ter essa experiência com uma pessoa só. Eu acho ruim de perder a virgindade antes do casamento é isso, você corre o risco de passar por mais de uma pessoa, sabe? Eu não sei se é legal. Eu acho que não (Maria)

Além de Maria, apenas João mantinha um relacionamento mais íntimo com sua namorada no período da entrevista, e embora espere casar com uma pessoa que compartilhe sua fé religiosa, não vê problemas em se relacionar sexualmente antes do casamento, dependendo muito mais da namorada, querer ou não:

“Têm umas que optam por não ter relacionamentos sexuais, mas no namoro há momentos poucos mais calorosos, mas acontece de não ter o ato sexual. Mas digamos que nas preliminares... e acontece também de ter o ato sexual, que quando no calor acontece a pessoa

aceitar ou não. Pode acontecer ou não, com crentes ou não, mas apesar disso eu respeito posição da pessoa. Se ela disser que não quer ter relação sexual eu não tenho. Isto é algo que eu respeito para as duas partes, nada contra” (João)

Dos três jovens que mantêm o propósito de permanecer virgens até o casamento, dois demonstram dificuldades em sustentar esse compromisso, consideram importante aguardar o casamento para terem sua primeira experiência sexual, mas questionam se de fato estão fazendo a escolha certa.

Pedro nunca teve uma namorada, e aparenta um profundo ressentimento por obedecer às doutrinas há tanto tempo e até agora não ter se envolvido com nenhuma moça que tenha os mesmos valores que ele. Embora considere que é pecado a prática sexual antes do casamento e obedeça às regras de sua denominação, questiona todo o tempo a forma como ela o direciona nessa obediência.. Sobre sexo antes do casamento responde:

“Não acho apropriado... porque...olha, realmente eu acho que não é muito legal. Eu acho que seria melhor mesmo que fosse da maneira como foi ensinado. Eu só acho um pouco chato, é o seguinte, é pensar que, eu nasci na igreja, fui criado na igreja, consegui me reservar, me conservar, e de repente, eventualmente, de repente vai acabar acontecendo de eu me casar com uma moça que é convertida há dois anos, já pintou e bordou para caramba na vida, entendeu? Então, as pessoas chegam e dizem “ah, você está escolhendo muito, ah, você está sendo preconceituoso. Mas às vezes eu penso, pôxa, eu tentei me reservar a vida toda e de repente vou casar com uma moça que já pintou e bordou. Enfim... a qualquer momento estou com quase trinta anos, e ainda estou aí. Então, eu acho que não está dando muito certo ficar esperando... Eu estou muito desiludido com muita coisa nesse sentido. Eu vivi de acordo com isso e não resolveu nada, só me deixou frustrado e até afetou muito minha fé, por isso.” (Pedro)

Quando questionado sobre o papel da igreja na observância dessas regras, questiona a rigidez e ao mesmo tempo o abandono desta àquele que resolve se preservar. Para ele, há mais cobranças do que apoio, tais como, formas de envolver os jovens solteiros em atividades que favoreçam encontros com outros jovens e até mesmo atividades sociais para maior entrosamento entre os grupos de solteiros.

Ela [a igreja] gosta de cobrar coisas que você se dar conta sozinho, para te ajudar ela é terminantemente contra. Via de regra, ela é terminantemente contra. Ela acha que tudo tem que ser na base de destino decidido por Deus. Ou a igreja, de uma maneira geral, ou as

peessoas pensam assim também. Elas são contra. Eu tentei fazer encontros de solteiros, que eu só queria juntar as pessoas, para ficarem numa conversa, não era para fazer um namoro da TV do Silvio Santos, não é isso, é só para criar um ambiente onde você possa chegar para uma moça, se achar ela bonita, simpática, chega, se aproxima e conversa. Não com medo dela dizer, ah! me dá licença que o meu namorado, meu noivo, meu marido está me chamando, entendeu? Sem ter esse receio, entendeu? Acho que evitaria outros problemas, você sabe que na igreja, via de regra a maioria das pessoas já tem um relacionamento, não vai chegar na maior cara de pau e tentar alguma coisa, até porque você sabe se você tentar os outros vão recriminar, entendeu. Os outros são altamente contra você fazer esse tipo de tentativa, eles querem que haja quase um sentimento mútuo e inspirado por Deus, de que Deus é que faz tudo. (Pedro)

Pedro parece extremamente preocupado com sua situação, a ponto de questionar se sua fé é suficiente para tanta espera, se o fato de ter nascido em um lar evangélico não é a principal razão de seguir essas doutrinas, se não teria outra postura caso não fosse crente.

Essa é uma postura de alguém que mesmo questionando as normas da igreja, tem na instituição uma referência para os seus atos. Teme abandoná-la por não saber se agirá corretamente, mas sofre porque observa a dificuldade em guardar valores morais em uma sociedade muito mais aberta com relação a tais preceitos. Esse sentimento ambíguo de ao mesmo tempo abdicar dos “prazeres do mundo” mas querer também os benefícios do pertencimento a uma comunidade está presente no comportamento dos jovens evangélicos.

Já Ester diz não ter tido nenhuma experiência sexual porque não quis. Mas não considera o pecado da castidade diferente nem mais grave do que outros pecados. Apenas entende, que estar em pecado, qualquer pecado, a afasta da comunhão com Deus e atrapalha a sua espiritualidade. O seu compromisso é muito mais com Deus do que com a igreja, como diz em seu depoimento:

Eu não tive porque eu não quis. Eu botei pé firme nisso, mas eu não botei pé firme, tipo... quando eu era adolescente, ficar assim, eu vou ficar 70 anos virgem, não foi isso. Foi acontecendo, cada relacionamento que eu tive, eu fui... não, eu vou me guardar pros (sic) propósitos de Deus, mas eu não imaginei que isso ia durar, entendeu? E eu não falo que vou ficar assim eternamente, eu pretendo, mas eu não tenho essa preocupação, de falar assim, eu sou mais eu, não é. É que Deus tem me dado um prazo, entendeu? E eu penso que isso agrada ao Senhor. Não é por norma, eu sigo muito assim o que está na Bíblia. Quando o pastor fala, sempre fui assim, de ver na Bíblia, de pesquisar mesmo. Então eu acho assim,

que na verdade, se tivesse acontecido... não aconteceu porque eu não quis, entendeu? Foi uma opção minha. Mas se tivesse acontecido eu sei que Deus ia me abençoar, ia permitir que eu constituísse família, se eu tivesse caído, isso não ia atrapalhar. Pecou, não só nisso, mas em outras coisas também, o Espírito Santo se afasta. Se arrependeu voltou, volta a ter comunhão com Deus.

Para Rachel o problema é outro, mas não menos importante para compreendermos a dinâmica ambígua entre o *ethos* religioso e o *ethos* privado presente todo o tempo na vida desses indivíduos. Muito mais autônoma em relação às denominações que frequentou (passou por quatro diferentes), considera que o fato de ainda estar solteira e não ter se envolvido sexualmente com alguém se deve muito mais a uma opção pessoal do que a uma pressão por parte da igreja ou da família. Mas não deixa de reconhecer a igreja como a principal responsável por esses valores. Perguntada sobre a importância de se preservar até hoje, responde:

[Por que se preservar?] Porque é pecado! Eu acho errado, sei lá! As pessoas dizem “ah mas não é a mesma coisa que ter intimidade?,” mas eu acho diferente pertencer a um homem e dar um beijo, um amasso, uma pegada. Tanto é diferente que pra ele também o é, entendeu? Não é a mesma coisa, não é a mesma coisa! O que que é o “possuir” da coisa? É o ápice da coisa.

Pedro, Ester e Rachel refletem a concepção protestante de salvação individual, e de considerar seguir as doutrinas porque está na Bíblia, porque é um ensinamento divino e, não necessariamente, normas das instituições religiosas a que pertencem. Mas embora as denominações evangélicas tenham uma postura de valorizar as decisões individuais (de conversão, de batismo), como instituições religiosas requerem a obediência às suas doutrinas e consideram que aqueles que não as seguem estão se afastando de Deus e seus caminhos. Essa postura deixa uma marca nos seus seguidores. Mesmo quando assumem um discurso de ‘opção pessoal’ ou ‘sigo por convicção’, seus comportamentos acabam sendo de acordo com a instituição.

No entanto, o comportamento com a doutrina exacerba os dilemas. Ser evangélico implica em compromisso e reconhecimento da “Palavra de Deus” e para o jovem envolvido com os valores sociais a que pertence é viver seus princípios e serem acusados de antiquados e tratados com deboche, muitas vezes, até mesmo

pelo próprio grupo a que pertencem. Como nos coloca Rachel, que ao ser independente, solteira e por viajar muitas vezes sozinha, a sua castidade é posta em xeque.

Olha, como é que eu vou falar pra você, hoje significa um peso...porque até rapazes cristãos acham que eu já tive experiências nesse sentido, até porque eu viajo muito sozinha, to sempre só, viajo só, e então as pessoas confundem, porque eu não comento, eu não converso, nunca comento nada. As pessoas acham estranho, por incrível que pareça, há comentários constrangedores, com deboche. As pessoas não acham normal. (Rachel)

Sobre as dificuldade desse compromisso e a convivência com os valores da sociedade, respondem:

Me incomoda mais com as mulheres. Eu não falo isso com ninguém, estou falando isso com você que é pesquisadora, senão eu não falaria. Eu não me abro nesta questão, falar da minha vida particular, nem com a minha melhor amiga sobre. Falo sobre tudo menos sobre isso, nem pra minha mãe, pra você ter uma idéia. Eu to falando pra uma profissional, que está fazendo uma pesquisa. Eu não gosto de compartilhar isso, entendeu? Não falo mais nada sobre isso, nunca fui aberta pra isso, sempre fui muito fechada pra isso. Eu falo com Deus mesmo. Tem momento d'eu ficar deprimida, abatida mesmo, entendeu. Por causa de tudo que já passei, de oportunidades que já perdi, por estar seguindo a Deus (tudo entre aspas). Entre aspas mesmo, porque é tudo aos meus olhos, mas se Deus tem um propósito... entendeu? A questão é minha, pessoal com Deus, mas me incomoda sim. Mas, não falo isso pra ninguém, não consigo. Me incomoda, por exemplo, piadinhas, incomoda no meu íntimo algumas coisas. Se eu não tivesse conhecimento do Evangelho, eu não agiria dessa forma. Ah, eu to perdendo alguma coisa, mas eu tenho o outro lado. Eu um sou um ser humano, então eu acho normal ter esses conflitos também, mas aí, eu fico buscando ao Senhor... Senhor me ajuda, me dá força... não tem como ser de outra forma, de forma racional, tem que ter fé mesmo, tem que ter o Espírito Santo atuando, senão eu não conseguiria, entendeu? (Ester)

Eu nem alentaria que existe uma pressão de homens e mulheres, existe uma pressão do meio, muito embora algumas vezes não seja orquestrado ou mesmo intencional, mas existe uma cobrança, pois como voce vê, estou com 34 anos, e aos 34 anos a maioria dos homens já se casou. Tenho amigos de escola de faculdade, onde a maioria já casou, muitos separaram já, muitos já casaram pela segunda vez, e uns poucos, infelizmente, viraram bicha, ou seja, de alguma forma elas cumpriram um ciclo que a sociedade estabelece pra gente, e aí voce se pergunta, poxa a sociedade pode arbitrar isso. É muito complicado voce assumir um compromisso desse simplesmente pelo clamor, pra voce atender aos ditames da sociedade e das pessoas que estão ao teu redor. Acho que...

sempre falam, pô voce tá ficando velho, ainda mais agora com o cabelo quase todo branco, dizem, voce é um cara bacana, não é feio, é ajeitadinho, tem um bom papo, está envolvido com uma série de coisas, conhece muita gente, por que não aconteceu? Por “n” fatores, por “n” fatores não aconteceu. Exatamente porque eu tenho que atender minhas próprias exigências, eu tenho que atender em primeiro lugar as minhas necessidades, saber trabalhar os meus medos, eu tenho medos, tenho que aprender a trabalhar minhas esquisitices, antes de submeter uma outra pessoa a uma série de situações com as quais ninguém gosta de conviver. (Paulo)

Estes três depoimentos demonstram o clima de tensão existente na observância das regras religiosas e a realidade prática desses jovens. A elaboração subjetiva que fazem das regras parece torná-las um pouco menos rígidas. Considerá-las mais como “opção” pessoal do que uma norma congregacional parece lhes dá um maior controle sobre suas vontades, reformulando conceitos e tradições advindos de família e da própria igreja, de forma que lhes pese menos obedecê-las.

Virgindade e masturbação – a diferença entre homens e mulheres

Quase sempre quando se fala em virgindade se pensa na mulher, assim como quando se fala em masturbação, pensa-se logo nos homens. Ambas as situações relacionadas diretamente às partes dos corpos tanto feminino como masculino, ainda se constituem em constrangimento quando tratadas pelas igrejas evangélicas.

Mito ou não, quase sempre os homens se acham capazes de saberem se suas namoradas ou esposas são ainda virgens, ao se depararem com um pequeno detalhe: o rompimento de uma pequena membrana na primeira vez de uma mulher. E muitas vezes essa concepção errada é corroborada por líderes através de literaturas ou conselhos direcionados aos jovens evangélicos, como podemos observar neste trecho presente em uma literatura que trata sobre o assunto:

A palavra *virgem* significa algo que nunca foi tocado ou utilizado, que é puro, imaculado. No caso de homem e da mulher quanto ao sexo, é o nome dado a quem nunca teve relações sexuais. No caso do homem, nada em sua anatomia muda ou se rompe, mas na mulher a introdução do pênis em sua vagina produz o rompimento do hímen – uma película que cobre a vagina desde o nascimento, que contém um pequeno orifício onde sai, mensalmente, a menstruação. Uma

vez que o hímen é rompido, não pode ser reconstituído (CRUZ,1999:135)

Cientes de que isso é mais um mito do que uma prova de pureza e fidelidade³⁹, ainda assim, no imaginário tanto de homens quanto de mulheres essa preocupação ainda persiste, como podemos perceber na fala de um dos informantes:

Na igreja você tem a preocupação, como eu vejo e sinto, que é para os dois [a virgindade]. Tanto para o homem quanto para a mulher. A diferença é de que com o homem se ele deixou de ser virgem, a não ser que fale, ninguém vai saber, e a mulher não. A mulher tem como você saber se ela é virgem ou não é. O rompimento do hímen, né, vamos colocar assim, desculpe o termo, uma espécie de lacre, que confirma se você é virgem, ou se deixou de ser virgem. A preocupação hoje é que os dois permaneçam virgens, duas pessoas que se relacionam com Deus, e o sentimento do pecado vai haver nas duas pessoas. A consequência disso acontece nos dois, a exteriorização disso é que vai ser diferente. A mulher tem essa questão do hímen e o homem não tem, né. Agora, do ponto de vista, das pessoas isso pode ser mascarado pro homem e pra mulher nem tão facilmente é (Mateus).

Quanto à masturbação, o hábito de excitar com as próprias mãos os órgãos genitais, ainda que até poucas décadas fosse também envolvida em muitos mitos, sempre foi considerada uma saída, principalmente, para que os jovens rapazes virgens aliviassem suas tensões sexuais. Para as mulheres a masturbação sempre foi encarada como um comportamento nocivo, principalmente para sua saúde⁴⁰.

Em uma interessante obra escrita na década de 60, por padres e médicos católicos, direcionada às mulheres católicas, os vários artigos apresentam diversos tópicos que dizem respeito ao “sexo e a mulher solteira”. E há curiosos conselhos para as moças que desejam casar virgens. Considerado “avançado”, pois trata de temas atuais para a moderna época em que foi escrito, assim define seus objetivos:

O assunto deste livro é o mundo sexual da mulher solteira – um mundo, para muitas, de solitária frustração e privação; para outras, de casos amorosos furtivos, e carregados de culpa. É um mundo de incômoda conciliação entre os ideais de

³⁹ A medicina acabou por desmitificar esse fato, uma vez que provou que há mulheres que têm hímen complacente, ou seja, o hímen não se rompe (e, por conseguinte, não sangra) em sua primeira relação sexual, vindo acontecer apenas quando do nascimento do primeiro filho.

⁴⁰ A masturbação feminina era tida como responsável por comportamento de distúrbios cardíacos, histerias, debilidades e até emagrecimentos por médicos no século XVIII e ainda no XIX (Eisler, 1996; Heinemann, 1996), (Laqueur, 2001).

virgindade e as necessidades físicas da personalidade feminina sadia. Para algumas é um mundo de desejos doentios e desesperadas satisfações substitutas (CAPRIO & ELLIS, 1971:12).

E quanto à masturbação feminina responde assim:

Que dizer das mulheres? As mulheres virgens toleram a castidade muito melhor do que os homens. Todavia, viúvas que sejam ainda jovens podem sofrer muito quando privadas do sexo, especialmente se estavam acostumadas a uma vida sexual ativa e têm forte desejo sexual. Neste caso, podem realmente sofrer congestões na cabeça, ligeira tontura e vários tipos de tensão nervosa, entre os quais insônia. Se o uso moderado de sedativos não consegue atenuar a tensão, o único meio que resta é voltar a alguma forma de escoadouro sexual, tendo em mente que os modos da Natureza nem sempre são aqueles das convenções sociais e dos ideais morais contemporâneos” (CAPRIO & ELLIS, 1971:48,49)

Podemos notar no texto, que mesmo entre as mulheres, a masturbação seria uma “válvula de escape” apenas para as viúvas, isto é, para aquelas que já haviam experimentado o sexo!

Muito embora, hoje esta questão seja muito mais discutida, por força mesmo das moças e rapazes evangélicos que ainda se preservam virgens, e queiram discutir o assunto, entre os líderes religiosos a masturbação ainda é tratada ora como “escape”, ora como pecado. Embora encontremos muitos líderes tendo uma conduta de recriminação e condenação do ato de masturbar-se, outros são mais cuidadosos ao se dirigir aos jovens. Como é o caso do psicólogo especializado em família, conhecido no meio evangélico, Carlos Grzybowski (2003:P.95) que diz que *“em relação ao ato da masturbação em si, devemos adotar uma atitude que não lhe seja aprobatória nem condenatória, mas uma postura de compreensão e confrontação”*.

Embora o objetivo aqui não é entrar em detalhe quanto a uma teoria geral do gênero, não podemos deixar de perceber que no que diz respeito à sexualidade há diferenciações de como o assunto é tratado entre homens e mulheres.⁴¹ E quando o assunto é castidade, o modo como é tratado entre moças e rapazes é bastante diferenciado, ainda que entre os evangélicos a conduta seja cobrada para ambos os sexos. Mas são os próprios solteiros que afirmam haver essa diferenciação, e a consideram muitas vezes injustas. Perguntados sobre se havia uma pressão e um

⁴¹ Linda Woodhead (2002) chama a atenção para a necessidade de a sociologia da religião dar mais atenção à questão do gênero, possibilitando o reconhecimento de “as mulheres não necessariamente ocupam o mesmo espaço social e tampouco participam das mesmas instituições sociais como os homens, e que mesmo que o façam, elas frequentemente o fazem de maneira diferente” (p.1)

controle maior para as mulheres do que para os homens no tocante à virgindade, as moças e os rapazes responderam:

“Sem dúvida, mas sem dúvida, porque a mulher engravida, sem dúvida, porque é o que estou falando, tem jovem que transa e não está nem aí, a igreja também não sabe e não pode fazer nada, mas Deus está vendo. Mas eu acho que se eu fosse uma liderança da igreja eu não ia expor não, eu ia chamar em particular, porque eu sei que outros não estão sendo expostos porque estão usando... pôxa, e aí eu expor aquela pessoa que não usou o método e engravidou. Eu acho que pode até excluir, falar que estava errado, que o outro também estava errado” (Ester)

Sim, com certeza. Isto é historicamente estabelecido. Para os homens sempre foi estimulada a prática sexual, como experiência. Tornar-se homem, sempre esteve ligada à primeira experiência sexual, e era o pai o principal responsável por isso. Já para as mulheres, se preservar era a possibilidade de casar e arrumar um bom marido. A menina que “se perdesse”, podia perder a oportunidade de casar e constituir família. Embora as igrejas evangélicas aconselham a virgindade para homens e mulheres, os homens sempre são mais “perdoados”. Eles têm a justificativa de que não conseguem “segurar por muito tempo” (Débora)

No entanto, quando perguntados sobre a prática da masturbação, com exceção de uma informante, foram os rapazes os que mais responderam sem constrangimento sobre o assunto. As moças, no geral, viam nas atividades do trabalho e de lazer a forma de aliviar a tensão da espera pelo momento de encontrar o parceiro ideal.

Enquanto cristão a única coisa que eu posso fazer é clamar a Deus por misericórdia, Pai me ajuda, socorro! Você veja, o homem biologicamente aos 30 anos ele está no auge hormonal dele, no auge sexual, do desejo sexual dele, aos 40 ele vai ter muito mais experiência, mas aos 30, fisicamente ele está no topo, ele é o cara, e ele se sente o cara mesmo, precisa extravasar. E quando você não extravasa, pô...você acorda de madrugada, você tem insônia, ... e você tem uma coisa que eu vejo como... eu clamo muito pela misericórdia de Deus, e quando acontece comigo, eu vejo a misericórdia de Deus, que é a poluição noturna, e por em incrível que pareça é um negócio aviltante, um negócio chato, um negócio vergonhosíssimo, é... é realmente, é um negocio como eu sozinho... posso de alguma forma fisicamente me dá um refrigério, te dá um alívio daquilo que está sobrando, porque a sensação basicamente é que você está aliviado fisicamente, e bola pra frente. Tropeço aquilo, caio acolá. (Paulo)

Há quem já tenha chegado para mim e cobrado, dizendo “isso é errado, isso é errado”, que está errado, está errado”. Aí eu muitas vezes tenho até tentado... eu falo assim comigo,...olha, até porque... é ... entre as várias coisas que aconteceram...vou te falar porque a palavra é questão é masturbação mesmo. Então o que acontece. A primeira coisa que, lendo a respeito, foi ... na Bíblia não se fala nada sobre isso, não há nada dizendo que não se pudesse fazer, então aí já é a primeira coisa que as pessoas afirmam categoricamente que é pecado, e na verdade não há nada na Bíblia que fale nesse sentido (Pedro).

Nunca tinha pensando nisso, ou concebido que uma mulher podia também se masturbar, até ter minha primeira experiência. Foi meu companheiro mesmo que me ajudou a conhecer melhor o meu corpo. Não é freqüente, mas vejo com mais naturalidade (Débora)

O trabalho me ajuda. Você sabe que se eu não estivesse trabalhando, eu estaria totalmente perdido. Eu passo literalmente mais tempo aqui que no meu quarto (porque eu moro num quarto). Eu trabalho final de semana direto, às vezes eu durmo aqui... Eu me entrego aqui dentro. Eu procuro me ocupar com isso aqui, para não pensar muito nisso. Porque quando eu penso nisso, fico meio triste, meio arriado, sou meio sensível. Então, vamos ficar no trabalho. O trabalho tem sido meu escape e agora o estudo, né? Então, eu conto com isso, pra não pensar. Quando você tem talento, eu falo isso, eu sou meio igual coruja, mas eu tenho talento, o pessoal morre de rir. Quando você se sente bem, você começa um trabalho bom, socializa a pessoa, a pessoa se sente bem e é o que está acontecendo comigo, o que tiver que acontecer, vai acontecer. Não me preocupo com isso, deixo realmente a vida me levar (André)

Perguntados se consideravam a prática pecado, os informantes respondem:

Olha, eu acho que é melhor isso do que de repente você ficar ansioso... Até teve uma semana aí, eu não consegui nem completar uma semana e tentei me abster e novamente eu senti que estava ansioso demais, que aquilo estava me fazendo mal, então quer dizer, eu acho que é melhor isso, que de repente, sei lá, de repente dá uma louca...então, acho melhor isso, como válvula de escape, do que ficar ansioso, fazer alguma besteira, tenho até medo, entendeu? (Pedro)

Sim, a partir do momento que você desenvolve uma relação de desejo, com um fim de desejo somente. O ato de ejaculação, de chegar ao final, é a consequência do que você pôs em sua mente, se você não agüenta, tem que extravasar de alguma forma. E é uma prática do pecado, não pelo ato físico em si, de si tocar, tanto o homem, quanto a mulher, mas aquilo que você conseguiu com determinado objetivo, na sua mente. Se você se envolve com carícias, de alguma maneira você vai extravasar aquilo, ou você vai se masturbar, então você vai conceber aquele desejo na sua cabeça de alguma forma, e aí você passou a pecar (Mateus)

Esses depoimentos, portanto, revelam que no que diz respeito à construção social e religiosa da masturbação como algo negativo, a postura dos jovens evangélicos revela a forte influência dos seus líderes e de suas famílias na sua educação sexual. Mas embora, em vários momentos os jovens demonstrem ter bastante influência de suas denominações em suas atitudes relacionadas à abstinência sexual, quase sempre justificam suas atitudes com base nas Sagradas Escrituras.

Diferente do que foi percebido por Silvia Fernandes (2004), ao analisar os jovens católicos que optam pela Vida Religiosa⁴², de que eles nunca se referiam a Deus como o demandante do compromisso da abstinência sexual, revelando muito mais uma normatização institucional, do que uma ordem supra-terrena. Os solteiros evangélicos sempre vêm na obediência à Bíblia e no mandamento divino a razão para a obediência da castidade. Vendo a instituição apenas como responsáveis por transmitir ou assegurar esses valores.

Aos olhos de Deus, todo e qualquer pecado é pecado. Mas aí a igreja, coletiviza a coisa. As pessoas são um tanto quanto hipócrita com relação a isso, são as pessoas que fazem gradação do erro, ah, esse erro, esse pecado é mais grave do que esse. Espiritualmente todo pecado tem a mesma reverberação espiritual, não importa qual seja. Isso chega a ser um negócio, para quem não professa a fé, chega a ser um negócio meio absurdo de se ouvir, mas espiritualmente, na mente de Deus, no coração de Deus, se é que alguém pode sondar não existe isso, de que ... trepar é mais grave que matar uma formiga. Então infelizmente, são pecados os dois. Sinto informar! (Paulo)

A igreja é muito grande. Há muitos jovens que nem são da minha igreja, mas falam, que não vêm nenhum problema nisso, mas eu nunca vi nenhuma igreja falar que isso não é pecado, eu nunca vi, pelo menos as que conheço entendeu? Agora, umas falam que a pessoa está condenada eternamente ao inferno depois que pecou, isso eu também não concordo, o que vai levar a pessoa pro inferno é a própria pessoa. Jesus morreu na cruz para salvar, o interesse dele é a pessoa, então também existe o oito ou oitenta, existe uns exageros. Então, eu busco algo mais equilibrado, nas opiniões, eu mudo também de opinião, procuro ser mais aberta para ouvir. Eu acho que poderia chegar o momento de eu não continuar nesse propósito, mas eu nunca vou mudar de opinião a respeito de saber que isso não é propósito de Deus, entendeu. Que Deus reservou isso para o casamento. (Ester)

⁴² Entendida pela autora como as ordens, congregações e institutos religiosos onde ficam padres, freiras e irmãos que “não optam pela ordenação sacerdotal”.

Em relação à questão sexual eu particularmente trato isso com naturalidade. Antes, eu tinha o desejo de encontrar uma menina virgem, da forma que eu, virgem como eu, um sonho. E eu pedia ao Senhor, que permitisse isso dessa maneira. E foi, há uns dois que aconteceu comigo. Eu não considero se é certo ou errado (João)

Não é questão de não dar satisfação a igreja, mas mais de ouvir o que a igreja fala baseada em Deus, eu vejo Deus agindo através da igreja do que simplesmente me deixando levar por palavras de líderes e lugares. Infelizmente há muitas igrejas e pastores que fazem uma verdadeira manipulação na cabeça das pessoas, seja como uma coisa santa, uma coisa com propósito, mas que não sabem passar isso, seja por aqueles, que maldosamente, por falta de caráter, que manipulam, usufruem da fé da pessoa em benefício próprio. (Mateus)

No entanto, a instituição é criticada quando é muito rigorosa. E quando os indivíduos não concordam com a rigidez de suas normas tendem a abandoná-las em troca de denominações mais flexíveis. Mas reconhecem mudanças importantes no comportamento das igrejas, principalmente no que diz respeito às punições impostas àqueles que não obedecem às doutrinas.

Eu tenho que admitir que (já são 18 anos de evangelho, de igreja) que dos anos 80 pra cá, houve um progresso significativo dessa mudança, de uma igreja que condena e não dá suporte, para uma igreja mais acolhedora, mais direcionada, que faz um trabalho realmente de acompanhamento, orientação fundamentada na Bíblia de como lidar com isso. Há muitas igrejas onde muitos tabus se quebraram, com relação à maneira de olhar o sexo, da maneira de olhar os relacionamentos, mas há muitas igreja ainda que têm uma visão deturpada e uma mentalidade muito conservadora ainda. Principalmente se for para fora dos grandes centros urbanos, onde os movimentos pentecostais são muito fortes nesses lugares e não há nenhum trabalho de orientação nesse sentido. Mas eu acho que está se encaminhando, mas ainda não chegamos no patamar que a gente pode dizer que é uma coisa dominante, que há em todos os lugares (Mateus)

Eu acho que ela [a igreja] se limita a proibir, mas não tem espaço, não tem discussão a respeito, porque são jovens, as pessoas sentem, o corpo, sabe, a gente... tem o organismo, as substâncias, tá tudo reagindo, preparando pra isso, e assim, o que a gente faz com isso? Eu não tô culpando a igreja, não, porque isso aí não é o meu caso, mas eu acho que acontece dessa forma, sim, e aí depois que você faz, e aí? Aí aparece a menininha lá grávida, aí? Acho que pra acusar, a gente tá pronto. A gente tá com o dedo em riste, mas pra orientar, para discutir a respeito, para cada um tomar sua decisão não tem orientação (Maria).

Na verdade, eu não me prendo muito à igreja, minha preocupação é estar agradando ao Senhor, independente da igreja. Eu sei que é

importante a igreja, a liderança, o pastor lá da igreja fala muito sobre pecado, em tudo que agrada ao Senhor, prega muito sobre a bíblia, e mesmo que ele não pregasse, eu teria a mesma opinião que eu tenho. (...) mas o Senhor fala assim: não! E eu prefiro, assim, não querendo dizer não, eu digo para agradar ao Senhor. Essa tem sido a minha posição até agora. Não condeno quem não tenha essa posição. Eu tenho agido assim, eu sei que é difícil, mas Deus tem me dado graça. Não sei se amanhã eu vou conseguir, mas até agora eu tenho permanecido firme nesse propósito (Ester)

CAPÍTULO V

A sexualidade dentro do casamento: a família como objetivo

“Toda a doutrina social que visa destruir a família é má, e para mais inaplicável. Quando se decompõe uma sociedade, o que se acha como resíduo final não é o indivíduo mas sim a família”
(Victor Hugo)

Família ou realização profissional? O dilema das jovens solteiras

Por que pessoas cultas, financeiramente independentes que tenderiam a um maior afastamento dessas regras, vivenciam esses constrangimentos ao lidarem com os valores de suas denominações religiosas? Tendo como referência as reflexões de Anthony Giddens (1993) sobre modernidade, podemos pensar na importância de uma identidade religiosa, para proporcionar um sentido à vida, em uma sociedade cujas contradições têm levado milhares de pessoas a um descontentamento e uma incapacidade crescente de resolver seus problemas pessoais, principalmente quando se é jovem.

Mas o que é ser jovem? Juventude tem sido uma categoria difícil de se definir, pois parece estar em mutação em nossa sociedade. Cecília Mariz (2005) comenta que diferentes pesquisas identificam juventude com distintas categorias etárias. Observa que há autores que definem como jovens os que têm entre 14 ou 15 anos, 24 ou 25 anos de vida, outros consideram jovens os que têm entre 18 a 35 anos. Essa autora comenta ainda que diferentemente do que ocorre em outras culturas, na sociedade contemporânea se identifica juventude com o número de anos vividos (p.260), já que não se adota nenhuma marca qualitativa de fim da juventude, tais como nos ritos de iniciação, casamento, maternidade etc. O fim da juventude e início da vida adulta não é definido por nenhuma experiência marcante.

Nessa sociedade a chegada à vida adulta se dá, não por uma ruptura qualitativa, mas como um processo contínuo, quantitativo, ou seja, gradativo de acúmulo de anos vividos. O número de anos, que se viveu, portanto, definiria a fronteira entre essas duas etapas da vida. Dessa forma sendo uma mudança gradativa essa fronteira seria também arbitrária. Tanto no início da juventude, mas mais especialmente no seu final. A maioridade legal, que no passado poderia

identificar-se o fim da juventude, é atualmente vista como o fim da infância e adolescência, ou seja, o início da vida juvenil propriamente dita. Apesar do pouco consenso sobre a idade em que se deixa de ser jovem, a experiência de juventude continua sendo da liminaridade como destaca a autora:

A juventude, tal como a concebemos em nossa sociedade, é por definição um período de liminaridade e, portanto, socialmente instável e frágil. Esse estágio se torna cada vez mais prolongado e, mais do que em outros períodos da vida, parece fomentar a necessidade de sentimentos de pertencimento e de comunhão (MARIZ, 2005:p.261)

Pesquisas vêm mostrando o prolongamento da categoria adolescente ou jovem, em função da independência financeira e a necessidade de continuar convivendo com os pais; ou mesmo, por comodismo, pelo conforto e segurança de ter tudo na casa materna.⁴³ No entanto, mesmo para aqueles que têm um bom emprego, uma boa vida financeira e são independentes, quando chegam à categoria de “adultos” e ainda não casaram, não construíram uma família, ou seja, papéis reservados a adultos, são muitas vezes tratados com críticas e cobranças.

Para os solteiros evangélicos essa cobrança se dá também no espaço da igreja. Mas para eles o principal problema é encontrar nas atividades direcionadas aos jovens algo que lhes agrada. Desencaixados e poucos interessados nos assuntos discutidos, não costumam mais participar. Sentem-se sem lugar.

E esse sentimento de não-lugar vai tornando cada vez mais difícil a participação dos solteiros em atividades direcionadas aos jovens em suas denominações. Sentem que faltam atividades para aqueles que ainda não casaram, mas que não se consideram mais dentro da classe de jovens definida pela igreja.⁴⁴ Estando em um estágio bastante diferenciado da faixa etária à que se direcionam as atividades para os jovens, sentem a falta de discussão de assuntos mais sérios, mais reflexivos, principalmente dos que dizem respeito às suas condições de quase adultos e ainda solteiros. Quanto mais velhos vão ficando mais difícil e frustrante se torna participar dessas atividades. Acabam por participar só dos cultos e outras

⁴³ São os chamados “Geração Canguru”, jovens e adultos que mesmo tendo uma situação financeira bem resolvida, preferem continuar morando com os pais. Revista Época, Seção FAMÍLIA, de 27/09/04.

⁴⁴ As atividades dominicais, no período da tarde, antes do culto vespertino, são freqüentemente divididas em para adolescentes, jovens e adultos. São atividades quase sempre de cunho evangelístico e exortativo, sempre com algum assunto de interesse da faixa etária a que se direciona. Os jovens são sempre divididos entre solteiros e casados.

atividades da igreja em geral. Perguntados sobre essas atividades em suas igrejas responderam:

“Eu não sei se existe, pelo meu tempo de convivência, atividades direcionadas mais para os 28, 30 anos. Que é uma coisa que falta muito nas igrejas. Se tem alguma resistência* pros jovens, pros jovens (sic) chamados adultos, mais de 25 anos, isso é maior. E o cara fica perdido, e quem são dessa faixa etária, ou tá casado e portanto, tem um círculo social próprio, ou quem é mais novo não se encaixa. O nível de maturidade, coisas que ele faz, a relação com o trabalho é diferente, o relacionamento é diferente. Então fica num processo intermediário horrível, né. Por isso, criamos a comunidade “Jesus ama os solteiros de 30 ou mais” que tem até um número razoável de pessoas” (Mateus)

Tem uns seis anos que eu não participo de nada. Mas já participei de vigílias, acampamentos. Amava, me sentia feliz. Depois não tinha mais atividades pra minha idade, ultimamente eu me sentia vazia e só, isolada no meio daqueles adolescentes que eu conheci pequenininhos. Não há debates, palestras. Se preocupam muito com a alma, só com isso (Marta)

E Pedro vai mais longe, colocando que como a igreja estimula a formação da família, as atividades quase sempre são direcionadas para a família, ficando o solteiro com mais de 30, completamente deslocado e se sentindo constrangido e cobrado por ainda não ter casado.

A igreja foi feita só para a família. A igreja não foi feita para as pessoas sozinhas, porque tudo que se faz é feito, tipo assim, é adolescente, atividades para adolescentes, jovens, atividades para os jovens. Aí vem o encontro de casais, que é só para casais, é a reunião para casais jovens, aí depois vem reuniões para pais, reunião de família, entendeu? Daí quando chega uma festa de jovens, se você não casa, você passa ser uma categoria, uma minoria na igreja, muito ínfima, se as coisas não se encaixam para você. Eu fico muito chateado na igreja de ficar ouvindo tanto falar de encontros de casais e eu estou vendo que é uma coisa que eu estou proibido de participar. Eu fico chateado porque dão tanta importância, gostam de dar tanta importância, fazer tanta coisa e estou proibido de participar.

Essas dificuldades parecem ser as que mais afastam esses jovens de suas denominações por algum tempo. O que não significa um afastamento total da igreja, nem o abalo de suas convicções. Afastam-se porque não se encontram estimulados em participar das atividades promovidas por suas igrejas, para estudar, ou porque muitas vezes o trabalho consome boa parte de seu tempo. Geralmente trata-se de

envolvimento em outras atividades ou em outros grupos mais próximos de seus interesses no momento ou, como podemos observar nos depoimentos, uma nova relação com a instituição que não a coloca como necessária na comunhão com Deus, como dizem a seguir:

Ah, eu já me afastei do grupo social igreja, sim, não dos caminhos do Senhor. Porque, quando eu estava na faculdade (eu sou uma pessoa que estuda muito), eu lia vários livros da mesma disciplina, eu tinha nove disciplinas, eram muitos livros, eu não saía, eu não passeava, só pra estudar, estudar, estudar. Então, eu me afastei do grupo social, mas não dos caminhos do Senhor, que é diferente (Ester)

Já dei um tempo da igreja, não de Deus. Eu tive um mês e meio, ou dois meses em casa, continuei levando minha vida cristã, dentro da normalidade da pessoa que não vai à Igreja, foi basicamente por uma situação de relacionamento interpessoal, de decepção com Deus, com a igreja, não. Apesar de que eu acredito muito pouco na igreja como instituição, eu sou muito cético com relação à igreja e as pessoas, não espero muito da igreja e nem das pessoas. Nada que mudasse ou abalasse a minha fé (Paulo)

Se o homem não casa até os 30 anos, está aproveitando bem a vida; se o mesmo acontece com as mulheres, elas já estão passando da idade de casar e ter filhos. Esta sentença foi por muito tempo reproduzida socialmente. Os tempos mudaram e homens e mulheres retardam cada vez mais a idade de casar e ter filhos. A ciência moderna tem ajudado, principalmente as mulheres, dando-lhes a possibilidade de gerarem filhos com idades, que antes não era possível. E mesmo o casamento tem hoje significações bastante diferenciadas.

Para os solteiros entrevistados, o casamento é um desejo tanto para os rapazes quanto para as moças. Mas são elas as mais preocupadas quando vêem o tempo passar e ainda não encontraram o rapaz ideal, dentro dos padrões considerados por elas como o escolhido por Deus. Mais uma vez são as mulheres as mais penalizadas com as doutrinas de sua religião. Envolvidas com os estudos e o trabalho, desejando desta forma uma realização pessoal, assumem a dificuldade que é encontrar homens evangélicos à altura, que no mínimo reconheçam seus valores.

Os homens entrevistados, embora reconheçam que as mulheres hoje estão em busca de reconhecimento profissional, apresentam ainda um resquício da educação patriarcal e vêem de forma negativa as mulheres que estão muito mais

preocupadas com a realização de seus sonhos, do que na construção de suas famílias. E ainda consideram que devam ser os responsáveis pelo sustento da família, vendo a mulher apenas como ajudadora⁴⁵.

Eu considero que a mulher tem sua competência, mas a questão da hierarquia existe. Deus fez o homem e fez a mulher imagem e semelhança do homem. Mas para serem uma pessoa, sendo que tem que haver respeito, amor e a submissão não é escravidão. A situação hoje é outra, ela pode ter argumentações melhores, mas se eu tiver um argumento... (João)

Acho que naquela época não tinha como o cara ficar solteiro pro resto da vida porque vinha uma moça que aceitava ficar com ele. Acho que as mulheres queriam mais casar e ter família. As mulheres hoje, em primeiro lugar é a profissão e em último lugar, os filhos, e em último lugar, os derradeiros, são os maridos. Eu acho que as mulheres não querem... casamento. É a última prioridade na vida delas. A primeira prioridade delas é a satisfação delas, profissional e por aí vai (Pedro)

Um outro problema se coloca. Permanecer solteiros e castos até encontrar o marido ou a esposa idônea torna-se extremamente difícil, principalmente em uma sociedade cujos valores no campo da sexualidade tornaram-se uma questão de foro íntimo, e os relacionamentos estão se encaminhando para um relacionamento do tipo “puro”, cuja principal e talvez única função seja satisfazer necessidades afetivas e oferecer prazer, portanto, a união entre um casal só se dá e só permanece enquanto há satisfação para ambos os envolvidos (Giddens, 1993).

Esses problemas enfrentados pelos solteiros parecem anacrônicos quando sob o ponto de vista de análises dos comportamentos individuais nos contextos contemporâneos, que os interpretam, principalmente os comportamentos sexuais, cada vez mais livres do controle institucional da igreja ou da família. Entendida como uma experiência pessoal e cada vez mais desvinculada da procriação, a sexualidade contemporânea, proporcionaria aos sujeitos uma individualização cada vez maior de seus comportamentos, levando-os a agirem muito mais em termos de situações e contextos relacionais do que por valores absolutos (Bozon, 2004).

Mas são as mulheres que continuam mais sensíveis ao discurso religioso, como bem percebeu Maria das Dores Machado (2004) ao analisar as

⁴⁵ “E disse o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; *far-lhe-ei uma ajudadora* idônea para ele” (Gênesis 2.18. O termo ajudadora aparece na maioria dos textos bíblicos e é o mais usado entre os evangélicos,

transformações na família contemporânea. Sob influência dos valores religiosos de suas mães, que as educam para o casamento e procriação, acabam por reproduzir o modelo hegemônico de família, temendo não fazê-lo quando vêm suas idades avançarem.

Maria Lúcia Rocha-Coutinho (1994) analisou como os papéis das mulheres estavam sempre confinados ao espaço privado, com o cuidado dos filhos, do marido e dos empregados. E como a idéia de maternidade como parte da “natureza feminina” colocou sobre elas uma enorme responsabilidade, e ainda hoje no imaginário social as mulheres são vistas como educadoras por excelência e ligadas às atividades, principalmente de assistência e amparo aos pobres e crianças. De acordo com a autora, na demarcação público e privado, o homem ia para a rua, para os negócios, para garantir o sustento do lar, este o lugar por excelência da esposa e da mãe responsável.

Essa concepção de mulher submissa ainda paira sobre o modelo de família, dificultando a relação das mulheres, com seus parceiros e mesmo, com suas famílias, quando tentam rompe-lo.

As solteiras evangélicas ainda esperam no casamento feliz, a compensação do sacrifício da castidade. Mesmo as que não são mais virgens, que não ficam mais “desesperadas” por casarem, também não estão totalmente liberadas para agirem conforme seus desejos, e esperam o casamento, para agir sem culpas, de acordo com a vontade de Deus. Não sentem que a liberalidade sexual seja a melhor opção, e mesmo que já tenham experimentado a relação sexual, não pretendem ter outras experiências, ao contrário, esperam sempre se casar com o homem a que primeiro se entregaram.

Teve um tempo que eu andei pensando nisso [ter dificuldades por não ser mais virgem], quando eu cheguei a terminar com o meu namorado. E aí nessa época eu conheci um garoto da Maranata e, assim, na época eu achava que os jovens da maranata eram muito puros e eu fiquei preocupada porque eu já tinha experiência. Hoje eu já não me preocupo com isso, não, porque eu acho que se agente tiver que terminar, não ficar junto e eu namorar um cara cristão, ele vai ter que ser maduro suficiente para entender isso, porque, senão, a gente nem namora, entendeu? Não que eu queira... Não estou dizendo que eu vou namorar com ele e vou ter essa experiência com ele também, eu estou dizendo se a gente vir a namorar, eu vou

deixar as coisas muitas claras e quando a gente casar ele vai estar ciente e vai ter que aceitar, né, sei lá (Maria)

Não faço apologia para que todos transem antes de casar. Não é porque aconteceu comigo, que eu desprezo o valor moral que isso tem para o cristão. Continuo achando que a prática sexual é um ato que tem que ser bem pensado, tem que ser com compromisso e respeito para com o parceiro. Tem que visar, sim, o casamento. Não sou partidária de que “é preciso experimentar antes para poder casar”. Casamento não é só sexo, é muito mais do que isso. Se você mantém um relacionamento baseado nisso, tá fadado ao fracasso (Débora).

De todas as formas o casamento é uma instituição valorizada pelo grupo analisado, e o permanecer solteiras para as mulheres um temor. Isso se constitui um problema para as mulheres modernas no contexto de suas denominações. Inseridas cada vez mais no mercado de trabalho, envolvidas com seus estudos e retardando cada vez mais um envolvimento mais sério, quando se dão conta, começam a ter dificuldade em encontrar um relacionamento à altura de suas expectativas. Além disso, os homens com idades que se aproximam das suas, geralmente já estão casados. Para essas mulheres, reflexo das conquistas feministas, o casamento não é mais uma necessidade para que possam ascender socialmente, para terem estabilidade econômica, ou para que possam sair da casa dos pais; mas passa a ser uma opção e bem pensada. No entanto, dentro dos critérios de suas denominações, fica cada vez mais difícil conciliar essas conquistas com o espaço que ainda lhes designam dentro das igrejas, onde as mulheres não só devem esperar pelo casamento, como devem ser responsável pelo sucesso deste. Embora as igrejas evangélicas venham valorizando cada vez mais a autonomia e sucesso das mulheres (Machado, 2005), ao mesmo tempo cobram submissão e responsabilidade com o lar.

Analisando a literatura evangélica sobre casamento é possível perceber, mesmo quando consideram que a mulher ascendeu profissionalmente, que ainda há uma cobrança sobre a responsabilidade da casa, do marido e das crianças. Atribuindo a elas muitas vezes o fracasso do casamento ou da educação dos filhos. Como podemos ver nessa citação retirada de um *site* direcionado para orientação de famílias evangélicas:

“A mulher cristã tem vários papéis a desempenhar na sociedade, na igreja e principalmente no lar, onde ela tem um ministério específico. Ela pode edificar, e

construir, aliás, foi para isto que o Senhor a criou. Contudo, se não for sábia, pode vir a destruí-lo, com suas próprias mãos. Porque tamanha responsabilidade para nós mulheres? Quando Deus criou o homem, disse: “Não é bom que o homem viva sozinho. Vou fazer alguém que o ajude como se fosse a sua outra metade.” (Gn 2:18). Formou então Deus a primeira família, onde colocou a mulher como peça fundamental para esta formação e deixou em suas mãos a responsabilidade de ser o rochedo, o ponto de equilíbrio, a orientadora, a ajudadora junto ao marido, mais o privilégio único de ser mãe.”⁴⁶

As mulheres mesmo sentem esta responsabilidade. Quando da análise das mulheres que se tornavam pastoras, pude perceber a dificuldade que tinham em conciliar autoridade enquanto líderes de suas denominações e submissão enquanto esposas. Para muitas, esse seria um mandamento divino, e não viam problema em obedecê-lo. Na igreja pastora, em casa, esposa e mãe (Santos, 2003).

Para as jovens solteiras esse problema está bem presente em suas vidas. Casar é uma ordenança bíblica para quem quer constituir família. Conquistas como reprodução *in vitro*, casamento moderno, onde cada um mora na sua própria casa, ou permanecer solteira e desfrutar da liberdade sexual, que a sociedade moderna assegura, não são atitudes aprovadas nem mesmo por elas. Quando questionadas sobre casamento, podemos perceber esse conflito em suas falas:

Olha, eu já discuti muito sobre esse assunto. Casar eu quero, acho que é legal, mas não sou muito apressada quanto a isso (você pode ver pela minha idade, rrsrrsrs). Mas para a mulher crente isso é um problema, já que ela tem que casar virgem (à priori), e em idade pra ter filhos. Imagina a situação, ainda mais com tanta mulher e pouco homem, crente, solteiro! Quando eu era mais nova eu sentia o desespero de minhas amigas em querer achar um marido antes dos 30, pois consideravam a idade ideal para casar e ter filhos. Graças a Deus, elas conseguiram (rrsrrsrsrs). To namorando, mas não tenho pressa, é claro que não estou dentro do padrão bíblico! (Débora)

Eu gostaria muito de casar, mas ainda não aconteceu, não apareceu ninguém... Gostaria muito de ter filhos, construir uma família, já que não tenho meus pais vivos. Eu já tive muita vontade, ainda tenho, sim, mas hoje eu estou mais calma. Eu posso decidir sozinha; têm coisas que eu não controlo. Quero encontrar um cara que seja parceiro, que olhe para mim e queira ser parceiro, dividir tudo. Então, eu queria muito, a idade tá chegando... (Rachel)

Na verdade é o seguinte... eu sempre quis ter uma filha, então, eu vejo assim. Se eu não fosse evangélica eu ia ter de qualquer maneira, eu sempre fico pensando nisso. Mas na verdade, eu conheço o caminho do Senhor, se ele não me deu um casamento, é porque ele não quer que eu seja mãe. Eu não consigo ver, eu não

⁴⁶ <http://www.clickfamilia.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=1277&sid=12>

entendo porque eu tenho esse...eu me lembro que aos 14 anos eu estabeleci esse propósito, de buscar ao Senhor, em todas as áreas da minha vida. E eu vejo que eu sou muito abençoada, eu tenho prosperidade. Eu sempre tive, eu consegui várias bolsas, tenho facilidade pra conseguir as coisas, sabe. Eu tenho uma casa, eu comprei uma casa, eu tenho carro, eu tenho alegria em poder ajudar na obra do Senhor. Mas só nessa área que eu tenho problema, não sei se é problema. Não sei se Deus não abençoou, ou se isso é benção. Eu não tenho clareza nessa área da minha vida, entendeu? Só nessa área. As pessoas solteiras que estão na mesma idade em que estou não tem essa estória de vida que eu tenho. De ter de repente vários rapazes querendo namorar, rapazes interessantes, não têm. As minhas amigas que estão solteiras até hoje ou que se converteram agora, em pouco tempo atrás já estavam envolvidas com alguém, teve filhos... (Ester)

Quanto aos homens eles parecem estar em uma posição um pouco melhor. Idade, não parece ser um grande problema para eles e sim possuir recursos financeiros para formar uma família, continuar sua descendência. O discurso evangélico para o homem é sempre o de que ele é o provedor da família e, portanto, precisa estar em condição, principalmente financeira, de assumir o compromisso com o matrimônio. Embora, seja possível perceber um discurso evangélico mais moderno de que o homem precisa dar mais atenção à esposa e aos filhos, continua cabendo ao homem ser o chefe da casa. São esses os sentimentos dos homens solteiros, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

Eu namorei ela, só que quando ela me pediu pra casar, não tinha como. Não tinha um real no bolso, ia morar onde? Debaixo da ponte? Eu sempre fui assim “quem casa quer casar, quem casa não quer só um homem, quer alguém que te proteja, te sustente, alguém que dê sustento mesmo, e eu não pude (André)

Pretendo casar, na igreja. Família é fundamental, célula mátria da sociedade, é o casamento entre o homem e a mulher. Ter sua família, isso é fundamental (João)

É o meu maior sonho. Família é tudo, é o suporte, a continuidade da minha vida. É o meu maior sonho, casar, ter minha família, continuar o plano de Deus pra minha vida, dentro do casamento. Expandir o relacionamento, sendo além de homem, ser pai e marido. Quero vivenciar esse momento de troca de aprendizado, de vivência de maneira múltipla. Então casamento pra mim é uma oportunidade de Deus está atuando em minha vida de uma maneira mais..., como se diz, está abençoando outras pessoas, um sentimento de troca, de comunhão, de aprendizado, de desafios, que a pessoa busca, não é nada de mão beijada, um mar de rosas, pois no mar não existe

rosas, existem algas, rosas não existem. É um sonho, é uma busca, o casamento (Mateus)

Já para Pedro, o problema é outro. Sem problemas com os recursos financeiros, vê na liberdade feminina a dificuldade em encontrar uma moça que queira um casamento nos moldes tradicionais evangélicos.

Embora eu tenha emprego, tenha uma casa para morar, queira casar, ter filhos, ser fiel, eu acho que tem mais problemas com as moças do que comigo. Acho que as moças hoje estão de um jeito, que não dá (sic) muito oportunidade da gente se encantar com ela, entendeu? Elas estão tão estranhas, ou as moças que são mais simpáticas, elas já tem namorado, normalmente a princesa já está com o príncipe dela, tipo assim, as moças mais bonitas da igreja, já estão com os rapazes mais bonitos da igreja, então quer dizer, aí já sobram as pessoas que não seriam tão atraentes, aí a gente já não tem também empatia, aí acho que é assim...

Casamento com infiel: o jugo desigual

Outro problema bastante citado pelos solteiros é o casamento entre um crente e um descrente (para os fiéis este pode ser sem, ou de qualquer outra religião). Chamado de “jugo desigual” é baseado nos conselhos do apóstolo Paulo *“Não vos ponhais em jugo desigual com os incrédulos”*⁴⁷ e é condenado por todos os evangélicos, embora na prática, segundo os informantes, essa norma tem sido cada vez mais difícil de ser obedecida. Ora porque a maioria acaba se envolvendo com colegas de trabalho, de faculdade ou de curso, e estes nem sempre são crentes; ora porque, principalmente para as solteiras está muito difícil encontrar dentro das próprias igrejas rapazes ainda solteiros.

Essa preocupação já foi percebida no “Novo Nascimento”, pesquisa realizada pelo ISER, em 1994, em um levantamento de evangélicos no Brasil. Um casamento endogâmico era um problema principalmente para as mulheres, uma vez que, se na sociedade já era difícil encontrar um homem solteiro (a proporção era de duas mulheres para cada homem), tanto mais nas igrejas. Na época a pesquisa contabilizava que enquanto 92% dos homens tinham cônjuges evangélicos, apenas 51% das mulheres casavam com evangélicos (Fernandes, 1998). Sugerindo que a

⁴⁷ 2 Coríntios 6.14

dificuldade em encontrar um cônjuge solteiro e crente, era muito maior para as mulheres.

Esta questão também foi abordada por Maria das Dores Machado (1996), que verificou a observância dessa tradição entre os pentecostais que entrevistou. A autora chama a atenção para o fato de que além de estimular as relações afetivas dentro do próprio grupo evangélico, busca-se se também a realização de um noivado e um casamento mais curto, evitando-se assim a exposição dos jovens às tentações sexuais e livrando-os dessa tensão.

O jugo desigual, embora pareça um problema menor do que o permanecer virgem até o casamento, não passa despercebido. É motivo de preocupação, principalmente para as moças, pois segundo elas pode significar um casamento sem o consentimento de Deus e predestinado ao fracasso. Temem fazer a escolha errada e se arrependem, principalmente, quando da educação dos filhos, pois, temem ser impedidas pelos maridos de educar os filhos de acordo com seus preceitos religiosos.

É um conflito muito grande, é uma crise, porque ele é espírita; ele teve experiência ruim antes com pessoas que se diziam cristãs e tal e aí, ele tem mais resistência aos cristãos do que aos outros grupos. Pra mim é conflitante porque eu gosto dele, eu penso em me casar com ele, ficar com ele, mas... não quero ter filhos, então, menos um problema porque eu não vou criar de um jeito e ele vai criar de outro, porque filho a gente nem pensou. Mas no dia-a-dia é complicado porque eu vou tá (sic) voltada pra uma coisa e ele vai tá (sic) voltado para outra, não sei, assim, eu vou ouvir minha música (nem gosto muito de música evangélica, pra dizer a verdade, mas no dia que eu tiver a fim de ouvir, e ele vai engolir mas não vai descer redondo, então ,assim é complicado. Então você fica assim o tempo inteiro achando que não vai dar certo, que não vai saber administrar as diferenças, que nem é para administrar, porque tem o peso da...tem toda a família contra, dizendo que é jugo desigual, que não dá certo. A gente julga desigual, acredito que existe diferenças entre as próprias duas pessoas da Igreja. Sei lá, eu acho, temperamentos diferentes, coisas, não sei (Maria)

[Você está namorando?]Não, no momento não. Não estou justamente porque,... esse rapaz, que sempre manda e-mails pra mim, às vezes eu encontro com ele, vou à festa com ele, depois de um mês... eu não estou com ele, justamente por causa disso, porque a minha missão é em primeiro lugar agradar ao Senhor e aí, a questão é o jugo desigual. Mas mesmo que ele fosse crente eu ainda ia orar para saber se é da vontade do Senhor, entendeu? (Ester)

Podemos observar aqui mais indícios de que a obediência aos mesmos valores pode ter diferenciações para homens e mulheres. Embora considerem que casar com uma incrédula não é vontade divina, não vêm preocupação nos detalhes das tarefas familiares. Como já foi dito, geralmente, sentem-se responsáveis pelo sustento da casa e o cuidado do lar, e a educação dos filhos fica a cargo das mulheres. Mas também consideram um risco, e tentam evitar.

Para casar eu sou tradicional. Porque o Evangelho fala que não pode haver a união com incrédulos. É Jesus que fala, então, tenho que obedecer o que ele fala. Eu posso por minha vontade casar com uma pessoa que não é do Senhor, e ela vir a servir ao Senhor, e está disponível para o Senhor, eu posso falar de Jesus, mas eu não posso fazer com que ela receba o Senhor Jesus, isso aí, é com o Senhor Jesus. A minha obrigação é falar de Jesus pra ela, mas eu acredito que; ah, eu vou casar com uma pessoa que não é crente? Eu não acredito que vou casar com uma pessoa que não é crente e ela vai se converter. Isso é burrice (João)

A minha vida é meio engraçada. Na história de minha família tem muito mais exemplos de jugo desigual que conseguiu dar certo, do que casos que deram errado. O meu pai se viu numa situação, em que não teve opção na igreja. Ele conheceu minha mãe fora da igreja, ela passou a freqüentar a igreja e aí o meu pai sentiu que podia casar com ela. A igreja foi contra e não aceitou casar eles, ele foi casar fora da igreja. E a minha mãe depois se converteu. Quando eu nasci minha mãe já era crente e foi num espaço de sete anos, acho que não deve ter sido não muito tempo depois do casamento, que ela se converteu. As pessoas, em encontros de casais, sempre falavam de esposas que apanhavam de maridos que não eram crentes, entendeu? Eu acho que as pessoas insistiam nisso, num quadro ruim, na possibilidade de dar errado. Eu não entendo, na prática eu estou achando que isso não está funcionando muito. Para aqueles que se casam, para aqueles ali, a vida deles condiz com aqueles preceitos. Não há nenhum problema em defender aquilo, porque aquilo ali não cria nenhum problema na vida deles, mas agora para os outros que não conseguem nada, continuar concordando com aquilo ali, pode ser ficar solteiro pro resto da vida. E para os outros a solução para isso é “tenha fé e um dia Deus te faz feliz” e eles sempre botam as promessas num futuro (Pedro).

Deus, na sua onipotência, na sua sabedoria que é inquestionável, a partir de um relacionamento entre desiguais pode fazer com que a pessoa se converta a Cristo e o relacionamento que era entre desiguais se torne igual e talvez a pessoa que se converteu torne-se mais envolvida com Deus e “mais crente” do que a outra. Mas pode, às vezes, de a pessoa que se envolve com uma não crente, ao invés de permanecer fiel a Deus, se desvia completamente, se afasta completamente do plano de Deus. Então, é uma situação de risco, é complicado, é um risco desnecessário. Risco e dificuldades todo

muito vai ter, mas esse é um risco maior, e pode te levar para um caminho desagradável, de tristeza e de dor (Mateus)

Machado (1996) também mostrou como a conversão ao pentecostalismo significou um aumento da auto-estima feminina, e uma mudança na família, ao redefinir o comportamento masculino, centrado na igualdade espiritual. Machado & Mariz (1997) analisaram como a transmissão de valores, principalmente, os da moral sexual, são diferenciados de acordo com o gênero, e de como, mesmo entre os evangélicos onde a cobrança pela observância dos valores é para ambos os sexos, os homens acabam sendo menos obedientes às normas, e na prática, principalmente, entre as classes populares, a dominação pelo cônjuge masculino e os cuidados da casa pelas mulheres ainda persiste.

Sem dúvida, entre os fiéis com nível de escolaridade mais alto e maior poder aquisitivo essa relação é mais negociável, contudo, não totalmente resolvida, como podemos ver nos depoimentos de Rachel, economista, e Ester, sanitária, ambas funcionárias públicas:

Na faixa dos 35 namoram as mais novas e os mais velhos já estão casados; os mais velhos que estão solteiros ou divorciados são complicados. Geralmente tem um problema. São complicados mesmo em questão de relacionamento. Ainda mais com o fato de serem independentes. Na igreja, a idéia da submissão feminina, eu acho que é mais complicado que fora. Uma mulher muito culta espanta muito, mais do que fora. Não acho que seja uma regra, mas uma mulher independente, que se vira bem, não vai bem com a idéia de mulher submissão, que fala baixa, que obedece ao marido. Não que eu ache, ou que eu veja a submissão como problema, eu acho que a questão da submissão é outro problema, mais complicado. Eu acho que o perfil da mulher solteira hoje está se alterando. Se você perceber mesmo, há um perfil muito parecido. São mulheres realmente estudaram, que trabalham, que se viram, independentes. E os homens solteiros na igreja, a massa de homens solteiros na igreja, de repente, não tem o mesmo grau cultural. Acho que complica mais que o grau financeiro. O grau cultural é bem mais complicado, é como você vê a vida, como vê certas coisas, porque cultura dá nisso, uma nova interpretação(Rachel).

Eu sou uma pessoa realmente independente, eu viajo muito, fazendo excursões à outros estados, aí, marido assim que discorde disso... tudo é negociável. Por que eu acho que, (risos), deixa eu pensar. Eu tenho dificuldade em certas coisas de submissão, porque eu sou tão independente que eu tenho que pensar. Eu acho que conseguiria abrir mão de muitas coisas para ter um convívio bom. Porque eu já abro mão pra ter um bom convívio no trabalho, nos dois trabalhos, na família, às vezes, eu abro mão de muitas coisas, então estou levando

pra esse lado. Então eu acho que eu abriria mão na questão do casamento, eu acho que a submissão que a Bíblia fala, não é ser escravo, é uma submissão em amor, é uma coisa... A gente, lá na igreja, estuda muito sobre autoridade espiritual. Deus estabelece autoridades na vida da pessoa, tem a chefia, Deus diz que temos que honrar os líderes (“dar à César o que é de César”), então Deus estabeleceu o marido, sendo o cabeça, como se fosse o organizador principal, cabeça, chefe, daquela instituição família, eu acho que isso é bíblico. Mas eu tenho uma vida muito fácil, vou viajar amanhã, não preciso ligar para ninguém, falar pra ninguém. Eu falo para os meus pais, quando saio. Moro com os meus pais, e sempre fui de pedir opinião deles, tudo, se eu comprar uma coisa cara, eu vou comento, pra pedir opinião dele. Então, eu sou independente, porque eu não preciso dar satisfação, mas eu dou. De repente, não seria mais difícil para mim, mas tendo um marido proibindo, eu não sei como seria não (Ester)

Comportamento reprodutivo e Práticas sexuais – Uma posição conservadora

Quando o relacionamento amoroso entre homens e mulheres solteiros visa o casamento e a formação da família, nada mais coerente que todas as normas, discursos e ações sejam voltados para esse valorizar a instituição do matrimônio.

A prática sexual pré-nupcial, que não vise um compromisso com o casamento; a prática abortiva que impede o nascimento e, portanto, a formação da família, e, principalmente a união entre iguais, que é contrária aos valores cristãos de família heterossexual são todas práticas proibidas e consideradas pecado diante de Deus.

A família dentro dos padrões divinos seria aquela formada a partir da união entre o homem e a mulher, em uma relação exclusivamente heterossexual. Esse é o modelo percebido pelos solteiros como ideal, revelando a clara aceitação dos valores de seus grupos confessionais.

- **Sobre a prevenção**

Os depoimentos sobre proteção sexual e práticas sexuais não diferiram dos depoimentos que já estamos habituados a ouvir dos evangélicos em geral. Perguntados sobre formas de proteção, todos conheciam as formas de prevenção. Se não aprenderam na família; conheceram por meio de livros, de palestras na

escola. O fato é que mesmo aqueles que discordam da prática sexual antes do casamento, conhecem a forma de evitar uma gravidez não desejada e doenças sexualmente transmissíveis. Como indicam os depoimentos a seguir:

Na igreja não, mas no colégio explicavam muito. Meu pai até, até achei meio irônico, meu pai, quando tinha palestras sobre AIDS, dizia, eu quero que você vá assistir... eu dizia, mas pai eu não quero assistir, mas ele insistia. Achava engraçado, ele todo preocupado, como se eu corresse risco de, de repente engravidasse uma menina, e eu com quase 30 anos, nunca beijei ninguém, quer dizer... O meu pai ficava chateado porque já havia acontecido mais de uma história de menina na igreja ficar grávida e a igreja não falar nada, não falava com os jovens, não falava com os adolescentes, nada falava nada. E ele achava que tinha que falar. Ele queria até juntar e falar, porque ele acha que o pessoal de lá era tão conservador, tão retraído, que não ia falar nada, não ia ter um jogo aberto com os jovens (Pedro).

Conheço os mais comuns. Não vivencio a prática sexual por isso é natural que não conheço muito. Mas conheço a camisinha, os anticoncepcionais que as mulheres usam, a pílula do dia seguinte. Um produto que as mulheres usam, esqueci o nome... DIU, né? Conheço, de uma forma não aprofundada, mas conheço. Não faço uso de camisinha, mas acho que tem que ter uma prática. Não tenho pela falta do hábito, mas acho que todo homem deveria andar com uma camisinha dentro da carteira. Não por uma questão de que, você vai está na eminência de pecar, mas se resguardar, de algo que principio vai ser um imprevisto. No momento, ou circunstancia. A pior coisa, que é pecar contra Deus, é você já deixar para pessoas conseqüências que você não pode reparar mais, como doenças veneras, gravidez indesejada (Mateus)

Conheço, uso. Questão da minha saúde, das minhas condições financeiras, do meu desejo de não ter filho, então, tudo me encaminha pra isso (Maria)

A igreja evangélica no geral não instrui o jovem solteiro na utilização de preservativos, uma vez que não considera a prática sexual pré-nupcial. Geralmente aconselha esses jovens no cuidado com o corpo, com a saúde e a valorização da pessoa, evitando um relacionamento sexual sem compromisso com o casamento.

Em 1994, uma campanha intitulada “QUEM AMA ESPERA” (True Love Waits), originalmente criada em abril de 1993, pela LifeWay Christian Resources, sob a responsabilidade das igrejas Batista do Sul dos Estados Unidos, rodou o mundo inteiro, nas igrejas evangélicas, com o discurso de que quem ama espera até o casamento para ter sua primeira vez. Evitaria-se, assim, a gravidez de

adolescentes, gravidez indesejada, abortos, doenças sexualmente transmissíveis e, principalmente, valorar-se-ia o próprio corpo, que deveria se relacionar apenas com o cônjuge.

Campanhas deste tipo tentam persuadir os jovens de que é melhor esperar o casamento para suas experiências sexuais; mas, quase sempre, sem orientação adequada para agir, quando não é possível evitar, acabam se envolvendo com os problemas subseqüentes, e o peso é sempre para as meninas, em uma gravidez não desejada.

A posição das denominações nesse assunto é bastante conservadora, e apesar de concordar que a igreja não deve incentivar o uso de preservativos, os solteiros consideram que ela ainda não sabe lidar bem com isso, deixando adolescentes e jovens muito pouco instruídos sobre como proceder, como nos coloca Débora:

Se fala muito em manter-se virgem, mas nunca em prevenção. Isto seria contrário aos princípios de se manter puro até o casamento. Fala-se de valor do corpo, das vantagens para o corpo e para a alma. Mas fala-se, principalmente, que é pecado contra Deus.

- **Sobre o aborto**

Quanto ao aborto, todos são contra, no entanto, consideram que poderia aceitá-lo em algumas situações especiais. Apenas um informante é mais radical e diz que nem em caso de estupro é favorável à interrupção da gestação.

Pra mim a vida se confirma na confirmação do encontro do homem com a mulher. Então o homem não tem autoridade em interferir no projeto da vida. Seja maduro e pense muito antes de fazer, use camisinha, a menina tome pílulas, se prepare para o casamento, evite certas práticas se você não consiga remediar o sexo, ou então se previna. Mas eu não aceito que as pessoas hajam de maneira infantil e irresponsável, imaturas e tente “corrigir” isso com aborto. Assuma, fez a besteira, assumo que faz, seja responsável como antes não foi, né. Então, sou contra. Terminantemente contra. Agora existem situações em que você pode estar analisando, de acordo com a situação. Esqueci o nome da doença em que a criança nasce sem cérebro...ou seja, a vida não vai ter seqüência, aquela gestação que não vai se completar para a mulher, acho que aí tem que racionalizar, o momento. No caso de gravidez em função de estupro, uma coisa polêmica e delicada, também é complicada de

responder, mas, como eu respondi anteriormente, é muito desagradável, mas aborto eu não concordo. Que destino você vai dar para esse tipo de relacionamento? Deus vai fazer milagre, de uma maneira tão grande, que é difícil de imaginar. Envolve milagre, envolve perdão, envolve amor por um feto que foi gerado dessa maneira brutal, covarde, inaceitável que é um estupro. Humanamente falando é difícil de ser aceito como uma coisa normal, Deus faz uma obra, mas ser a favor do aborto não. Sendo que a criança, depois se não quiser a criança, tem a adoção, de levar para a adoção, mas eu tenho minha maneira particular de lidar com isso, mas concordar com o aborto não (Mateus)

Estas posições não são diferentes da verificada por Cecília Mariz (1998) em pesquisa realizada em 1994, pelo ISER⁴⁸. Quanto ao aborto, 60% dos entrevistados só aceitavam a interrupção da gravidez em situação especial. Questionando se a postura dos fiéis refletia de seus líderes, pôde perceber que não há entre as lideranças evangélicas uma declaração oficial e unificada sobre o aborto, revelando assim a possibilidade de uma maior autonomia dos fiéis quanto ao assunto. O que não significa dizer que eles não sejam influenciados por suas denominações.

Novamente discutido no seminário promovido pelo CLAM, o direito ao aborto foi também motivo de diversas reações por parte dos religiosos. Contrários e favoráveis tiveram um embate, onde se de um lado promoveu diálogos, por outro mostrou que a questão é complexa e ainda precisará de muita reflexão. O ponto de vista evangélico foi representado por Eduardo Rosa Pedreira, pastor presbiteriano que expôs a posição dos evangélicos em geral sobre a questão. Eis como ele defende sua posição contrária ao aborto:

“Quanto ao aborto, há um nó teórico. A questão central, para uma linha protestante, é onde começa a vida. Se isso se clareia, aí as posições vão ser assumidas, a depender das situações. Posso dizer que há uma posição ética, chamada hierarquismo, que diz o seguinte: quando duas verdades, dois princípios morais absolutos, se chocam (exemplo: a mãe tem direito à sua vida; a criança também; ora, são duas verdades morais absolutas que se chocam), a ética nos diz que se deve optar pela verdade que vai trazer o bem comum, um maior bem-estar. Então, há um nó teórico aí; se ele for ultrapassado, as questões e as posições vão ser decorrentemente contra ou a favor.” (Depoimento registrado em GIUMBELLI, 2005:67)

A explanação do pastor continua deixando pouco clara a posição oficial da igreja evangélica, e subjetiviza a posição quando coloca a questão de ter que determinar a origem da vida. E tem sido justamente essa a posição e dificuldade de

⁴⁸ Op.cit. Fernandes (1998)

diversos setores, não só religioso, como da área médica e sociedade civil: decidir onde começa a vida.

Embora a resposta possa ser dada de diferentes formas, a religião como uma matriz de posicionamentos e por isso com força para intervenção social, representa uma grande força na consolidação dos seus valores.

- **Sobre a homossexualidade**

A discordância dos protestantes e pentecostais sobre a união civil entre homossexuais já é conhecida. Ainda que entre os mais escolarizados haja um pouco mais de reflexão sobre o assunto, ainda notamos a hostilidade, principalmente quanto à união civil homossexual.

Diversas pesquisas e uma vasta literatura têm sido produzidas com o propósito de apreender melhor o comportamento de religiosos frente a estas questões. No seminário intitulado *Religião e sexualidade: convicções e responsabilidades*, promovido pelo CLAM, que mais tarde deu origem a uma publicação com o mesmo nome, organizado por Emerson Giumbelli, reuniram-se diferentes profissionais de saúde, representantes das principais instituições religiosas (católica, protestantes, espíritas) e ativistas sociais com o objetivo de “dialogar” sobre temas como aborto, homossexualidade, AIDS e prevenção, dentre outros. O encontro revelou a tensão existente, principalmente, quando o assunto é a intervenção sobre a sexualidade e como as religiões lidam com esse tema na sociedade contemporânea.

O assunto mais discutido foi o da homossexualidade, denotando a complexidade que é abordar o tema. No seminário pudemos notar a hegemonia das igrejas evangélicas e a posição da igreja católica na condenação ao relacionamento e união civil entre homossexuais. Posição diferenciada com relação ao aborto, que embora condenado pelos grupos religiosos, são mais condescendentes com as exceções (má formação do feto, estupros e risco de vida da parturiente), já permitida por Lei. As formas de prevenção também foi discutido, e embora com algumas restrições parece ser “entre os problemas, o menor”.

Marcelo Natividade (2003) ao analisar as narrativas de homens pertencentes a comunidades evangélicas que mantêm ou mantiveram relações sexuais com

outros homens, percebeu os dilemas vividos por esses sujeitos, não só pelo fato de já terem um estigma social, como pelo fato de não poderem participar de forma mais ativa das atividades religiosas de seus grupos religiosos, por serem considerados pecadores por causa de suas opções sexuais, preferindo se omitir, escondendo sua preferência sexual, ou abandonar suas denominações para participar de grupos ou mesmo igrejas constituídas de fiéis com os mesmos problemas de adaptação.

“Eu abomino”, “Sou terminantemente contra”, “Eu não gosto”, “Não é bíblico” . Essas foram as respostas dadas pelos informantes ao serem perguntados sobre o que pensavam a respeito da prática homossexual.

Mateus, professor de História, reproduz um discurso que é dos evangélicos em geral:

Eu abomino. Sou terminantemente contra, não gosto. Fico muito feliz por ser uma pessoa definida sexualmente, um heterossexual. Acho uma prática distorcida da verdade. Eu não concordo com a homossexualidade. Mas acho importante que ao lidar com o pessoal, com o grupo de homossexuais você enfoque que os problemas não são eles, mas a prática que eles têm. Ou seja, eu abomino o homossexualismo, eu não abomino os homossexuais. Porque Cristo não se voltou contra as pessoas, mas contra as práticas que as pessoas faziam. A revolta de Cristo com as pessoas era em relação as suas práticas, e não simplesmente, pelo que elas são, né. Então é da mesma forma, eu abomino o homossexualismo, não acho uma prática coerente com o plano, com o propósito de Deus, acho que é uma relação incestuosa, pecaminosa, errônea. Mas temos que tomar muito cuidado, pois existe a discriminação tanto com o homossexualismo, quanto a quem é heterossexual, porque no momento político o movimento homossexual está muito forte em nossa sociedade. Então qualquer coisa que você fale ou faça, dependendo da maneira como se interpreta você pode ser tachado, você ser julgado de uma maneira preconceituosa da mesma forma que você critica, pode ser criticado.

Embora elabore uma posição bastante criticada pelos homossexuais, quando diz que o problema não é o homossexual, mas a sua prática, que Deus tem ódio do pecado, mas não o pecador.

Durante o seminário supracitado, ativistas de movimentos gays e de lésbicas entraram em conflito com o coordenador do movimento evangélico MOSES⁴⁹, ao questionarem a posição do movimento em definir a homossexualidade como

“sexualidade doente” e sugerindo cura para os homossexuais. Esta posição considerada pelos presentes muito radical fez com que o professor e psicanalista Jurandir Freire questionasse a todos a respeito da “*preocupação moral obsessiva e desmesurada com o sexo*” (GIUMBELLI, 2005:88), ao considerar que nos Evangelhos e epístolas pouco se fala em sexo, muito menos do que a importância que veio ter nos escritos posteriores.

Os princípios que marcam a posição religiosa em questões que dizem respeito à sexualidade parecem, nos depoimentos dos solteiros, cada vez menos consensuais. No entanto, no tocante à regulação do comportamento dos fiéis, os evangélicos ainda são bastante rigorosos. Embora não controlem totalmente seus fiéis jovens solteiros, as igrejas parecem estar conseguindo assim mesmo manter salvaguardadas suas doutrinas. Respeitando e mantendo-se obedientes a essas, esses jovens evitam sua exclusão da participação na comunidade que tem sido um espaço de prazer ritual e de comunhão.

⁴⁹ O MOSES (Movimento pela Sexualidade Sadia) criado por João Luiz Santolin, que se define como ex-homossexual, tem como objetivo “alcançar e ajudar os que sofrem de desvios sexuais de quaisquer espécies”. www.moses.org.br

CONCLUSÃO

O verdadeiro tesouro da igreja é o santíssimo Evangelho da glória e da graça de Deus”
(62ª tese de Lutero)

O protestantismo é uma religião de cismas. Isso se dá em função de sua própria ideologia. É uma religião de escolha pessoal, cujo princípio fundamental, o sacerdócio universal dos crentes, faz com que cada um busque a Deus sem necessariamente a intervenção institucional. Como afirma Rubem Alves (2004: p.64), *“O individualismo protestante contém em si as sementes da desintegração(...). A cada nova interpretação se segue um cisma”*

O protestantismo favoreceria assim, a desinstitucionalização dentro de suas próprias paredes. De fato o que podemos perceber ao longo de séculos de presença protestante, é que em todo o mundo e especialmente no Brasil, as diversas denominações de origem histórica ou não, pentecostais ou neopentecostais, foram surgindo como respostas às mais diversas ansiedades de indivíduos que buscavam na religião uma ordem organizacional para o caos em que viviam.

O crescimento dos evangélicos apontado pelo último Censo do IBGE, e principalmente suas características, refletidas na expansão das igrejas neopentecostais, indica que o protestantismo continua fazendo adeptos, e estes continuam fazendo parte de uma igreja, quer sejam como membros associados, quer sejam como meros visitantes. Essas igrejas funcionariam como comunidades, lugar onde encontram amor, perdão e comunhão. Novas solidariedades, novas experiências e lideranças carismáticas que sabem conduzir a todos em busca do prazer ritual.

Mas o protestantismo, mesmo que multiplicado em suas várias faces, tem suas regras, suas doutrinas, e como uma religião de ética e valores morais absolutos cobra de seus membros comportamentos dignos de um crente.

Os evangélicos precisam testemunhar sua mudança de vida (o nascer de novo), seus novos valores e principalmente o impacto renovador que tem todo aquele que é salvo, e para isso precisam evitar escândalos e a companhia de pessoas que não fazem parte da mesma fé.

A moral sexual, expressada principalmente no tema da virgindade, é a mais cobrada no discurso evangélico. Ainda que não possa ter um controle sobre todos os seus fiéis no que diz respeito às suas vidas privadas, líderes desencorajam quaisquer comportamentos que vão contra os princípios da moral cristã pregada dentro de suas igrejas. Para tanto, lançam mão de todos os meios para ensinar a importância de manter salvaguardados os princípios morais cristãos.

A dificuldade de manter esses princípios salvos das influências do mundo moderno, com sua liberalidade e apelo à vontade e liberdade individuais, é devida à autonomia que cada um tem na condução de sua própria vida, e de não querer estar sob o jugo de ninguém, nem mesmo de seu grupo religioso.

No terreno da intimidade esse controle se torna mais conflituoso. Como tornar público algo que é totalmente individual e íntimo? Como a vida privada pode tornar-se pública sem causar escândalo? E, em se tratando de ideal de santidade do cristão evangélico quando ele cede à tentação, seja ela qual for, deve confessar a Deus e clamar por perdão. Mas uma vez que ele pertence a uma comunidade, deve fazê-lo também a ela, como prova de fidelidade e compromisso.

Anthony Giddens afirma que a sociedade moderna fez da autonomia sua grande conquista, e:

No terreno da vida pessoal, autonomia significa a realização bem-sucedida do projeto reflexivo do eu – a condição de se relacionar com outras pessoas de um modo igualitário (GIDDENS, 1993:206)

Conciliar essa condição com os limites impostos pelas instituições religiosas é um desafio para o crente.

Através de pesquisas já citadas sobre o tema, e dos depoimentos aqui analisados, podemos perceber que há diversas formas do solteiro lidar com a questão do pertencimento à instituição e a obediência às suas doutrinas, fundamentalmente no que diz respeito à prática de sua sexualidade.

Mandamentos e valores sagrados versus desejos, prazeres carnis e valores sociais divergentes daqueles que aprenderam durante toda a sua infância evangélica, ou mesmo apreendidos depois, são esses os dilemas da maioria dos evangélicos que chegam à idade adulta sem ainda ter casado. Privar-se de vontades e desejos, entendidos como tentações sexuais, é um compromisso que precisa ser a cada dia reafirmado como uma escolha própria, mas que implica em

punição se não acatá-lo em conformidade com a vontade da instituição a qual pertencem.

Estes indivíduos buscam aconselhamentos com seus líderes muitas vezes com o objetivo de encontrar orientação para suas dúvidas, e o que eles têm como respostas muitas vezes não os agrada, pois segundo alguns entrevistados, ao invés de ajudar, os condenam ainda mais. Um exemplo disso é o conselho dado pela moderadora da comunidade “Solteiros Cristãos”, aos jovens:

“Conscientizem-se do que estão fazendo. Quando vocês deixam a carne falar, vocês calam o Espírito Santo de Deus. Diferente de nós o Espírito de Deus não habita no pecado. Quando você cai em tentação o Espírito de Deus se afasta. Não só porque estão em pecado, mas porque nesse momento vocês decidiram mutuamente a dar as costas a Deus e dar lugar a satanás. O que vocês fazem não são escorregões, mas decisões pessoais de cometer pecados que afastam o Senhor de vocês. Todo pecado tem como salário a morte. E ainda que vocês não caiam duros cada vez que escorreguem, estarão matando os dons espirituais, os frutos do Espírito, o temor do Senhor e finalmente, o sacrifício da cruz” (Solteiros Cristãos – 25/05/05).

Analisando as diversas pesquisas, depoimentos e bibliografias difundidos por líderes evangélicos foi possível perceber que a igreja evangélica procura de todas as formas divulgar e assegurar seus princípios doutrinários com relação à prática sexual pré-nupcial tem entre seus membros solteiros.

Com essas doutrinas, jovens e adultos solteiros precisam a cada dia renunciar às coisas do mundo (riqueza, luxúria e, principalmente, desejos carnis). O mundo apresentando para esses jovens o ilícito como lícito e desejável, os seduziria, pela tentação de fazê-los experimentar o mundo moderno com todas as suas possibilidades de prazeres. Mas é o prazer sexual o mais condenado, uma vez que podemos observar que a busca por prosperidade, principalmente, financeira tem sido estimulada o tempo todo, principalmente, por denominações neopentecostais.

Desta forma, podemos perceber que a repressão institucional religiosa ainda coloca sobre a questão da sexualidade um enorme peso, punindo de forma rigorosa quem não obedece à doutrina da pureza sexual. Essa punição não se daria apenas de forma prática, na confrontação do desviante com sua congregação, mas também de forma mental, de tal maneira, que através da culpabilização pelo fato de não estar agindo em conformidade com os princípios adequados à doutrina da abstinência sexual, o fiel se sinta muitas vezes desconfortável em praticar os rituais de sua denominação.

Mas nem todos os fiéis têm agido assim. Se de um lado o pertencimento a uma comunidade religiosa é importante, é uma referência de apoio espiritual e emocional para o indivíduo, o querer liberdade para a prática de sua sexualidade está presente. E negociar esse dilema é um problema para o solteiro evangélico.

O indivíduo é livre, ser jovem é ser livre. Essa é a tônica da sociedade moderna e individualista. O crente é livre (“Conhecereis a Verdade e a Verdade os Libertará”), mas é livre pra fazer a Vontade da Verdade, que é Deus. É uma autonomia relativa. O crente é livre justamente porque não estaria sujeito às coisas do mundo, à moral mundana. Ter vida sexual antes do casamento é uma moral do mundo. Ser livre para o evangélico é justamente abdicar desses valores para viver a vida de santidade moral.

Estudiosos da sexualidade humana colocam que a emancipação sexual é questão *sine qua non* para autonomia e potencialidades do eu. A sexualidade, expressa de modo adequado, e liberada das repressões e restrições impostas socialmente, não só faria bem ao indivíduo como a sociedade como um todo.

De acordo com Giddens (1993, p. 192), a sexualidade sofreu um processo de seqüestro. Foi capturada, ao ser completamente desvinculada do seu processo natural, para sofrer um processo de intervenção social, e tornar-se função da reprodução. E em função disso qualquer comportamento sexual que não estivesse orientado para reprodução era concebido como impuro, principalmente, quando se tratava do comportamento das mulheres.

Assim, segundo o autor, a sexualidade só se converteria em uma propriedade do indivíduo quando sua auto-identidade fosse assumida num processo reflexivamente organizado, ou seja, a sexualidade deixa de ser apenas para a reprodução para tornar-se um projeto reflexivo do eu.

Se a identidade evangélica implica o reconhecimento e a prática do compromisso com Deus e com a comunidade a qual o fiel pertence, para os solteiros evangélicos significa também uma luta diária entre os valores sociais modernos e os valores tradicionais de sua denominação. No entanto, mudanças na forma de lidar com esses valores não têm passado despercebidas.

Dentro do grupo entrevistado foi possível identificar três comportamentos que, na prática, se distinguem pelo tipo de resposta à tensão entre as regras da igreja e os novos valores morais da sociedade e que revelam as novas dinâmicas entre o ethos privado, caracterizado pela escolha individual e pelo domínio secreto

da intimidade pessoal, e o ethos religioso, ou seja, a disposição ética ou comportamento que reflete a associação a um grupo religioso e, conseqüentemente às suas doutrinas e seus dogmas. Eles revelam que, no âmbito da sexualidade, algumas tomadas de atitudes revelam como os jovens estão se comportando frente aos valores da instituição e, qual a importância dessa no seu cotidiano social.

O primeiro comportamento é representado por aqueles que apesar das doutrinas bíblicas da proibição da prática sexual antes do casamento, não obedecem ao mandamento, mas continuam participando ativamente das atividades congregacionais, sem nenhum constrangimento. Ao contrário, justificam seu comportamento como o resultado de uma relação mais direta com Deus, independente da intermediação com a instituição, representada pelo líder maior que é o pastor da igreja. Desassociam o castigo de Deus, que seria muito menos rigoroso em suas punições, do castigo dos líderes que, assumindo uma postura muito ditatorial, seriam muito duros em seus julgamentos. Como consideram que os líderes são tão passíveis de erros quanto qualquer outro membro, não veriam neles a razão para obedecer a uma regra mais que a uma outra. Além disso, acreditam que as igrejas devem se preocupar com coisas muito mais importantes, do que a regulação da prática sexual dos jovens.

Esse comportamento é característico de uma relação bem mais flexível de adesão e pertencimento a uma instituição religiosa. Representa novas negociações entre a experiência cosmológica e a prática social cotidiana. Aqui não há internalização da culpa. A confissão do pecado e até a expiação da culpa se dá na forma direta com o divino, não é preciso a intervenção institucional. É uma racionalização do ethos religioso, e ao mesmo tempo torna mais veemente a responsabilidade individual do crente.

Indica também que uma vez assimilado os valores éticos e morais aprendidos dentro da instituição, de forma reflexiva os fiéis questionam a ela própria, revelando que não têm uma religiosidade desvinculada da crítica à instituição quando necessária.

Um segundo comportamento observado é representado por aqueles que internalizam as regras da instituição, obedecem aos seus mandamentos, confiam que receberão uma recompensa bem maior do que o sacrifício a que se submetem, quando abdicam da prática sexual antes do casamento, ou de qualquer outro comportamento em que a sexualidade seja manifesta.

Para esses jovens, a experiência da pureza os aproxima de Deus, que considera puros e santos aqueles que obedecem à sua Palavra, ou seja, às Escrituras Sagradas. Não consideram a obediência um peso, mas uma batalha espiritual diária entre o bem e o mal, este representado quase sempre pelo comportamento dos indivíduos do “mundo”. Tentados a todo momento pelo que o mundo secular oferece, segundo eles é no âmbito da sexualidade que essa tensão é mais presente.

Sendo parte de uma sociedade em que a prática sexual pré-nupcial tornou-se corriqueira e desvinculada de qualquer compromisso mais formal de união matrimonial, para esses jovens namorar e continuar obedecendo aos mandamentos bíblicos da castidade é cada dia mais difícil, principalmente quando eles se envolvem em relacionamentos com companheiros que não compartilham da mesma fé. Relacionamentos estes, que quase sempre terminam, em função dessa incompatibilidade.

As dúvidas colocadas por esses jovens são sempre em relação ao futuro conjugal. A pergunta que se fazem é se realmente a “escolha” por manterem-se puro será compensatória num futuro mais distante. Se haverá realmente alguém especial e comprometido com Deus para aqueles obedientes aos seus mandamentos. Temem esperar muito, mas não querem abrir mão desse desafio, já que esperaram até agora; mas também temem se arrepender e não receberem as tão esperadas bênçãos.

Esses jovens representam aqueles que, embora não muito certos de estarem fazendo a opção certa, temem desobedecer às regras da instituição. Para esses, os discursos presentes em materiais de divulgação, como livros, filmes e campanhas que valorizam a pureza sexual e condena todo e qualquer tipo de envolvimento sexual antes do casamento são absorvidos de tal forma, que obedecê-los é uma consequência da fé, não só nas Escrituras, como também na instituição religiosa, concebida como legítima controladora e guardiã da obediência aos mandamentos divinos. Temem ser motivo de vergonha da família e da igreja.

E, por fim, o terceiro comportamento, diz respeito aos jovens que cederam “à tentação sexual” e convivem com o dilema de continuar pertencendo ao grupo religioso, embora sentindo-se culpados por estarem transgredindo não só as regras da instituição como também e, principalmente, estarem desobedecendo aos mandamentos divinos. Aqui instituição e divindade se fundem e tornam-se um

mesmo elemento. Desobedecer à instituição é desobedecer a Deus. Estar impuro perante a instituição é estar impuro diante de Deus. Não é possível esconder nada da instituição, uma vez que Deus é onipresente. Além disso, mesmo que deixem de participar do grupo, continuarão impuros diante de Deus e essa reconciliação só se dará quando estiverem novamente puros diante da instituição. A culpa é o elemento principal para que alguns se afastem por algum tempo da denominação que fazem parte; ou abandonando-a, ou indo para outra onde possa conviver de forma mais anônima. Aqui podemos inferir que a instituição enquanto lugar de rituais e reafirmação da crença ocupa um lugar fundamental na legitimação da fé individual. A instituição é o lugar do pertencimento e da comunhão, que assegurarão a felicidade e o bem-estar prometido pelas Escrituras.

Estamos, portanto, diante de diferentes comportamentos que revelam que o relacionamento do crente com a instituição evangélica a que pertence vem sendo modificado significativamente, em função da alteração na sua forma de crer e obedecer às doutrinas religiosas. A Igreja Evangélica, embora ainda possua mecanismos de controle sobre seus membros, vem perdendo cada vez mais força na imposição de valores no comportamento de jovens e adultos crentes, o que não significa que perca a sua importância em referência de ética e moral social.

Podemos inferir, portanto, que privatização e subjetivação da experiência religiosa como tendências da sociedade moderna é o que tem sido verificado na análise sociológica da religião. A experiência religiosa tenderia a ser cada vez mais algo particular e a relação com a instituição religiosa daria lugar a uma relação mais direta com o divino. Questões sobre a vida privada, tais como, experiências afetivas ou sexuais deixaram de ser controladas pelas instituições, uma vez que a autonomia dos indivíduos, também em termo de suas crenças, permitiria a estes se salvaguardarem de tais constrangimentos.

O pluralismo religioso permitiu uma movimentação maior dos fiéis, possibilitando-os escolher, dentro de um leque de possibilidades, o grupo religioso que melhor lhe conviesse. Para muitos pesquisadores isso podia significar o esfacelamento das instituições, para outros, o fortalecimento da religião, multiplicando-se por inúmeros grupos e arrebanhando milhares de novos adeptos.

No campo evangélico, o crescimento de denominações neopentecostais só afirma o que as pesquisas sociológicas já vêm percebendo: as igrejas evangélicas

precisam se adaptar às demandas dos novos fiéis, sendo menos rigorosas e mais flexíveis em suas doutrinas.

Agindo assim, deixam as portas abertas para abrigar todos aqueles que desamparados por uma sociedade cada vez mais individualista encontram no conforto da religião seu porto seguro; e nas novas denominações há espaço para todos, quer sejam atores, cantores e surfistas famosos, ou anônimos, todos se identificando com o mesmo propósito: encontrar na religião, no mundo espiritual, o que não encontram no mundo social: a possibilidade de transformar o caos em ordem. As congregações se estabelecem assim, adequando os hábitos e os costumes tradicionais de suas doutrinas às transformações da modernidade, ao comportamento da maioria.

No entanto, abrir mão de sua natureza doutrinária, ou seja, o compromisso com a verdade revelada, na Palavra de Deus, pode significar o fim de seu próprio propósito. Para isso precisa manter-se como detentora da moral; precisa garantir-se como espaço dos bons hábitos e costumes oferecendo aos indivíduos a segurança que a religião oferece. Por isso a instituição permanece, para dar plausibilidade aos crentes. Rubem Alves (2004, p.33) assim define a eficácia existencial e social da religião: *“Quando uma religião deixa de ter esse poder [sentido para viver e para morrer] para fazer algo com o homem ela fenece e morre”*. De acordo com Alves, quando o discurso eclesiológico é insuficiente, entra em crise e é preciso justificar-se teologicamente. Ter como base, imperativos éticos para as ações dos indivíduos faz com que as instituições permaneçam.

A instituição permanece. Permanece enquanto um mecanismo social, que se justifica enquanto condutoras dos comportamentos humanos, adequando-os ética e moralmente, porque os indivíduos clamam por isso, crendo ou não, participando ou não de algum grupo religioso, esperam por algo que lhes controle, que lhes mostre os limites, para que não se sintam desamparados.

Isso pôde ser percebido na análise de Denise Rodrigues (2007:50). Os chamados “sem religião” (segundo os dados do IBGE), que a autora preferiu redefinir como “sem e com religiosidade”⁵⁰, não significa que não crêem, apenas que não precisam estar associados a nenhuma denominação para crer, ou seja, separavam a crença a um deus ou força superior da adesão a uma instituição. Mas

consideravam a religião “*como propagadora de valores morais e éticos, controlando os instintos predadores individuais através da suposta lei de Deus, contendo, assim, um certo potencial educativo, no sentido mais amplo*”

Converter-se às doutrinas evangélicas é abdicar de um *ethos* privado para tornar-se obediente à Palavra de Deus. E sendo o protestantismo uma religião individualista, o livre exame da Bíblia e a liberdade individual dão o tom paradoxal à doutrina. O converso ou o crente terá que viver o paradoxo de querer os benefícios do pertencimento a uma comunidade evangélica, os benefícios da comunhão com a divindade, e ao mesmo tempo participar de certas vantagens da modernidade. É o dilema da modernidade, como diz Bauman (2004, p.9), é querer “*comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo*”.

É por querer “conservar o bolo” que os solteiros evangélicos, objeto dessa análise, ao mesmo tempo em que questionam alguns fundamentos doutrinários de suas denominações, procuram conservá-los porque crêem, que assim fazendo, obedecem a uma entidade que é maior que a instituição, mas que a representa, Deus.

As entrevistas revelaram que os fiéis têm muitas questões conflituosas com relação às doutrinas da moral sexual pregadas por suas denominações. Mas mesmo cheios de questionamentos a respeito dessas regras, não há uma atitude de rompimento com a instituição, mesmo quando se afastam por algum tempo.

Desta forma, podemos observar que os evangélicos entrevistados não têm a priori, nenhuma intenção de abandonar suas denominações religiosas, até que sejam obrigados por força da incompatibilidade de suas atitudes e das doutrinas a que precisam se submeter. Ao invés disso, transitam lá e cá, com um pé na igreja e outro no mundo. Neste mundo, que aprendem desde quando se convertem que é preciso menosprezar, rejeitar para poder ser chamado de santo! Mas ao invés de disso, preferem racionalizar os comportamentos ambíguos e contraditórios em que se encontram.

Podemos concluir que, uma vez que no contexto da modernidade o indivíduo ganhou um novo relevo na questão da sua própria intimidade sexual, os solteiros evangélicos são pessoas integradas no mundo e nas relações sociais. Não são pessoas puritanas, nem preocupadas com uma fé irrepreensível. Poucos

⁵⁰ A autora prefere definir os “sem religião” (dados do IBGE) como sem e com religiosidade. Sendo os primeiros aqueles que eliminam a religião das explicações para os eventos de suas vidas, e os segundos, como aqueles

parecem preocupados com os seus próprios testemunhos, mas colocam peso no aspecto da intimidade: Intimidade da própria vida, ao considerarem que nem tudo é permitido a instituição saber; da intimidade com Deus, pois é a Ele que recorrem primeiramente quando os problemas vêm.

A instituição, então, seria lembrada quando o crente precisa de comunhão. Precisa partilhar suas crenças, dar plausibilidade aos seus valores sagrados, porque a igreja é essencialmente comunidade. É Corpo de Cristo, e cada fiel seus membros. A perspectiva social evangélica é de comunidade. O crente vive e se fortalece em comunidade. A comunidade é necessária para que cada um experimente a transcendência, tão necessária para o fortalecimento da fé.

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e Tolerância*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ARAÚJO, M^a. Betânia. *Lutas e Tensões com as implicações do Logos*: um estudo sobre a vida de prazer das igrejas Batistas do Brasil. 1994. Dissertação de Mestrado. Recife. UFPE.

BARROS, Andréa Kelmer de. "*Quem Ama Confia*": as relações entre o papel da mulher batista no âmbito da igreja e a vivência da sua sexualidade no mundo. 2001. Dissertação de mestrado Juiz de Fora. UFJF.

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido*: Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001

_____. *Ética Pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

BEARMAN, P.S. & BRÜCKNER, H. *Promising the Future*: Virginity and First Intercourses. The University of Chicago: American Journal of Sociology, volume 106 (2001), pg 859-912.

BERGER, Peter. *Rumor de Anjos. A sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *O Dossel Sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

_____. Para uma compreensão sociológica da psicanálise. In: FIGUEIRA, Sérvulo Augusto (Org). *Psicanálise e Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1980.

_____. & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BIFANO, Gilson & BIFANO, Elizabete. *Eu também sou família: 13 estudos bíblicos para adultos, solteiros, divorciados e viúvos*. Rio de Janeiro: OIKOS, 2005.

BOZON, Michel. *Sociologia da sexualidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual do cristianismo*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

CAPRIO, Frank & ELLIS, Albert. *Sexo e a mulher solteira*. São Paulo: IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão cultural S.A.), 1971.

CASTRO, Mary Garcia (org.). *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO, 2004

CHAUÍ, Marilena. *Repressão Sexual: essa nossa (des) conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHESSER, Eustace. *Sexo antes do casamento*. São Paulo: IBRASA, 1978.

CRUZ, Elaine. *Ser jovem: os limites da idade do desafio*. Rio de Janeiro: Editora Betel, 1999.

DELUMEAU, Jean. *O Pecado e o Medo: a culpabilização no Ocidente (vol I e II)*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2003.

DOUGLAS, Mary. *Como as instituições pensam?* São Paulo: EDUSP, 1998.

DUARTE, Luiz Fernando. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: _____(org) *Família e Religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

_____. Ethos Privado e Justificação Religiosa. Negociações da Reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

DUMONT, Louis. *O individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Editora nacional, 1990

_____. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

EISLER, Riane. *O Prazer Sagrado: Sexo, mito e política do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FERNANDES, Rubem Cesar et al. *Novo Nascimento: Os evangélicos em casa, na igreja e na política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

FERNANDES, Silvia Regina. “*Ser padre pra ser santo*”; “*ser freira pra servir*”: A construção social da vocação religiosa – uma análise comparativa entre rapazes e moças no Rio de Janeiro. Dez 2004. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UERJ.

FIRTH, Raymound. *Elementos de organização social*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *História da Sexualidade (I)*. RJ, Edições Graal, 2001.

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

GIAMI, Alain. Representações e Sexualidade: Psicologia social e pluridisciplinaridade. In: LOYOLA, Maria Andrea et al. *A Sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. *Para Além da Esquerda e da Direita: o futuro da política radical*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.

_____. *A Transformação da Intimidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

_____. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIUMBELLI, Emerson (org.). *Religião e Sexualidade: convicções e responsabilidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005

GOMES, Antonio Maspoli. *As representações sociais do corpo e da sexualidade no protestantismo brasileiro*. REVER (Revista de Estudos da Religião). Nº 1/2006/pp.1-38. http://www.pucsp.br/rever/rv1_2006/p_gomes.pdf

GRZYBOWSKI, Carlos. *Macho e Fêmea Os Criou: Celebrando a sexualidade*. Viçosa: Ultimato, 1998.

HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Ed., 1997.

HEILBORN, Maria Luiza (org.). *Sexualidade, família e ethos religiosos*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *Família e sexualidade*. Rio de Janeiro, FGV:2004.

_____. *Sexualidade: O olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____ & SORJ, Bila. Estudos de Gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio et al. *O que ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*. São Paulo: Sumaré/ANPOCS; Brasília, DF: Capes, 1999 (Vol. 1)

HERVIEU-LÉGER. Danièle. *O Peregrino e o Convertido: a religião em movimento*. Lisboa: Gradiva Publicações, 2005.

_____. *Representam os surtos emocionais contemporâneos o fim da secularização ou o fim da religião?* Religião e Sociedade. v.8, nº 1. Rio de Janeiro: ISER, 1997.

HOUTART, François. *Sociologia da Religião*. São Paulo: Editora Ática, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Senso Demográfico 2000. www.ibge.gov.br

KELLY, Gerald. *Juventude de hoje e castidade*. Portugal: Livraria Cruz, 1952.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LEAL, Ondina Fachel (Org). *Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social*. Porto Alegre: UFRGS, 2001).

LISBOA. Ageu Heringer. *Sexo: desnudamento e mistério*. Viçosa: Ultimato, 2001

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das ciências humanas. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Ed.,1999.

_____(org.). *A Sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

_____. Sexo e sexualidade na antropologia. In: _____ (org.) *A Sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

MACHADO, Maria das Dores. Autonomia individual e as transformações na família contemporânea. In: ORO, Ari Pedro et al *Representações Sociais e Humanismo Latino no Brasil Atual: Religião, política, família e trabalho*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

_____. *O Tema Aborto na Mídia pentecostal*. Revista Estudos Feministas. v.8, n.1. Florianópolis: 2000.

_____. *SOS Mulher: A identidade feminina na mídia pentecostal*. Ciências Sociais e Religião/Ciências sociais Y Religion. v.1. Porto Alegre:2000b.

_____. *Conversão religiosa e a opção pela heterossexualidade em tempos de AIDS*. Cadernos Pagu. v.11. Campinas: 1998.

_____. *Mulheres: da prédica pentecostal ao debate sobre a sexualidade, saúde reprodutiva, aborto e planejamento familiar*. In: SCHPUN.M.R. (Org.) *Gênero sem fronteiras: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

_____. *Carismáticos e Pentecostais. Adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados; São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

_____. *Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos*. Revista Estudos Feministas. V.3, n.1. IFCS/UFRJ; PPCIS/UERJ, 1995.

_____ & MARIZ, Cecília. *Mulheres e Prática Religiosa nas Classes Populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos*. RBCS, vol.12, nº 34, Jun 97.

MARIZ, Cecília Loreto. *Comunidades de vida no Espírito Santo: Juventude e religião*. Tempo Social. vol.17, nº.2, nov. 2005. p.253-273

_____. *A Opinião dos Evangélicos sobre o Aborto*. In: FERNANDES, Rubem César et al. *Novo Nascimento: os Evangélicos em Casa, na Igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. *Peter Berger: uma visão plausível da religião*. In: A Religião numa sociedade em transformação. Francisco Cartaxo Rolim (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. *Igrejas Pentecostais e Estratégias de sobrevivência*. In: BRAGA...et al. *Religião e Cidadania*. Salvador:1990

_____ & MACHADO, Maria das Dores. *Pentecostalismo e a Redefinição do Feminino*. Religião e Sociedade 17/1-2 (agosto, 1996) RJ, ISER.

_____. *Encontros e Desencontros entre Católicos e Evangélicos no Brasil*. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Fiéis & Cidadãos: Percursos de Sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

_____ & MELLO, Gláucia Rodrigues. *Insatisfações com a família e sociedades contemporâneas: uma comparação entre comunidades católicas e*

New Age. Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPE. v.13, n.1, 2007, p.49-75.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *A experiência religiosa e a institucionalização da religião*. Estudos. Avançados. São Paulo, v. 18, n. 52, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 July 2008. doi: 10.1590/S0103-40142004000300004

MILLS, Wright. *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

MOSSUZ-LAVAU, Janine. *Sexualidade e religião: o caso das mulheres muçulmanas na França*. *Rev. Estud. Fem.*, maio/ago. 2005, vol.13, no.2, p.377-386.

NATIVIDADE, Marcelo. *Carreiras Homossexuais e Pentecostalismo: Análise de biografias*. Dissertação de Mestrado. 2003. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.

NOVAES, Regina. *Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos*. Notas preliminares. Estudos Avançados 18 (52), 2004.

ORO, Ari Pedro. Os universitários brasileiros e a religião. In: _____ (org.). *Representações Sociais e Humanismo Latino no Brasil Atual: Religião, política, família e trabalho*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

PAIVA, Ângela Randolpho. *Católico, protestante, cidadão: Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

PIERRET, Janine. Elementos para reflexão sobre o lugar e o sentido da sexualidade na sociologia. In: LOYOLA, Maria Andréa (Org.). *A Sexualidade nas Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *"Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000*. Estud. av. , São Paulo, v. 18, n. 52, 2004 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 July 2008. doi: 10.1590/S0103-40142004000300003

_____. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: USP, Ed.34, 2003.

POCHMANN, Marcio (org). *Atlas da Estratificação Social no Brasil*. São Paulo, Cortez Editora, 2006.

QUIJADA, Oswaldo. *Diccionario Integrado de sexologia*. Spain: Editorial Alhambra, 1983.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos pelo Reino de Deus: Mulheres, sexualidade e a Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 1996.

ROCHA- COUTINHO. Maria Lucia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, Cátia Lima. *Católicas e Femininas: Identidade Religiosa e Sexualidade de Mulheres Católicas Modernas*. REVER (Revista de Estudos da Religião). Nº 2/2003/pp.36-55. http://www.pucsp.br/rever/rv2_2003/p_rodrig.pdf

RODRIGUES, Denise dos Santos. *Religiosos Sem Igreja: Um Mergulho na Categoria Censitária dos Sem Religião*. REVER (Revista de Estudos da Religião) dezembro / 2007 / pp. 31-56. www.pucsp.br/rever/rv4_2007/t_rodrigues.pdf

RODRIGUES, José Carlos. *O Corpo na História*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.

_____. *Tabu do Corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

ROHDEN, Fabíola & Equipe GRAVAD. *Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares*. In: HEILBORN, Maria Luiza et al *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SALISBURY, Joyce. *Pais da Igreja: Virgens independentes*. São Paulo, Editora Pagina Aberta, 1995.

SANTOS, Maria.Goreth. *A Mulher na Hierarquia evangélica: O pastorado feminino*. Dissertação de mestrado. 2002. Rio de Janeiro: UERJ.

SEPAL PESQUISAS. *Pesquisa com solteiros, divorciados e viúvos*. 2005 ([www.http//pesquisas.sepal.info](http://pesquisas.sepal.info))

STEIL, Carlos Alberto. *Pluralismo, modernidade e tradição: Transformações do campo religioso*. Ciências Sociais e Religião. ano 3, n.3, p. 115-129. Porto Alegre: 2001.

TEIXEIRA, Faustino. *O Sagrado em novos itinerários*. Julho, 2006 (http://www.empaz.org/dudu/du_art05.htm)

VALENTINI, N. e MEGLIO, C. *Sexo no confessionário*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1974.

VANCE, Carole. *A Antropologia Redescobre a Sexualidade: um comentário Teórico*. Revista de Saúde Coletiva, volume 5, nº1, 1995. IMS/UERJ. Relume Dumará.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999

_____. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. RJ, Jorge Zahar Editor, 1999^a

_____. *Subjetividade e Sociedade: Uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1992.

_____. *Economia e Sociedade* (vol.1). Brasília, DF: Editora UnB, 1991.

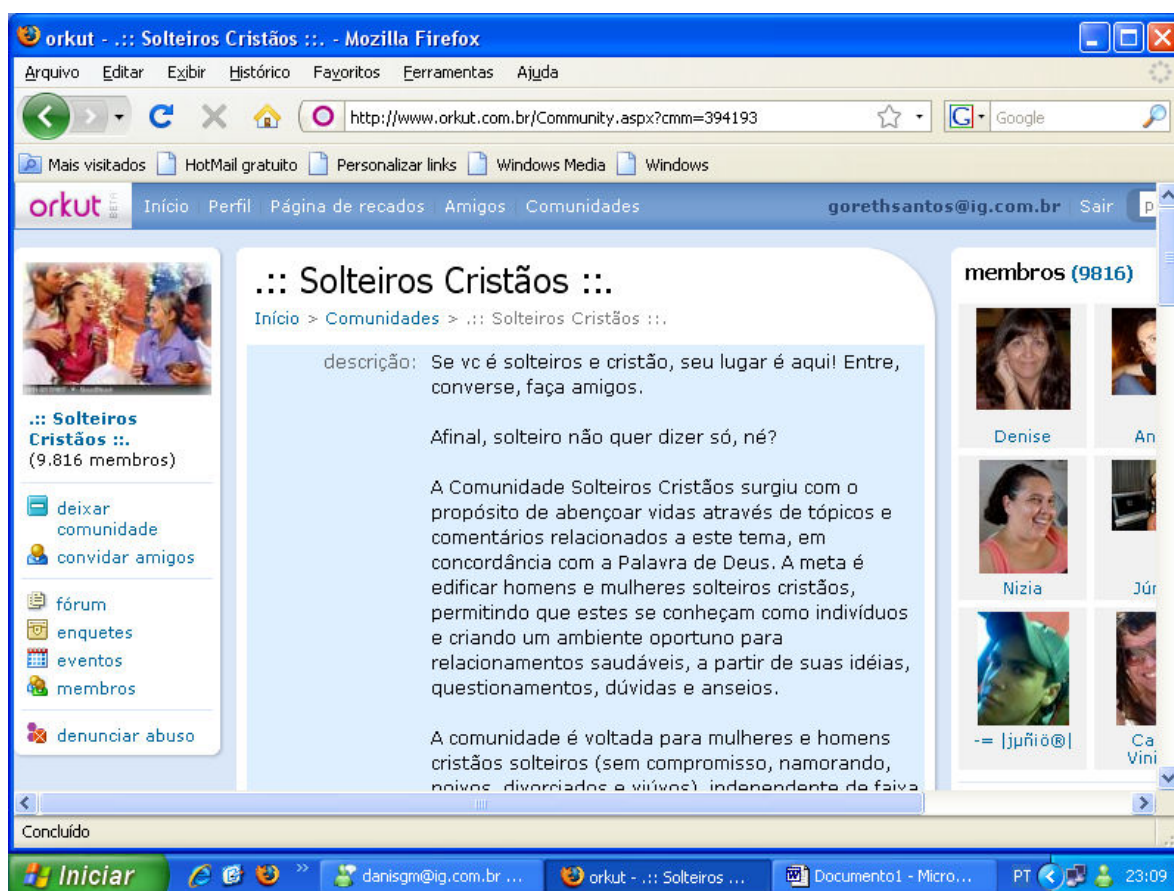
_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1982.

WHITE, John. *Eros e Sexualidade: Uma perspectiva cristã*. A.B.U. Editora s/c.2000.

WOODHEAD, Linda. *Mulheres e gênero: uma estrutura teórica*. REVER (Revista de Estudos da Religião). Nº 1/2002/pp.1-11
http://www.pucsp.br/rever/rv1_2002/p_woodhe.pdf

ANEXO 1

1. Página da Comunidade Solteiros Cristãos, no Orkut



ANEXO 2

ROTEIRO ETNOGRÁFICO DE ENTREVISTA Maria Goreth Santos Tese de Doutorado/PPCIS/UERJ

1. IDENTIFICAÇÃO

1.01. Nome:

1.02. Sexo: Masculino Feminino

1.03. Mês e ano do nascimento Mês Ano

1.04. Qual sua cor ou raça: branca preta amarela parda
indígena

2. DADOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS

2.01. Endereço (município e bairro): _____

2.02. Características do domicílio: Próprio Alugado
outros _____

2.03. Estado civil: Solteiro(a) divorciado (a) viúvo (a)

2.04. Identifique quem são as pessoas que habitam em sua casa.

3. CARACTERÍSTICAS PESSOAIS E FAMILIARES

3.01. Qual o grau de instrução do seu pai/sua mãe?

3.02. Qual a filiação religiosa do seu pai/sua mãe?

3.03. Qual a sua denominação religiosa? _____

4. TRAJETÓRIA DE ESTUDO E TRABALHO

4.01. Qual o seu nível de escolaridade?

Ensino fundamental/1º grau

Ensino médio/ 2º grau

Superior/graduação

Pós-graduação Mestrado

doutorado

4.02. A sua trajetória educacional ocorreu na maior parte em

Estabelecimento público Estabelecimento privado

4.03. Qual a sua atividade profissional atual? _____

4.04. Qual a sua remuneração atual? (aproximadamente) _____

4.05. Qual a sua renda familiar? (aproximadamente) _____

5. TRAJETÓRIA AFETIVO – SEXUAL

5.01. Possui namorado (a)? sim não. Há quanto tempo namora? _____

5.02. Tem filho (s)? sim não. Quantos? _____

5.03. Sua mãe/seu pai conversou sobre sexo com você?

sim/mãe não/mãe sim/pai não/pai

5.04. Que idade tinha quando sua mãe/seu pai conversou com você sobre sexo pela primeira vez? _____

5.05. Enumere os contraceptivos/preservativos que você conhece. _____

ANEXO 3

ROTEIRO DE ENTREVISTA
Tese de Doutorado/PPCIS/UERJ
mariagoreth@ibge.gov.br

Orientações gerais

Este roteiro é um guia para as informações que devem ser obtidas durante a entrevista. Em alguns momentos estão sugeridas perguntas. Mas, o entrevistador tem a liberdade para formular as questões ou introduzir os temas de acordo com o andamento de cada entrevista. O ideal é que se estabeleça uma conversa na qual o informante se sinta à vontade para narrar as suas experiências.

Consentimento informado

O entrevistador informou ao entrevistado no começo da entrevista sobre a natureza da pesquisa e sobre o sigilo das informações .

1. Características pessoais e familiares

Objetivo: Obter dados sobre a trajetória de vida através da constituição e/ou organização familiar (família de origem); Investigar a trajetória de estudo/trabalho e de que forma isso foi/é importante no projeto de autonomização do entrevistado na escolha da religião/grupo religioso.

1. Qual o seu nível de escolaridade, o que faz no momento?
2. Qual a sua filiação religiosa? Como e há quanto tempo se converteu. Mudou alguma vez de denominação?

2. Trajetória afetivo-sexual

Objetivo: obter informações sobre o primeiro envolvimento amoroso/sexual e os subsequentes. Atentar para o fato de que o entrevistado pode relatar um relacionamento só amoroso evitando o sexual, por causa do testemunho pessoal. Tentar perceber se esta experiência foi um namoro (mais estável ou duradouro) ou algo mais passageiro. Deve-se tentar precisar quando e como aconteceu cada evento e a duração dos relacionamentos, bem como as características do(s) parceiro (os) e a opinião sobre cada evento.

3. Já teve relação sexual? Quando aconteceu? Quantos anos tinha?.
4. Voce namora? Quando e como aconteceu sua primeira experiência amorosa?

5. Onde voce conheceu seu parceiro(a). Ele pertence ao mesmo grupo religioso que você?
6. O que mais marcou esta experiência?
7. Voce se arrependeu, por que?
8. Há alguém com quem você se abra, para compartilhar suas dúvidas?

3. Práticas sexuais

Objetivo: na medida do possível, identificar se houve práticas sexuais antes do matrimônio, como o informante reage sobre isso e como lida com essa problemática.

9. O que significa virgindade para voce?
10. O que voce pensa sobre a prática sexual antes do casamento ?
11. Como a igreja te ajuda sobre esses assuntos?
12. Voce já pensou sair da comunidade religiosa por causa desses assuntos?
13. O que voce pensa sobre a igreja interferir em sua vida pessoal?
14. Voce pensa haver mais pressão sobre as mulheres do que sobre os homens quanto a pureza sexual ?
15. Quando voce desistiu do propósito de continuar “puro sexualmente” até o casamento?
16. Quando o companheiro não compartilha os mesmos ideais de namoro, como faz?
17. Você alguma vez na vida foi constrangido (a) a ter uma relação sexual contra a vontade. Como reagiu. (pressão de parentes e amigos não evangélicos)
18. Como obteve as primeiras informações sobre sexo (se foi através dos amigos, da família, da escola, de revistas, jornais, TV);
19. Na sua igreja ou congregação que frequenta, há informações sobre sexo, sexualidade ou formas de prevenção. Com que frequência se discute essas questões em grupos de jovens?
20. Voce conversa ou troca confidências com alguém sobre namoro e sexo?
21. Você tem alguma coisa que não conta para ninguém a respeito dos namoros e relacionamentos sexuais em que se envolve?

4. Sobre experiências homossexuais.

Este tópico visa identificar a opinião dos entrevistados sobre este tipo de prática/relacionamento.

22. O que você pensa sobre a prática homossexual?

23. Você tem algum (a) amigo (a) homossexual?

5. Contraceção e Aborto

Objetivo: Explorar se o uso de contraceptivos é usual na relação sexual; Se conhecem e como aprenderam sobre a escolha de métodos.

24. Você conhece os métodos contraceptivos; Sabe como utilizá-los; Está preparado para utilizado caso seja necessário?

25. Você já utilizou algum tipo de método contraceptivo?

26. Qual a sua posição sobre o aborto?

27. Você faria aborto ou concordaria com um aborto?

28. Você conhece alguém na igreja em que frequenta que já fez aborto. Como reagiu?

29. O que você pensa sobre a punição por parte do grupo religioso?

30. O que você pensa sobre o casamento? Como você lida com avanço da idade e falta de perspectiva quanto ao marido ideal?

31. Você pretende casar?

32. Para você qual a importância de constituir uma família? Se não, como lidará com a opção de permanecer solteiro e casto?

33. Que atividades sociais você pratica para se distrair?

34. Há atividades na igreja para os solteiros? Você participa, o que pensa?